



Dr. Cotta Dias, novo ministro da Economia e das Finanças

A REMODELAÇÃO GOVERNAMENTAL

Quatro anos depois de o prof. Oliveira Salazar o ter nomeado para a pasta das Finanças, o dr. Dias Rosas exonerou-se, «por motivos particulares», daquele posto cimeiro na política económica do País. «Nos termos do parágrafo 2.º do art.º 107 da Constituição, cessam, com a exoneração do ministro, as funções dos secretários de Estado que com ele serviam»: saem do Governo os drs. Rogério Martins, Xavier Pintado e Vasco Leônidas. O novo titular da pasta da Economia e das Finanças é o dr. Manuel Artur Cotta Agostinho Dias, deputado e membro de comissões parlamentares e presidente da comissão executiva da Acção Nacional Popular, de cuja comissão central já foi vice-presidente. Com ele entram para o Governo os drs. José Luis Sapateiro (Tesouro), Hermes dos Santos (Indústria) e Mendes Ferrão (Agricultura). Passa a secretário de Estado o dr. Alexandre Vaz Pinto (Comércio) e mantém-se secretário do Orçamento o dr. Vítor Coelho. A remodelação abrange ainda os Ministérios das Obras Públicas, do Ultramar e das Corporações, assumindo o dr. António Morgado Pinto Cardoso a subsecretaria de Estado do Trabalho e Previdência. (NA PÁGINA 2)

LEIA HOJE
MESA
REDONDA

Escandalo "Quick" abala a Alemanha

RAINER BARZEL ABREVEIA AS FÉRIAS NO ALGARVE

Rainer Barzel, que se encontra de férias no Algarve, decidiu abreviar a sua estadia em Portugal em consequência do caso «Quick», devendo regressar a Bona no domingo. A revista «Quick», que esteve na origem de um escândalo ao publicar a carta de demissão do antigo «super-ministro» da Economia e Finanças Karl Schiller, acaba de ser vítima duma severa ruge policial nos dois últimos dias. A oposição tenciona servir-se deste caso nas próximas eleições. O presidente do grupo parlamentar da CSU, Richard Stueken, classificou a operação policial como «um escândalo dificilmente concebível» causado por uma carta que continha «verdades extremamente desagradáveis» para o chanceler Willy Brandt.



O redactor-chefe do «Quick», Heinz Van Nouhuys, sendo revistado por um procurador da Justiça no seu gabinete (UPI/Tetimprensa/DL)

RESUMO

1) A Câmara dos Representantes dos EUA proporcionou ontem importante vitória ao presidente Nixon ao rejeitar uma emenda destinada a impor a retirada completa das forças americanas do Vietname em troca da libertação dos prisioneiros por Hanoi e de um cessar-fogo. 2) George McGovern, em campanha eleitoral como candidato democrático à Casa Branca, efectua uma digressão pelos Estados da Nova Inglaterra, assinalada por violentos ataques contra o presidente republicano Nixon, descrito como «o amigo dos gatos gordos». 3) O comentador egípcio Hassanein Heykal revelou que cinco aviões pilotados por soviéticos foram abatidos em menos de um minuto por aparelhos israelitas, sobre o Egipto, em Junho de 1970. 4) O secretário de Estado para a Irlanda do Norte, William Whitelaw, poderá anunciar hoje o termo do internamento sem culpa formada, depois de uma reunião com dirigentes católicos.

TELEX/DIPLOMATICO

A TENSÃO SOVIETO-CHINESA

LONDRES, 11 — A União Soviética espera que as forças pró - russas na China, que se encontram agora numa posição de desvantagem, se revelem depois da morte de Mao Tsé-Tung e promovam a reconciliação com o Kremlin — afirma-se em círculos comunistas fidedignos de Londres. Moscovo tenciona, portanto, esperar pacientemente até que Mao desapareça da cena chinesa.

O Kremlin — afirma-se — tem razões para acreditar que «não são insignificantes as forças» que, na China, são favoráveis às relações e cooperação com a União Soviética, de preferência à reconciliação com os Estados Unidos.

Estas forças estão em posição de desvantagem perante a linha rígida anti-soviética de Mao e o seu profundo antagonismo e desconfiança para com os russos.

Os que, na República da China, defendem o regresso a um alinhamento mais próximo com a Rússia pertencem ao Partido Comunista e sobretudo à classe militar.

Estes militares estão convencidos — julga-se — que o regresso da China a relações de amizade com Moscovo não só eliminaria o perigo de confronto armado dos dois gigantes comunistas, mas abriria o caminho para consideráveis fornecimentos de armas russas e auxílio económico.

O «caso Lin Piao» — o

herdeiro oficial que foi eliminado nos princípios deste ano por ter entrado numa conspiração com os russos contra Mao — foi citado como «prova» da existência de um grupo pró - Rússia na China.

Antes da queda de Lin Piao, a ira de Mao dirigia-se contra o presidente Liu Shao-Chi, considerado o principal inimigo do regime de Pequim e de fortes tendências pró - russas.

Mao, que, segundo parece, nunca confiou em Estaline, voltou-se completamente contra a Rússia no fim da década de 50, quando o conflito sino-soviético se tornou evidente, com a retirada de milhares de técnicos russos que deixaram, por concluir, centenas de projectos vitais para a China.

Mao, acima de tudo, nunca perdoou que Nikita Krushchev, o antigo chefe do governo russo, já falecido, não tivesse cumprido a promessa feita de fornecer à China o modelo de uma bomba atómica.

Por
R. C. THALER
ANI/DL

Os russos, em conversas particulares, têm afirmado que nunca abandonaram a esperança de uma possível reconciliação com a China, apesar do abismo que separa as duas potências comunistas.

Esta reconciliação não se prevê na esfera ideológica, mas é considerada possível no campo político, mesmo pelos russos.

Os russos têm procurado sempre manter os contactos com Pequim, até mesmo no auge do conflito quando, há dois anos, as suas forças se defrontaram.

As negociações sobre a questão da fronteira sino-soviética estão em curso há dois anos e, embora não tenham dado qualquer resultado, continuam vivas — pelo menos em nome.

No princípio da primavera deste ano, Moscovo pretendia fazer novas sondagens

de paz em Pequim, mas a tentativa foi repelida.

Quando, em Maio passado, Pequim nomeou um novo negociador para as conversações sobre a fronteira, nasceram novas esperanças em Moscovo. Mais uma vez, porém, estas esperanças foram vãs.

Um novo Atlas, publicado recentemente em Pequim, insere mapas que indicam, como pertencendo à China, uma área de um milhão e quinhentos mil quilómetros quadrados. Nesta área está incluída a Mongólia, a maior parte do Kasakistão, parte da Sibéria e outras áreas da Ásia soviética.

Este facto enfureceu os russos, que advertiram que o facto podia ter graves consequências políticas.

Em determinada fase do conflito sino-soviético, Moscovo considerou Chu En-Lai, chefe do governo chinês, entre aqueles que considerava aptos para um possível contacto.

Todavia, a compreensão que Chu En-Lai mostrou para com os Estados Unidos no princípio deste ano e a política revelada em recentes contactos internacionais desapontaram Moscovo.

Mas o «caso Lin Piao» continua, a alimentar a esperança de que haja outras forças na China, favoráveis a um encontro com a Rússia e de que essas forças possam surgir num futuro não muito distante.

A CABRA SUSPEITA

A Polícia nigeriana deteve ontem em Lagos uma cabra suspeita de tentativa de rapto. A medida resulta de uma espécie de psicose do rapto que se apodera da população e das autoridades de Lagos. Muitos nigerianos estão convencidos de que os raptadores de crianças têm poderes sobrenaturais que lhes permitem não só atrair e enfeitiçar crianças, cujos cadáveres usam em rituais religiosos, mas também de se transformarem em cabras, quando a situação lhes é desfavorável. Até agora, a cabra não recuperou a aparência humana. (FP/DL).

HOTÉIS REPLETOS

Nem uma vaga nos hotéis e pensões de Lisboa, Estoril e Algarve. O aumento de turismo externo e interno esgotou há muito as lotações, apesar do apoio dos quartos de casas particulares. Camas a menos no Verão e mais no resto do ano é o grande problema do turismo português que sofre a concorrência da vizinha Espanha e outras zonas providas de infra-estruturas adequadas. (Pág. 11).

HOJE: 32 PÁGINAS

DL / VIDA NACIONAL



Dr. Augusto Vítor Coelho (Secretário de Estado do Tesouro)



Dr. Hermes Augusto dos Santos (Indústria)



Dr. Alexandre Vaz Pinto (Comércio)



Prof. José Eduardo Mendes Ferrão (Agricultura)



Dr. António Morgado Pinto Cardoso (Trabalho e Previdência)



Dr. José Luís Sapateiro (Tesouro)

Uma remodelação governamental hoje anunciada atinge os postos cimeiros da condução económica do país. Abandona o Governo um dos ministros que se encontrava em funções já no último gabinete do prof. Salazar (Agosto de 1968): o dr. Dias Rosas. São substituídos alguns dos nomes mais significativos da equipa governativa criada pelo prof. Marcello Caetano: o eng.º Rogério Martins, o eng.º Vasco Leônidas, o dr. Xavier Pintado, o dr. Santos Labisa e o prof. Abreu Faro, figuras importantes da Acção Nacional Popular: o dr. Cotta Dias (novo ministro da Economia e das Finanças) e o dr. Hermes dos Santos (secretário de Estado da Indústria). O dr. António Pinto Cardoso foi nomeado subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, mantendo-se em funções o Secretário de Estado respectivo, dr. Silva Pinto.

Da equipa que trabalhava com o dr. Dias Rosas, só se conserva em exercício o secretário de Estado do Orçamento, dr. Augusto Vítor Coelho. Para a secretaria de Estado da Agricultura foi nomeado o prof. Mendes Ferrão. O novo titular da secretaria de Estado do Comércio é o dr. Alexandre Vaz Pinto (que era subsecretário da mesma pasta), e da secretaria de Estado do Tesouro o dr. José Luís Sapateiro.

No Ministério do Ultramar passaram a secretários de Estado os subsecretários de Estado do Fomento Ultramarino e da Administração Ultramarina: dr. Rui Martins dos Santos e comandante Sacramento Monteiro.

No Ministério da Educação Nacional foi criada a secretaria de Estado da Instrução e Cultura e investido nela o dr. João Costa André. De subsecretário, o dr. Augusto de Ataíde S. de Albergaria passa a secretário de Estado da Juventude e Desportos.

O dr. Nogueira de Brito ocupa a recém-criada secretaria de Estado do Urbanismo e Habitação, do Ministério das Obras Públicas.

CUMPRIMENTOS

Os novos elementos do elenco governamental e os que se mantêm nele mas em novo cargo tomaram posse dos seus cargos às 16 horas, em cerimónia realizada no Palácio de Belém, com a presença do Chefe de Estado.

Uma hora antes, o almirante Américo Thomaz recebera cumprimentos de despedida das personalidades que deixam o Governo.

Os novos membros do Governo assumiram as suas funções, nos respectivos ministérios: às 17 horas nos Ministérios da Economia, das Finanças e das Obras Públicas; às 18 e 30 no Ministério da Educação; às 19 horas no Ministério das Corporações.

OS NOVOS GOVERNANTES

O dr. MANUEL COTTA DIAS, agora nomeado ministro



Dr. Rui Martins dos Santos (Fomento Ultramarino)



Comandante Leão Sacramento Monteiro (Administração Ultramarina)



Dr. Augusto de Ataíde Soares (Juventude e Desportos)



Prof. João Luís da Costa André (Instrução e Cultura)



Dr. José Luís Nogueira de Brito (Urbanismo e Habitação)

REMODELAÇÃO GOVERNAMENTAL NO SECTOR ECONÓMICO

das Finanças e Economia, nasceu em Évora, em 1929. Licenciou-se em Direito, exercendo em seguida advocacia e consultas jurídicas. Desempenhou funções directivas em diversas instituições da Previdência Social. Em 1958 transitou para o Ministério da Economia, como vice-presidente da Junta Nacional da Cortiça, a cuja presidência subiu em 1961, ocupando-a até 1967. Nesse mesmo ano foi nomeado presidente da Junta Nacional do Vinho e Administrador-Geral do Alcool. Em 1969 foi nomeado para o Conselho de Administração do Banco de Fomento Nacional, lugar que deixou nesse mesmo ano. Candidatou-se a deputado pelo distrito de Évora e foi eleito. Tem, nessa condição, colaborado nos trabalhos e estudos do planeamento económico, no Secretariado Técnico da Presidência do Conselho.

O dr. AUGUSTO VÍTOR COELHO, agora nomeado secretário de Estado do Orçamento, nasceu em Lisboa em 1920, e licenciou-se em Direito. Exerceu advocacia nas Caldas da Rainha, e, entre 1949 e 1953, foi presidente da Câmara Municipal da Nazaré, lugar que abandonou para ingressar na magistratura judicial. Foi, mais tarde, nomeado procurador-geral da República, motivo por que foi auditor jurídico do Departamento de Defesa Nacional. A 19 de Agosto de 1968 ingressou no Governo como subsecretário de Estado do Orçamento, para passar a secretário da mesma pasta a 27 de Março desse ano, lugar que exerceu até agora.

O dr. JOSE LUIS SAPATEIRO agora nomeado secretário de Estado do Tesouro é licenciado em Direito. Nasceu em Montemor-o-Novo, em 1927. Foi subinspector da Assistência Social, e depois de exercer a advocacia, ingressou nos quadros do Banco de Fomento Nacional, consultor jurídico do Gabinete do Ministro das Finanças até 1959, e mais tarde do Gabinete do ministro da Economia. Como representante do Ministério das Finanças negociou, em Lisboa e Washington, todos os empréstimos até agora concedidos

pelo Banco Mundial às empresas portuguesas. Foi administrador da Companhia de Celulose do Ultramar Português.

O dr. JOSÉ NOGUEIRA DE BRITO, nomeado secretário de Estado do Urbanismo e Habitação, nasceu em 1938, e formou-se em 1962, pela Faculdade de Direito de Coimbra. Após a licenciatura desempenhou as funções de secretário-geral da Junta de Acção Social do Ministério das Corporações e Previdência Social. Foi consultor jurídico do Gabinete do ministro das Obras Públicas. Ingressou no Governo, em 1969, como subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, cargo que ainda desempenhava.

O capitão-de-fragata LEÃO SACRAMENTO MONTEIRO, desempenhava, à data da actual nomeação pra secretário de Estado de Administração Ultramarina, o cargo de subsecretário da mesma pasta, desde 15 de Janeiro de 1970. Foi nomeado governador de Cabo Verde em 1962 e reconduzido nesse cargo em 1966. Desempenhou interinamente, até 1960, as funções de chefe do Gabinete do ministro da Marinha, quando já era seu ajudante-de-campo.

O dr. RUI MARTINS DOS SANTOS é agora secretário de Estado do Fomento Ultramarino. Nasceu em Lisboa, em 1933, e licenciou-se em Economia em 1958. Foi vogal do grupo de trabalho para o Zambéze, do Ministério do Ultramar, e, em 1969, foi nomeado director dos Serviços de Estudos Económicos, do Banco de Fomento Nacional, departamento do qual já era subdirector. Desde 15 de Janeiro de 1970 era subsecretário de Estado de Fomento Ultramarino.

O prof. dr. JOÃO LUÍS DA COSTA ANDRÉ, nasceu em Faro em 1933. É licenciado em Finanças pelo ISCEF, no qual regerá várias cadeiras. Ingressou no Governo em Agosto de 1968, como subsecretário de Estado do Tesouro. Passou a secretário da mesma pasta a 27 de Março de 1969.

O dr. AUGUSTO DE ATAÍDE SOARES ALBERGARIA, é natural de Ponta Delgada, onde nasceu em 1941. Licen-

ciou-se em Direito, em 1963. Foi convidado a exercer as funções de 2.º assistente do Grupo de Ciências Jurídicas do ISCEF, passando a ser, a partir de 1967, o regente da cadeira de Direito Constitucional. Foi nomeado subsecretário da Juventude e Desportos, em 15 de Janeiro de 1970.

O prof. eng. JOSÉ EDUARDO MENDES FERRÃO, nasceu em Arganil, em 1928. É regente agrícola, engenheiro agrônomo e engenheiro agrônomo colonial. Foi assistente e professor extraordinário do Instituto Superior de Agronomia, tendo sido nomeado catedrático em 1971. Em 1961, e 1962 foi chefe do Gabinete do secretário de Estado da Agricultura. É membro da Secção de Fomento Frutícola no Ultramar.

O dr. ALEXANDRE DE AZEVEDO VAZ PINTO, que passou a ocupar o cargo de secretário de Estado do Comércio, nasceu em Espinho, em 1939. É licenciado em Economia. Trabalhou no I.N.I.L., esteve ligado aos trabalhos preparatórios dos Planos de Fomento e desempenhou funções de planeamento numa importante companhia petrolífera internacional. Em 1969 foi nomeado director do Banco Nacional Ultramarino. Em 15 de Janeiro de 1970 foi nomeado subsecretário de Estado do Comércio, cargo que exerceu até agora.

O novo secretário de Estado da Indústria é o dr. HERMES AUGUSTO DOS SANTOS, vogal da Comissão Central da Acção Nacional Popular e procurador à Câmara Corporativa, de cuja subsecção de Finanças e Economia Geral faz parte. O dr. Hermes dos Santos é natural de Mirandela e licenciado em Direito. Iniciou a sua vida profissional como inspector da Polícia Judiciária. Fez depois o curso complementar de Ciências Político-Económicas, tendo transitado para a Faculdade de Economia do Porto, onde foi assistente e encarregado de curso do grupo de Economia. É vogal da Comissão de Planeamento da Região do Norte, em representação do distrito do Porto. Nesta cidade exerceu

funções nos corpos gerentes da Associação de Futebol

O dr. ANTÓNIO MORGADO PINTO CARDOSO, subsecretário do Trabalho e Previdência, tem 35 anos e nasceu em Vila Velha de Ródão. É licenciado em Direito e iniciou

a sua carreira no Instituto Nacional do Trabalho e Previdência em Coimbra, sendo mais tarde nomeado delegado em Portalegre e Setúbal. Vários cargos importantes na orgânica do Ministério das Corporações, nomeadamente no sector de Planeamento.

CONSTITUIÇÃO ACTUAL DO GOVERNO

PRESIDENTE DO CONSELHO — Prof. Marcello José das Neves; **ALVES CAETANO**
MINISTRO DA DEFESA NACIONAL — General Horácio José de Sá Viana Rebelo
MINISTRO DE ESTADO para o Planeamento Económico — Dr. João Mota Pereira de Campos

MINISTÉRIOS:

INTERIOR — Dr. António Manuel Gonçalves Rapazote
JUSTIÇA — Prof. Mário Júlio Brito de Almeida Costa
FINANÇAS E ECONOMIA — Dr. Manuel Artur Cotta Agostinho Dias
EXERCITO — General Horácio José de Sá Viana Rebelo
MARINHA — Contra-almirante Manuel Pereira Crespo
NEGÓCIOS ESTRANGEIROS — Dr. Rui Manuel de Medeiros d'Espinau Patricio
OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES — Eng. Rui Alves da Silva Sanches
ULTRAMAR — Prof. Joaquim Moreira da Silva Cunha
EDUCAÇÃO — Prof. José Veiga Simão
CORPORAÇÕES E PREVIDÊNCIA SOCIAL E SAÚDE E ASSISTÊNCIA — Dr. Baltazar Rebello de Souza

SECRETARIA DE ESTADO:

INFORMAÇÃO E TURISMO — Dr. César Henrique Moreira Baptista
AERONAUTICA — Brigadeiro José Pereira do Nascimento
EXERCITO — Brigadeiro José Alberty Correia
OBRAS PÚBLICAS — Eng. José Adolfo Pinto Eliseu
COMUNICAÇÕES E TRANSPORTES — Eng. João Maria Leitão de Oliveira Martins
ADMINISTRAÇÃO ULTRAMARINA — Comandante Leão do Sacramento Monteiro
FOMENTO ULTRAMARINO — Dr. Rui Martins dos Santos
INSTRUÇÃO E CULTURA — Dr. João Luís da Costa André
JUVENTUDE E DESPORTOS — Dr. Augusto de Ataíde Soares de Albergaria
TRABALHO E PREVIDÊNCIA — Dr. Joaquim Dias da Silva Pinto
SAÚDE E ASSISTÊNCIA — Dr. Alfredo Jorge Assis dos Santos
TESOURO — Dr. José Luís Sapateiro
ORÇAMENTO — Dr. Augusto Vítor Coelho
COMÉRCIO — Dr. Alexandre de Azevedo Vaz Pinto
AGRICULTURA — Prof. José Eduardo Mendes Ferrão
INDÚSTRIA — Dr. Hermes Augusto dos Santos
HABITAÇÃO E URBANISMO — Dr. José Luís Nogueira de Brito

SUBSECRETARIAS DE ESTADO:

TRABALHO E PREVIDÊNCIA — Dr. António Morgado Pinto Cardoso
SAÚDE E ASSISTÊNCIA — Dr.ª Maria Teresa de Almeida Rosa Cárcao Lobo

PONTO DE VISTA

DUAS VEZES MAIS DEPRESSA

Enunciar previsões precisas sobre o desenvolvimento do mercado interno europeu, mesmo com cinco anos de antecedência, é uma empresa muito arriscada. Já não é necessário determinar com cuidado os dados de partida e criar as condições de uma quantificação mais séria.

As nossas reflexões devem partir do alargamento da Comunidade a dez, em vigor a partir de 1 de Janeiro de 1973, e da realização efectiva do ritmo de desmantelamento das fronteiras aduaneiras internas previsto para cinco anos, com

harmonização simultânea, da tarifa externa. Isso significa, para o ano de 1975, que 40 por cento dos direitos existentes à partida terão desaparecido.

E preciso igualmente admitir como adquiridas, regulamentações satisfatórias com os Estados pertencentes à A. E. L. E., garantindo um acesso suficientemente seguro a estes mercados parciais na base do livre-cambismo.

A estabilidade interna e externa — e, portanto, a paz — são igualmente dados de base da nossa reflexão. Limitados

deste modo, os riscos de erro de previsão não deixam igualmente de comportar factores tão importantes como:

a) As incertezas da evolução conjuntural. A taxa de crescimento manter-se-á suficientemente estável ou uma fase, que parece hoje plausível, de marasmo conjuntural bastante longo atrasará o desenvolvimento esperado relativamente às previsões, compensador e para além das possibilidades de expansão que encerra o alargamento do mercado?

b) A evolução monetária internacional e o destino da união económica e monetária no seio da C. E. E.

c) A prosperidade da economia mundial e a evolução do comércio internacional.

Depois da entrada em vigor do tratado da C. E. E., todos os países membros têm registado um crescimento de extraordinária rapidez nas suas trocas com os seus parceiros no seio da Comunidade.

O alargamento da C. E. E. deveria suscitar uma evolução mais diferenciada.

a) A C. E. E. fundiu um conjunto seis mercados parciais. Cada um deles estava fechado dentro de fronteiras. Hoje, são dois vastos mercados internos que se preparam para a fusão.

b) Os encargos aduaneiros e tarifários desaparecidos a partir de 1958 exerceram um efeito protector global mais elevado do que os encargos que vão ser suprimidos depois da entrada em vigor do Kennedy round com as tarifas aduaneiras muito mais baixas.

c) A C. E. E. conheceu um clima de optimismo por parte

Por
KARL-HEINZ NARJES

dos empresários, que antecedeu a formação de um grande mercado interno florescente, embora este mercado na altura, tenha exigido um prazo de doze a quinze anos. O período transitório está hoje limitado a cinco anos, mas os empresários estão mais cépticos quanto à diminuição dos seus custos de produção devido a um desarmamento aduaneiro.

d) É preciso tomar em consideração a relação entre o crescimento do produto bruto e a taxa de aumento do comércio interno. Na década de 1960-1970, os peritos da C. E. E. calculam que as trocas aumentaram 2,7 vezes mais depressa do que o produto bruto: o número obtido pela A. E. L. E. é ligeiramente inferior. Se supusermos a manutenção destas elasticidades e tomarmos para taxas prováveis de crescimento, 5, 2 por cento para a C. E. E. e 3,5 por cento para a A. E. L. E., em preços constantes, a previsão dos peritos da C. E. E. para 1975

adota taxas de aumento de 12 e 13 por cento por ano para o comércio mundial, partem de um número de 7,5 a 8 por cento por ano. Pode-se pois, esperar da parte do comércio intercomunitário, um crescimento duas vezes mais rápido do que o do comércio mundial. Em números absolutos, isso significa para 1975, pouco mais ou menos, o dobro das trocas registadas em 1969. Relativamente a um volume já importante, aí está um aumento relativamente elevado que já deveria referir-se a limites respeitantes às capacidades de transporte.

URBANO TAVARES RODRIGUES

A LIXEIRA

Em Sagres, onde o próprio vento é mito, sombra, vassoura rasante das salicórnias, dos vhorões, das ervas odorantes, das figueiras anãs e contorcidas, em Sagres onde o turismo de ano para ano impressionantemente se desenvolve, onde afluem alemães e franceses, enchendo a Pousada, o Hotel da Baleeira e a Estalagem, erguendo tendas de campismo nas praias e nas arribas, em Sagres onde se encontra uma das últimas reservas da natureza quase virgem existentes em Portugal (aquelas colinas estranguladas de azinheiras, de mato cabeludo, de pinheiros, que elevam o seu verde denso frente aos penhascos das imediações da Carrapateira, o oposto dos ermos luminosos de São Vicente, de onde às vezes a nortada despele os seus dardos para o mar, alisando-o, espelhando-o, nesse microcosmo de sonho grandioso, de luz lavadíssima, de pureza infinita, há maculas — e graves.

É de uma delas que vamos aqui falar, não com o propósito de denegrir o eirado maravilhoso e terrível, que é das coisas mais belas de que Portugal pode orgulhar-se, reino sobrevivente do mistério, das nuvens rápidas, do oceano transparente, mas, bem pelo contrário, para que se atente na incúria que ameaça deslumbrar estes locais de futuro e dali arrear viajantes nacionais e estrangeiros.

Refiro-me concretamente à praia da Mareta, concha lindíssima com meia dúzia de ossadas rochosas e um barco varado, a poente do areal, arrancado à lenda (nada a ver com o outro navio, carregado de fósforos, ameaçando de poluição todo o Algarve, no «Beliche»). É na esplanada de acesso à Mareta (ou parque automóvel, como se queira) que está presentemente a infectar os ares uma lixeira fedorenta, que nenhuma comissão de turismo, nenhum serviço local, nenhuma iniciativa dos cidadãos interessados se decide a remover. É imprescindível e urgente acabar com tão aflitivo desleixo. Ou a boa fama de Sagres, que já corre mundo, esfale-se em dois tempos. E não pode ser. Portugal tem mesmo de crescer, em todos os domínios. Não será assim?

INDUSTRIA DE CONSERVAS
A DESCOBERTA DO BRASIL

SÃO PAULO, 10 (ANI) — Dirigentes de uma companhia produtora de conservas alimentares de Portugal foram recebidos pelo secretário da Fazenda, Carlos António Rocca, a fim de solicitarem financiamento do Governo Estadual de S. Paulo para a implantação de uma instalação industrial no município de Ibitinga, região de Araraquara, a fim de ali se produzirem concentrados de tomate, sumos e néctares de frutas, para exportação.

Os recursos exigidos pelo projecto somam 42,3 milhões de cruzeiros dos quais 21 milhões para a instalação e 20,4 milhões como capital de maneio.

O grupo português participaria com 17,6 milhões de cruzeiros e o Estado de S. Paulo, por

meio de financiamento a longo prazo, com 15,4 milhões. O remanescente — 12,7 milhões de cruzeiros — seria obtido nos Bancos comerciais privados, em operações normais a curto prazo.

Depois de conversar, demoradamente, com o administrador da empresa, José Manoel de Sousa, e com o representante do grupo no Brasil, Manuel Doris, o secretário da Fazenda enviou o projecto aos seus assessores económicos, para avaliação e consulta ao Banco de Desenvolvimento do Estado de S. Paulo.

O projecto deve dar entrada, paralelamente, no Conselho de Desenvolvimento Industrial (CDI) do Ministério da Indústria e do Comércio, prevendo-se a sua aprovação para os próximos dias.

WASHINGTON — No sistema político dos Estados Unidos, o lugar de vice-presidente é secundário. A sua principal missão é presidir ao Senado. Mas, iam determinadas circunstâncias, pode adquirir uma importância extraordinária. Se o presidente em exercício morre — e isso já tem acontecido algumas vezes — é automaticamente substituído pelo vice-presidente, que se manterá na Casa Branca até ao fim do mandato legal do presidente desaparecido.

Nos anos decorridos do nosso século, já três vice-presidentes passaram a ocupar a Casa Branca por falecimento do presidente: Theodore Roosevelt, em substituição de William McKinley, assassinado em Setembro de 1901; Harry Truman, por morte de Franklin D. Roosevelt, em 12 de Abril de 1945; e Lyndon Johnson, ao ser assassinado John Kennedy, a 22 de Novembro de 1963.

No século passado, a substituição de um presidente por um vice-presidente politicamente, apagado, como acontecera em 1864 com Andrew Jackson, após o assassinato de Lincoln, pouca importância tinha, porque os Estados Unidos, então em formação ainda, quase não tinham vida política internacional.

As coisas mudaram consideravelmente depois da guerra hispano-americana nos fins do século passado, conflito que inaugurou a fase histórica da intervenção dos Estados Unidos na política internacional.

Assim, atendendo a que o vice-presidente pode passar a presidente, é necessário saber quem se escolhe para desempenhar tão elevadas funções.

É costume, na Convenção do Partido, o candidato à Presidência propor uma individualidade para a vice-presidência,

sendo indispensável que a Convenção aprove a escolha feita.

O candidato presidencial procura geralmente alguém que o possa ajudar na eleição. Como os partidos governamentais possuem uma ala direita, uma ala esquerda e um sector central se o candidato pertence à esquerda do partido, busca um companheiro de lista no centro ou na direita e vice-versa. Assim, Kennedy, liberal, em 1960 escolheu Lyndon Johnson, um liberal-conservador, portanto, do centro; Johnson, em 1964, escolheu por sua vez um liberal, Humphrey. E Nixon, centrista, escolheu em 1968 Spiro Agnew, da ala direita do partido.

Deste modo, a lista de candidatura e presidente-vice-presidente equilibra as diferentes tendências no seio do partido.

Na recente Convenção do Partido Democrático, George McGovern, ao ser eleito candidato à Presidência, passou em revista todas as personalidades que poderiam reforçar a sua candidatura. Interessava-lhe encontrar alguém que inspirasse confiança ao sector liberal moderado, derrotado por ele na Convenção. Explorou o terreno e julgou haver encontrado o candidato ideal: Thomas Eagleton, senador pelo Estado de Missouri.

Thomas Eagleton reunia muitas condições favoráveis: é jovem, 42 anos; liberal moderado havia sido durante a campanha das eleições primárias partidárias de Muskie; estava de excelentes relações com os chefes das uniões operárias e, além do mais, é católico.

Conclusivamente, o nome de

Thomas Eagleton prestigiava a candidatura de George McGovern. O extremismo radical do senador de South Dakota ficava refreado pelo liberalismo responsável do senador de Missouri.

McGovern parecia ter ganho uma importante batalha. Mas, na realidade, havia-a perdido.

Logo após a Convenção, quando tudo parecia ter ficado assente em bases mais ou menos

firmes, Clark Hoyt, repórter da cadeia de jornais Knight, averiguou que, Eagleton, em 1960, 1964 e 1966, estivera hospitalizado, tendo sido submetido a electroterapia devido a perturbações de ordem psíquica: depressão nervosa. E, como era verdade, Eagleton não pôde negá-lo.

O jornalista Jack Anderson, especialista em sensacionalis-

mos, conseguiu novos dados contra Eagleton: que havia sido preso por conduzir o seu carro em estado de embriaguez...

Anderson, porém, não conseguiu prová-lo e, assim, teve que pedir desculpa ao senador de Missouri. Ficava, no entanto, de pé, o caso dos tratamentos psíquicos apontado por Hoyt.

Haviam incorrido em erro grave, primeiro, Eagleton, e em

segundo lugar, McGovern.

Eagleton ocultou as suas crises nervosas, e McGovern, antes de o propor como candidato à Vice-Presidência, não averiguou os seus antecedentes pessoais. Ambos procederam de modo um tanto ou quanto leviano, que havia de os prejudicar a ambos, politicamente.

Imediatamente, começou em toda a imprensa e em todo o país uma campanha pedindo a retirada de Thomas Eagleton como candidato à vice-presidência.

Nos tempos em que vivemos, é evidente que o Presidente de um país — e o vice-presidente terá de ser um homem saudável, completamente equilibrado, no pleno domínio das suas faculdades mentais e do seu sistema nervoso.

Thomas Eagleton é uma excelente pessoa, um senador inteligente, honesto e eficiente. Mas, não pode ser vice-presidente visto poder tornar-se Presidente de um momento para o outro — assim raciocinava a nação norte-americana.

Finalmente, George McGovern pediu a Eagleton que renunciasse. E este assim procedeu, deixando vaga por alguns dias, a candidatura democrática à vice-presidência.

Vários nomes surgiram como substitutos possíveis de Eagleton, entre os quais: Edmund Muskie, Lawrence O'Brien, o senador Frank Church e o cunhado de Edward Kennedy, Sargent Shriver, antigo embaixador norte-americano em Paris.

A escolha recaiu sobre este último e a calma parece ter sido restabelecida. Mas, a tempestade política serviu para demonstrar que a democracia nos Estados Unidos é algo de muito sólido, estando os políticos sujeitos a permanente controle por parte da Nação.

EXCLUSIVO

MAX BLANCH

O caso do Vice-Presidente



Shriver e McGovern: a grande coligação contra Nixon.

DL/NACIONAL

VAI FALTAR ÁGUA E LUZ NESTE FIM-DE-SEMANA

Apenas no início da próxima semana se prevê a normalização dos serviços de abastecimento de água e electricidade. O racionamento de água processar-se-á automaticamente, em função da falta normal nesta época do ano e afectada de momento, pelos actos de sabotagem.

A situação mantém-se igual à que se verificava ontem no fim da tarde, prosseguindo os trabalhos de reconstrução das linhas afectadas, tendo sido postas em serviço mais duas. Há ainda muitas outras fora do serviço, principalmente nas zonas norte do país. Prevê-se que, ainda hoje, naquelas zonas, se verifique uma normalização do serviço, mas não com total garantia.

Em consequência da falta de energia eléctrica, as centrais de abastecimento de água têm um índice de captação muito baixo, e dado que o caudal já é de si mais fraco nesta época do ano, o racionamento da água será inevitável. As zonas mais afectadas pela falta de água são as de Sintra, Amadora, Costa do Sol e ainda zonas de altas cidades.

Os serviços de reclamações têm funcionado quase ininterruptamente embora os funcionários dos sectores não possam dar ainda informações concretas acerca da situação, limitando-se a previsões.

Alguns hotéis de Lisboa recorreram aos auto-tanques dos bombeiros para suprir a

falta de água.

Por falta de travões, um auto-tanque dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, do Largo Barão Quintela, conduzido por António Maria Pereira, residente em Lisboa, transportando cerca de 10 mil litros de água e deslocando um peso bruto de 18 toneladas, provocou, esta madrugada um espectacular acidente, quando descia a rua do Alecrim.

Aumentando de velocidade à medida que atingia o final da rua, o pesado veículo foi embater no cruzamento com a rua do Arsenal no táxi conduzido por Manuel Lourenço, também residente em Lisboa, desfazendo-lhe a parte frontal. O táxi foi projectado contra uma camioneta de passageiros e aí ficou imobilizado tendo o motorista, por feliz acaso, escapado ileso do acidente.

Prosseguindo a sua marcha desvarvada, o auto-tanque, por manobra hábil do seu condutor, ladeou a estátua do Duque da Terceira, evitando a colisão com outros veículos estacionados, frente ao sinal vermelho, e atravessou o relvado acabando por se voltar, com grande estrondo, na faixa de rodagem que liga o Cais do Sodré ao Terreiro do Paço. O tanque e o táxi ficaram extremamente danificados ao passo que o autocarro de passageiros poucos danos sofreu. O motorista do auto-tanque foi conduzido ao hospital de S. José, mas o seu estado é considerado satisfatório.

POSSE DO DIRECTOR DE AGRONOMIA

"É PREMENTE A CONCENTRAÇÃO DE ESFORÇOS"

O reitor da Universidade Técnica de Lisboa, prof. António Maria Godinho, conferiu, esta manhã, posse do cargo de director do Instituto Superior de Agronomia, ao prof. Miguel Pereira Coutinho, numa cerimónia que decorreu na biblioteca daquele instituto.

Durante a sessão a que estiveram presentes entidades escolares de outros estabelecimentos de ensino superior depois das palavras de louvor que o reitor

da Universidade Técnica dirigiu ao novo director, o empossado, agradecendo e salientando as acções anteriores levadas a cabo naquela Escola, afirmou:

— Pela primeira vez na história do I. S. A., a direcção vai contar com a colaboração, certamente utilíssima, dum subdirector, não querendo eu perder esta oportunidade para, publicamente, me regozijar desse cargo ir ser exercido pelo prof. Zozi-

mo Pimenta de Castro do Rego. Mais adiante, acrescentou:

— No caso particular do nosso Instituto, a concentração de todos os esforços é agora premente, pois torna-se indispensável, como se tem afirmado, que se proceda com brevidade à sua «Reforma», porque só reorganizado e remodelado adaptado às circunstâncias actuais, através da diferenciação, de novos cursos, do aumento de disci-

plinas optativas ou de grupos de opção, de seminários, de cursos livres ou de post-graduação e de tantas outras modalidades, se poderá conseguir um grau de eficiência para o ensino que corresponda ao que a Nação dele exige na hora actual.

Antes de terminar o novo director do Instituto não quis deixar de «chamar a atenção dos estudantes para o facto da resolução que está em curso, de problemas que a todos honestamente interessam, se empenharem no esforço que tem de ser comum, no verdadeiro sentido da palavra».

O CASO DA CRIANÇA ABANDONADA

Até ao fim da manhã de hoje, ainda não aparecera a servilha que abandonara a filha (apenas de dois meses), na pensão onde trabalhava, na Rua Alexandre Herculano, no Porto, caso a que nos referimos pormenorizadamente.

A criança continua entregue ao proprietário da pensão, sr. António Coelho Soares, que, apesar de ter participado o acontecimento à P.S.P., ainda não viu o assunto solucionado.

REFORMA DOS MINEIROS

Uma portaria do Ministério das Corporações e Previdência Social, hoje publicada no «Diário do Governo», reconhece certos direitos aos trabalhadores das minas, estabelecendo o princípio de que devem poder ser reformados aos 60 anos.

«Os trabalhadores que se ocupam nas explorações subterrâneas da indústria mineira gozam, frequentemente, noutros países de regimes privilegiados de previdência social que estabelecem uma idade de reforma inferior à dos regimes gerais» — afirma-se no preâmbulo.

«Efectivamente, é do conhecimento comum que a actividade do mineiro é das mais desgastantes, porventura a mais desgastante de entre as profissões que normalmente de incluem no quadro das categorias profissionais. O trabalhador de idade mais avançada não suporta regra geral, as pesadas tarefas da lavra subterrânea que exige constante esforço físico, violenta e rápida movimentação num ambiente por vezes muito nocivo à saúde do trabalhador.

Reconhece-se deste modo, aconselhável a fixação de uma idade de reforma que atenda às penosas condições de trabalho do pessoal de lavra subterrânea da indústria mineira, já que a idade normal vigente coloca este pessoal em situação de desigualdade relativamente aos trabalhadores que não foram submetidos, durante a sua vida activa, a trabalhos tão desgastantes. Este aspecto melhor se compreende se se tiver em consideração que a exploração mineira constitui uma actividade onde a especialização, as tradições e frequentemente o nível cultural do trabalhador impedem a fácil reclassificação profissional».

Nestes termos, «é reconhecido aos trabalhadores do interior ou da lavra subterrânea da indústria mineira, inscritos nas caixas sindicais de previdência, o direito à pensão por velhice a partir dos 60 anos de idade».

O direito referido depende da apresentação de prova da prestação de trabalho em galerias subterrâneas durante 25 anos ou, em alternativa, 120 meses nos últimos 20 anos;

A pensão a que têm direito os beneficiários nestas condições é igual à pensão do regime geral das caixas sindicais de previdência, acrescida de 10 por cento do seu montante.

O CORPO DIPLOMÁTICO

CUMPRIMENTOU O CHEFE DO ESTADO

O Presidente Américo Thomaz recebeu esta manhã os cumprimentos do Corpo Diplomático acreditado em Lisboa. Respondendo ao discurso do Nuncio Apostólico, que manifestava o regozijo pela sua investidura, disse o Chefe do Estado:

dereçou em nome dos seus colegas e no seu próprio. Bem haja pelos seus votos e pelas palavras gentis com que foram manifestados.

No início deste novo mandato, desejo assegurar a Vossas Excelências que tudo farei para manter e estreitar as relações de amizade e respeito mútuo que unem os nossos Países. Ansioso de paz e de progresso, o povo português continuará a lutar por aqueles valores e ideais do espírito que constituem a base fundamental da nossa quase milenária actuação no mundo.

Peço a Vossas Excelências que sejam intérpretes junto dos Vossos Monarcas e Chefes de Estado, da expressão do meu reconhecido agradecimento pelas mensagens que tiveram a amabilidade de me dirigir neste momento e que constituiram para mim um reconfortante incentivo.

Peço-lhes, ainda, tenham a bondade de lhes transmitirem as minhas mais cordiais saudações e desejos de muitas felicidades, desejos que formulo, também, por todos Vossas Excelências.

«Profundamente sensibilizado pela presença, neste Palácio, do Corpo Diplomático acreditado em Lisboa, muito agradeço a Vossa Excelência Reverendíssima as palavras que quis ter a bondade de dirigir-me na ocasião em que assumo, pela terceira vez, as funções de Presidente da República.

Só o desejo ardente de servir me anima a recomençar a tarefa árdua que representa a chefia da Nação; faço-o com os olhos postos no bem do meu País e dos portugueses, meus irmãos.

Foi-me particularmente grata a apresentação, por vosso intermédio, das sinceras saudações dos Soberanos e Chefes de Estado que tão distintamente representam a causa de grande apazamento a audição das referências amáveis que Vossa Excelência Reverendíssima me en-

ALTERAÇÕES NOS ORGANISMOS DE COORDENAÇÃO ECONÓMICA

Um decreto-lei da Presidência do Conselho, aliás concretizado através das nomeações verificadas na remodelação ministerial de que hoje damos notícia, determina a criação de novas secretarias de Estado e alterações nos organismos de coordenação económica.

As secretarias de Estado criadas são as seguintes: Obras Públicas e Urbanismo e Habitação, no Ministério das Obras Públicas; Administração Ultramarina e Fomento Ultramarino, no Ministério do Ultramar; Instrução e Cultura e Juventude e Desportos, no Ministério da Educação Nacional.

A Secretaria de Estado de Urbanismo e Habitação compreende a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização e o Fundo de Fomento de Habitação, e para ela transitam os serviços da Direcção-Geral da Previdência e Habitação Económica e de Habitações Económicas-Federação das Caixas de Previdência.

Na Presidência do Conselho é criada a Inspeção de Gestão das Participações do Estado, à qual compete controlar a actividade dos delegados do Governo e administradores por parte do Estado e manter em dia o cadastro das participações accionistas do Estado, institutos públicos,

empresas públicas e organismos corporativos e de previdência.

O Governo procederá também à revisão do regime dos organismos de coordenação económica, nos quais são introduzidas algumas alterações. Assim, na Federação Nacional dos Produtores de Trigo, que passa a denominar-se Instituto dos Cereais, são incorporadas as Comissões Reguladoras do Comércio do Arroz, das Moagens de Rama, do Comércio dos Cereais do Arquipélago dos Açores e o Instituto do Pão, que ficam extintos; a Junta Nacional do Azeite passa a denominar-se Junta Nacional do Azeite e Oleaginosas e nela é incorporada a Comissão Reguladora das Oleaginosas e dos Oleos Vegetais, que fica extinta; a Junta Nacional da Cortiça passa a denominar-se Instituto dos Produtos Florestais, incorporando a Junta Nacional dos Resínos, que fica extinta, na Junta Nacional dos Produtos Pecuários é incorporada a Junta dos Lactíneos da Madeira, que é extinta; a Comissão Reguladora do Comércio de Algodão em Rama, com as atribuições competência e serviços de coordenação da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, que poderá subsistir como organismo corporativo secundário.

Pelikan

para o estudante

desenhar,
pintar, safar,
escrever,
e colar

Günther Wagner Pelikan-Werke Hannover

TV/CINEMA

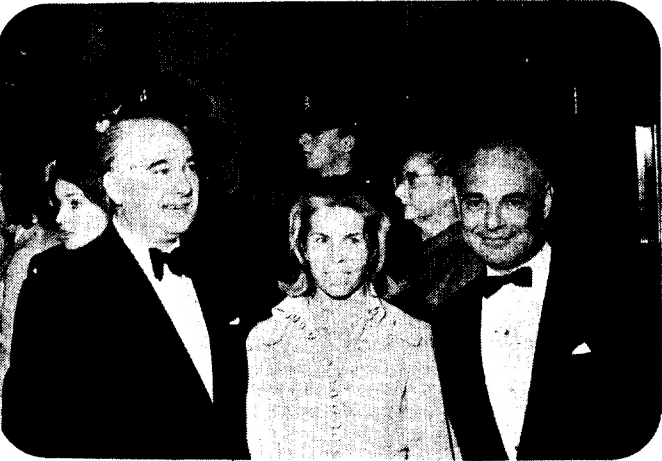
DL/ESPECTÁCULOS

CÉU
MUITO NUBLADO...

O Jaime e a Isaura, casados há oito anos, sofrem de desajuste intelectual. Ele era operário. No entanto, mercê de estudos que praticou nocturnamente, o Jaime deixou o operariado para se integrar na pequena burguesia de manga de alpacam Chamou a isso **subir**. Critérios.

Por seu lado, a Isaura manteve o seu lugar de galinheira,

passa o dia a depenar o que pode. Quando sabe que o seu esposo sofre com o desajuste, e aproveitando a ajuda de uma dama que tem o marido a pintar em Paris, decide-se a estudar. Cumulativamente, moderniza-se. Veste iaiças, vai ao cabeleireiro, pinta-se. Esperta como é, e com o sangue na gueira, a Isaura acabará certamente por ultrapassar o Jaime.

Estreia mundial em Londres
do filme "Young Winston"

O filme de Carl Foreman e Richard Attenborough para a Columbia, conta a vida de Winston Churchill: a sua infância a aventureira carreira militar e jornalista na Índia, Sudão e África do Sul, e conclui com os acontecimentos que o levaram ao Parlamento, quando tinha 27 anos. É a primeira vez que dois dos maiores Cinemas de Londres, «Odeon Leicester Square» e «Leicester Square Theatre» estreiam simultaneamente, o mesmo filme, cuja receita de estreia reverteu para o Fundo da Imprensa. Entre os convidados encontravam-se o Primeiro Ministro Britânico, a família Churchill, a viúva de Sir Winston, Baronesa Spencer Churchill acompanhada pelo neto Winston Spencer-Churchill e outros membros da família. Na foto, Samuel Parker, Director da Columbia em Portugal na companhia de Ken Green e mulher, no Odeon Theatre para assistir à estreia. Ken é o Director da Publicidade da firma produtora de Carl Foreman, «Open Road Films Ltd». «Young Winston» será estreado em Lisboa no início do próximo ano.



Virá um dia destes a ingressar na Faculdade, aproveitando-se dos exames para adultos. Tere-mos, então a primeira universitária galinheira. Sim, porque lá deixar os galináceos é que ela não deixa. Só se fosse parva.

Pretendeu-se, com isto, fazer uma peça «popular». E a Televisão Portuguesa como gosta muito do povo lá me-teu o «Céu na minha rua», não apenas uma, mas duas vezes. Bastava a primeira. Quem não se lembra ainda da interpretação de Elvira Velez? Quem não se lembra da Amália Rodrigues e mais as suas veleidades de actriz que, por maus fados seus e nossos, a levaram de Romeu Correia a Garcia Lorca? Quem não se lembra do fado cantado com tanto sentimento, repetido agora com sentimento idêntico:

O céu da minha rua
de Alfama
não chama
não prende
as atenções.
E às vezes nem a Lua
Lá mora
embora
lá cheguem os seus cla-
res...

Ora Romeu Correia tem outras peças, no efectivo ou na gaveta. O que terá le-va-



Por MÁRIO CASTRIM

do a televisão portuguesa a reeditar o «Céu»? Está visto: pelo seu carácter popular.

Como é ser popular? E assim:

Arranja-se uma varanda com gaiola. Gente a gritar. Mulheres vestidas com desleixo. Uma personagem idosa que diga: Posso coser os feijões? Uma rapariga espalhafatosa que saiba dar uma boa palmeada na coxa. Acrescente-se Alfama quanto basta, leva-se ao forno em lume forte e aí temos uma rica peça popular.

Isto, por um lado. Por outro lado, a televisão escolheu o «Céu» por ser uma peça muito inductiva.

Atão o que é uma peça inductiva?

É aquela que defende a promoção da pobre gente humilde. Aquela que faz a propaganda dos livros, que são os nossos melhores amigos, depois dos cães. É aquela que diz: se queres assubir na bida, estuda, rapaz, agarra-te a isso

com unhas e dentes, se queres deixar a ferramenta, aprende, se queres trocar os calos das mãos pelos calos nos cotovelos, aprende-se queres ganhar a bidinha sem fazer nenhum, aprende, deixa-te de tretas, rapaz, apegate aos livros, apegate aos livros!

Jaime, o intelectual, dirá: «Estudei porque havia em mim o desejo bendito de saber mais alguma coisa...»

Pois, pois. Deus te abençoe meu filho! E à televisão portuguesa também pelo muito que faz para o ajuste intelectual dos casais desavindos. Santo António faria isto com muito mais limpeza.

PARA QUÊ?

NÃO VALE A PENA.

Quando uma peça popular é isto e as intenções «didácticas» são estas, a presença de uma ninharria como «O Céu da minha rua» está amplamente justificada. Para quê trazer filosofias para a praça, depois disto?

Para quê apontar a total ausência de autenticidade, de verdade, de calor humano?

Para quê referir a literatice balofa e salcianta na boca de gente do povo?

Para quê sublinhar o convencionalismo mais chocante das situações?

Para quê apoiar-se a gente em público com a mezinha sentimental e cor-de-rosa?

Não. Não vale a pena. Nem sequer vale a pena a gente pôr-se para aqui a lamentar a presença de Henriqueta Maia naquela barafunda, isto começa a tornar-se um lugar-comum, a gente diz, a gente lamenta, a gente desgosta-se de ver o seu talento esbanjado nestas pepineiras, e depois? Depois Henriqueta Maia tem um grande talento, malbarata-o em facilidade, entra nestas coisas e a gente desgosta-se, a gente lamenta...

É que, com mil raios, tiras-se-na de lá a ela e tudo fica certo. Tudo, incluindo a realização de Pedro Martins que só pecou, em todo o caso, por desalfamar o mais que pôde. Aquilo com uns exterieiros é que ficava a matar...

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telfs. 367444/323172

Rua 1.ª de Dezembro, 45

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria Canarim», Rua Capitão Leitão, 10
ALMADA

Restaurante «Cantinho Alentejano»

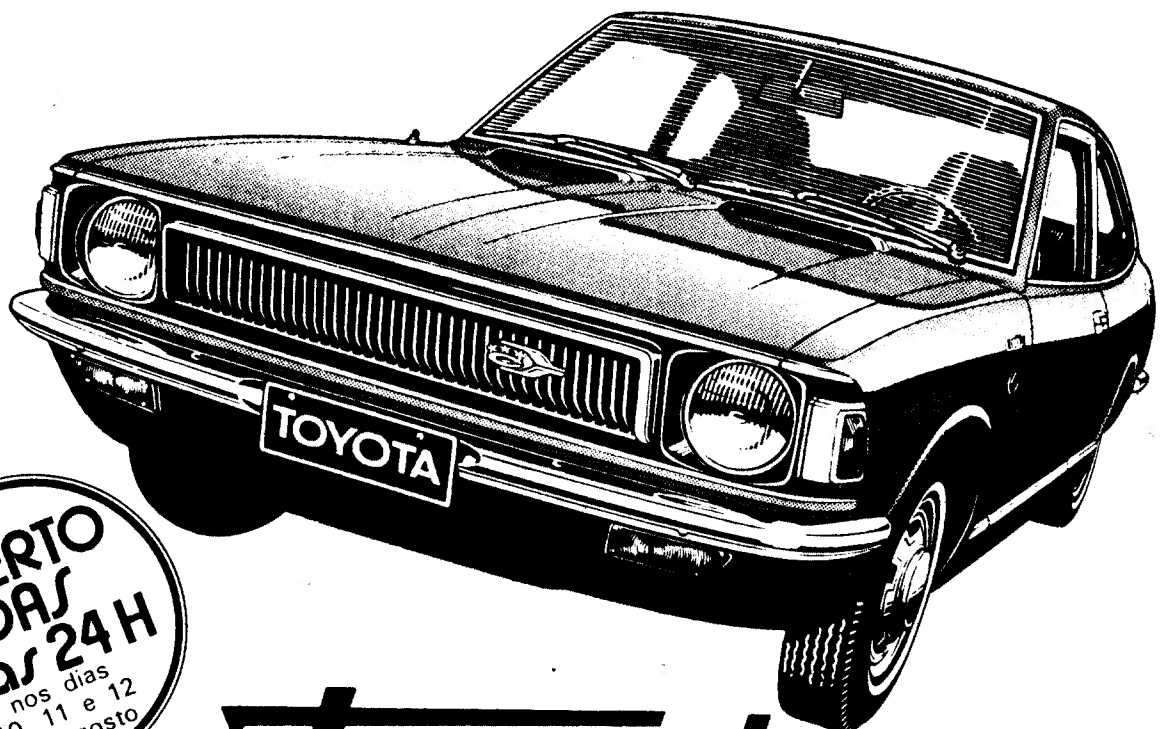
RUA D. LUÍS NORONHA, 32-A

Comunica aos seus Ex.ºs Clientes e amigos, que encerrou para férias do seu pessoal, reabrindo no próximo dia 1 de Setembro.

A PROPRIETÁRIA

DESPORTIVAMENTE LUXUOSO
TOYOTA
COROLLA
COUPÉ DE LUXO

O novo Corolla «Coupé» de luxo, o carro de linhas desportivas mas sem motor «a mais» é a sensação que você pode admirar nos stands da Transmotor, em Lisboa e Cascais. Para esta ocasião especial tomámos medidas especiais: nos dias 10, 11 e 12 de Agosto a Transmotor mantém-se aberta das nove da manhã à meia-noite. Você pode ver o Corolla «Coupé» de luxo durante o dia inteiro! Corolla «Coupé» de luxo: a potência exacta para uma condução feliz.



Transmotor
Empresa do Grupo Salvador Caetano, S. A. R. L.

STAND EM CASCAIS: Av. Eng. Frederico Ulrich — Tel. 28 49 55
LISBOA — Av. Fontes Pereira de Melo, 17-A — Tel. 5 23 16

A
FEIRA POPULAR
de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
MANTÉM INALTERÁVEL O SEU AMBIENTE DA MAIOR
DISTRACÇÃO DO POVO DA CAPITAL

HOJE ★ HOJE ★ HOJE

INÍCIO DA VOTAÇÃO DO INTERESSANTE PASSATEMPO

A VOLTA VISTA DA FEIRA

QUE HABILITA TODOS OS VISITANTES AOS ESPLÊNDIDOS
PRÊMIOS DOS SORTEIOS DIÁRIO E FINAL
OFERTAS DE ALGUNS EXPOSITORES DA FEIRA E DA FAMOSA
MÁRCA DE RELÓGIOS

TIMEX

VÁ A FEIRA E O VOTO QUE RECEBER COM O BILHETE DE
ENTRADA DEPOSITE-O NA URNA DO CLUBE DO SEU PALPITE

ETAPA: CIRCUITO DAS ANTAS

PRÊMIOS: UMA PAINELA DE PRESSÃO OFERTA DO BAZAR DA
FEIRA E UM CATEGORIZADO RELÓGIO

TIMEX

A MEIA-NOITE: SORTEIO DE UM MODERNO COLCHÃO
«CLIMAX», OFERTA DA CLIMAX PORTUGUESA — EQUI-
PAMENTOS E MOBILIÁRIO DE CONFORTO, S. A. R. L.

ENTRADA: 25\$00

ABERTURA: 19 HORAS

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990\$00
Frigoríficos	1.900\$00
Trituradores	260\$00
Secadores de cabelo	140\$00
Cassetes	35\$00
Relógios de cozinha	300\$00

VENDAS

A

PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Alberto Simões Carvalho, Cantina da Estação dos Caminhos de Ferro de SE-TUBAL

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

DL / ESPECTÁCULOS

CINEMA

A aventura é a aventura

TÍTULO: DINHEIRO EM CAIXA (Money from home)
REALIZAÇÃO: George Marshall, 1954 (EUA)
INTERPRETES: Dean Martin, Jerry Lewis, Marjorie Miller, Pat Crowley, Richard Haydn, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Sonoro Filme.
ESTREIA (cópia nova): Cinema Berna (8-8-72)

TÍTULO: O FACHO E A FLECHA (The Flame and the Arrow)
REALIZAÇÃO: Jacques Tourneur, 1950 (EUA)
INTERPRETES: Burt Lancaster, Virginia Mayo, Robert Douglas, Aline Mac Mahon, etc..
DISTRIBUIÇÃO: Astória Filmes.
ESTREIA (cópia nova): Cinema Monumental (8-8-72)

Duas reposições americanas que, muito embora não se devam deixar de reconhecer bastante mediocres no seu conjunto, reflectem momentos importantes da história do cinema. Principiamos por **Dinheiro em Caixa**, uma realização de George Marshall (director de décima categoria), que assinala um dos primeiros trabalhos da dupla Jerry Lewis-Dean Martin no cinema. A comédia é, efectivamente, intragável durante quase todo o tempo de projecção, com alguns momentos particularmente peníveis (como quando Dean Martin resolve cantar) e

A crítica de
LAURO ANTONIO

algumas sequências importantes no capítulo da comédia de tradição americana burlesca.

Assim, não poderemos deixar de referir uma conversa de Jerry Lewis com um *gentleman* inglês durante uma festa; toda a cena do baile, com a invasão das formigas, toda a brilhante sequência em que Jerry Lewis destrói, até às migalhas, o cantor romântico que Dean Martin era na altura, comentando, com esgar, uma serenata, ou, finalmente, toda a sequência do hipódromo, desde a chegada dos *gangsters* às cavalariças, até à vitória final do improvável *jockey*. Serão ao todo dez minutos? Talvez. Mas quem gostar de Jerry Lewis terá oportunidade

de assistir a alguns *gags* realmente cómicos e inventivos e de estudar como foi possível, daqui em diante, o actor criar uma figura e impôr-se como um dos mais importantes autores do cómico americano.

O Facho e a Flecha. Dele retinhamos boas lembranças, quando ainda muito novos o viramos. Revisto agora, em muitos dos seus aspectos, este filme de aventuras, assinado por Jacques Tourneur, envelheceu consideravelmente. O lado falso de um filme essencialmente rodado em *décors* (interiores e exteriores) resalta agora violentamente. Depois, o guarda roupa, o estilo de interpretação muitos dos diálogos, algumas das situações... Em tudo isto o filme mostra como era certo cinema americano... há vinte anos. Mas mostra também um espírito que resiste ao tempo e o vence. Mostra como, há vinte anos, o cinema sabia (ou podia) ser uma aventura sadia, alegre, jogral, circe. Comparar **O Facho e a Flecha** com qualquer *western* italiano bastará para se des-

cobrir grande parte da evolução da mentalidade do público. Para além disso, **O Facho e a Flecha** até defende valores que nos parecem largamente positivos: a liberdade nacional, a liberdade individual, o esforço colectivo, (contra o individualismo de Dardo), a inteligência, a engenhosidade, a alegria, o amor... Não falta até o aristocrata traidor e a dama da corte que corre para os braços do guerrilheiro das montanhas, depois de descobrir o amor e a justiça. Tudo muito ingenuo? Pois sim, mas sadio.

Para além disso, Tourneur (o mesmo que dirigiu **A Mulher Leopardo**, **A cidade Submarina** ou **O Gato Miou Três Vezes**, para falar unicamente nos últimos filmes vistos e revistos entre nós) é um realizador com um gosto plástico assinalável, com um sentido rítmico indiscutível, com uma sobriedade de processos notável. Neste aspecto, o filme ganha muito a partir do intervalo e toda a sequência final é delirantemente apoteótica, com Burt Lancaster relembrando noites de circo da sua infância. Vale a pena ver.

Portugueses em documentário

PARIS. — A partir de hoje entra no circuito comercial, como complemento do filme de Juan Delano «Pas Folle La Guepe», o documentário de Jean Leduc, produção de Filipe de Solmes, «Des Portugais», recentemente galardoado no Festival de Tarbes. Este programa começa nos centros estivais da província e prosseguirá em Paris, em Outubro.

Toureira espanhola luta pela emancipação

MADRID, 11 — Angela Hernandez decidiu apelar para o mais alto tribunal do trabalho espanhol, na sua luta para abrir a porta da lide apeada às mulheres.

A toureira de vinte e quatro anos, que já foi colhida três vezes na América Latina, onde as mulheres podem enfrentar touros a pé, luta há seis meses para que o sindicato dos toureiros lhe conceda uma licença que lhe permita tourear de capa e muleta.

Agora — declarou aos jornalistas o seu advogado, José Briones — Angela Hernandez vai colocar a questão no tribunal central do trabalho, de Madrid, requerendo o deferimento do seu pedido, com o fundamento de que não deve haver discriminação de sexo seja em que profissão for.

«Se as mulheres podem jogar futebol, pilotar aviões e exercer a profissão de advogada, porque motivo deverá haver discriminação no toureio?» — perguntou Angela em recente entrevista.

Ao abrigo da lei espanhola, as mulheres podem apenas enfrentar touros a cavalo, e Angela tem sido rejoneadora. Contudo, desde que lidou touros a pé, na América do Sul, que tem

tentado alterar esta lei de trinta e três anos.

«Porque é que as mulheres não poderão lidar touros tal como os homens?» — perguntou ainda Angela, na mesma entrevista.

«As minhas cicatrizes provam que não tenho medo. Os homens têm a ideia de que falta graciosidade ao toureio apeado feminino. É uma atitude tipicamente masculina. O toureio é uma arte, e as mulheres poderão, provavelmente, dar-lhe ainda mais graciosidade».

O advogado de Angela requereu a licença ao sindicato em Fevereiro passado. Este, contudo, recusou, alegando que as leis que regem os espectáculos públicos proíbem a sua exibição.

Perante a recusa do sindicato, o advogado escreveu cartas aos ministros do Interior e do Trabalho, afirmando que tal recusa é uma violação das leis espanholas que garantem igualdade às mulheres em vários campos, nomeadamente o do trabalho.

De acordo com Briones, nenhum dos ministros se mostrou inclinado a apoiar o pedido de Angela, pelo que o assunto vai ser entregue ao Tribunal Central do Trabalho.

mo locutora numa emissora portuguesa em Nova Bedford. E-la, na foto, onde os dois grandes centros de interesse são ela e a mesa de rádio que utiliza.

BOM APETITE

RESTAURANTE
VELEIRO
PRAIA DE CARCAVELOS
NOVA GERÊNCIA
DIARIAMENTE ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
—
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ À VALENCIANA

RESTAURANTE
SNACK-BAR
Colina
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209
AMANHÃ
DOBRADA À COLINA
DOMINGO
ENSOPADO DE ENGUIAS

Estalagem «A GRUTA DO RIO»
RIO DE MOURO
Telef. 2 98 05 35
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO
PARA BANQUETES

ADEGA MESQUITA
ceie

ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÁMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

RESTAURANTE E BAR
DO
HOTEL ALVORADA
ESTORIL
COZINHA PRIMOROSA E VARIADA
(Contratos especiais em casamentos, baptizados e banquetes)
Telef. 260070 (Frente do casino)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

“VINGADOR” tem novo emprego

HOLLYWOOD. — O actor escocês Patrick Macnee, que se tornou célebre em todo o mundo pela sua interpretação na série «Os Vingadores», acaba de assinar contrato para desempenhar um dos principais papeis em «Sleuth». Ainda não foi divulgado qual o tipo de personagem que incarnará.

TOIROS NA MALVEIRA

Sábado às 17,30 horas
Imponente festival de homenagem ao cavaleiro

Alberto Luiz Lopes
Actuam graciosamente os distintos artistas

DAVID R. TELLES
JOSÉ M. CORTES
ALFREDO CONDE
LUIS M. DA VEIGA
JOÃO PALHA RIBEIRO
TELLES

ALBERTO LUIZ LOPES

Forçados Amadores de Montemor

6 touros pertencentes aos seguintes ganaderos

Ribeiro Telles — Tomás da Costa — Telles Branco — Conde Cabral Herd. e José Luiz de Moura

DL
show

José Afonso regressou de férias e gravará, ainda este ano, outro LP.

Natércia Conceição, que foi, há alguns anos Prémio da Imprensa de Fado, encontra-se, presentemente, a trabalhar co-



Natércia Conceição

um «single» Poplandia que tem «Walk Along the Riverside» na face «B».

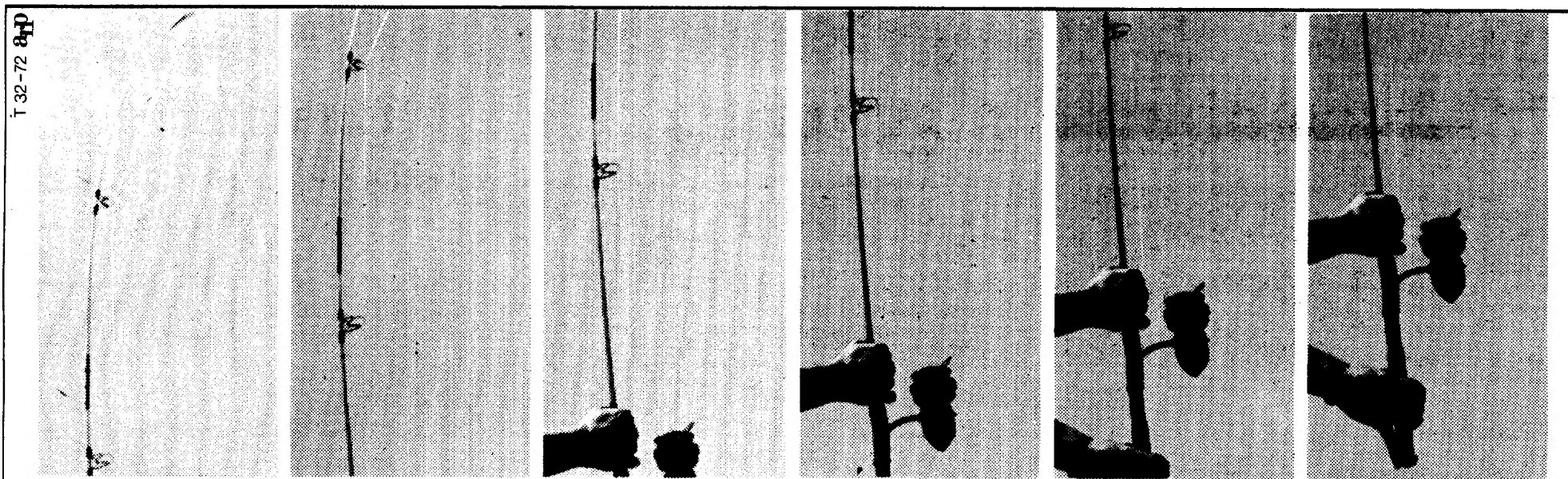
José Viana está já a ensaiar no Teatro Villaret.

«What's Up Doc?» é o título original de um filme de Peter Bogdanovich que em breve se estreará numa das salas de Lisboa. Do elenco fazem parte os nomes de Barbara Streisand e Ryan O'Neal.

José Mário Branco gravará o seu segundo LP na primeira quinzena de Setembro, nos estúdios «Strawberry», em Hérault, perto de Paris. Este trabalho deverá estar entre nós durante todo o mês de Outubro.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISAMOS OS NOSSOS CONSUMIDORES DE QUE OS ESCRITÓRIOS DESTA SOCIEDADE, ASSIM COMO OS SERVIÇOS DE CLIENTELA, SE ENCONTRAM ENCERRADOS NA PRÓXIMA 2.ª FEIRA, DIA 14, REABRINDO NA 4.ª FEIRA, DIA 16, PELAS 9 HORAS.

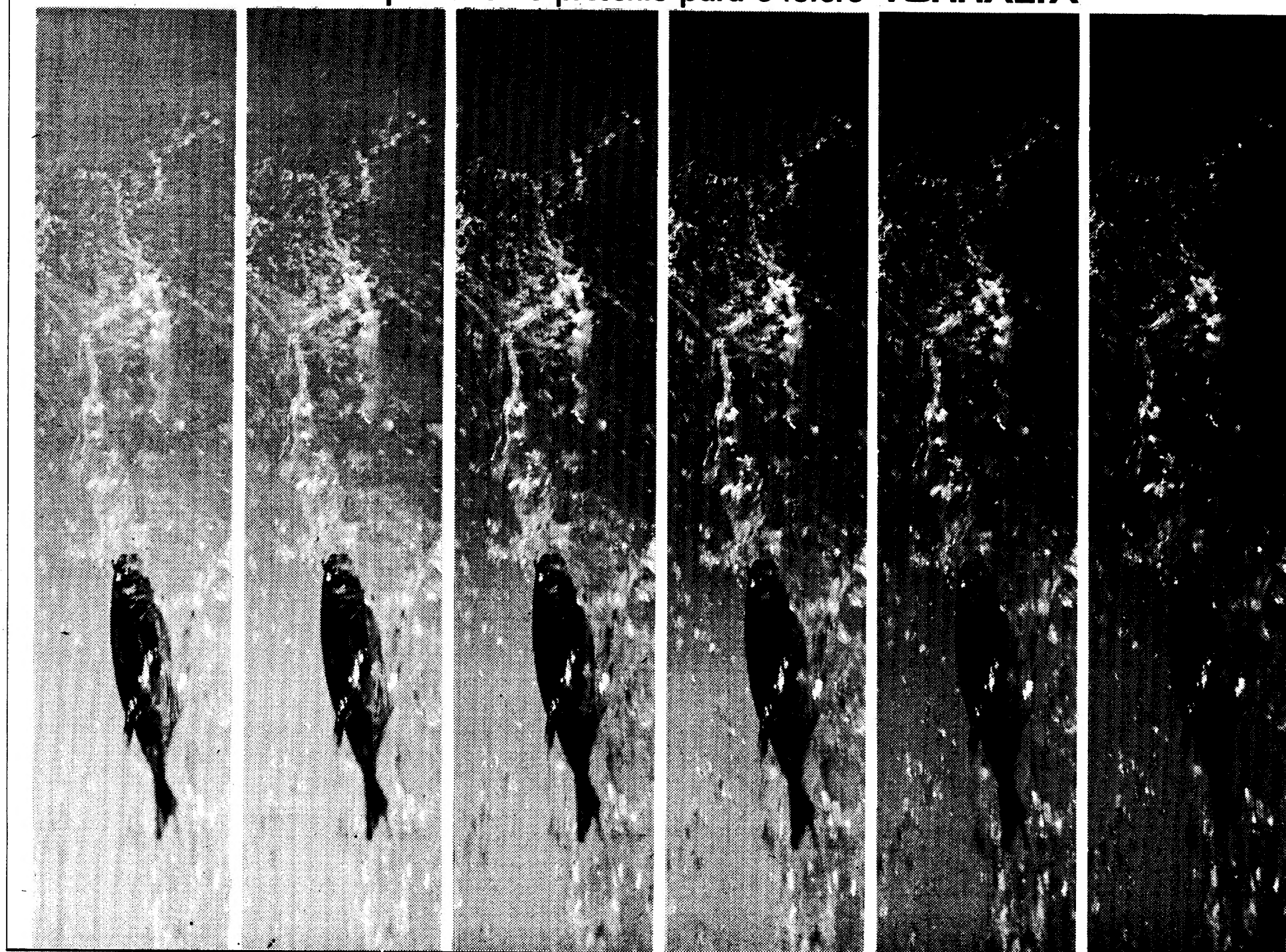


milhares de metros cúbicos de água para a prática de pesca

Pesca de rio ou pesca no mar.
Pesca de todas as espécies é o que a Torralta possibilita
a todos os que apreciam a prática desse desporto.
Para a pesca no mar põe à disposição dos entusiastas
os seus barcos devidamente apetrechados.
Para a pesca no rio oferece condições óptimas
para a prática desse desporto no Guadiana,
no Sado, no Zêzere e no Mondego.
E milhares de metros cúbicos de água
correm carregados de peixes para alegria e prazer
dos pescadores desportivos.



o turismo pensado no presente para o futuro **TORRALTA**



DL / ESPECTÁCULOS

TAUROMAQUIA

A Corrida da Imprensa, assim chamada por ser a favor da Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa, foi criação de quem estas linhas escreve, e não é de mais repetir, com as primeiras figuras de então, em Portugal e em Espanha, mas todas generosamente. A empresa do Campo Pequeno vem tendo o bom acretio de dar a Corrida da Imprensa, contraindo destacados elementos, como ontem aconteceu, com uma enchente apesar do louco Verão. Brindados por cavaleiros,

forçados e espadas foram os organizadores, o nosso bom colega José Sampaio, e Raúl do Nascimento, o bom fotógrafo.

Manuel Conde cravou três compridas e três curtas no seu primeiro, sem falhas, ao som da música, ovações e volta à arena, com Joaquim Mascarenhas que pegou bem. O seu segundo oferecia dificuldades e deu a volta Mascarenhas Pedroso por boa pega. José Mestre Baptista que toureou de tarde em Beja também ouviu música no seu primeiro, com volta à arena com

José Lebre. O seu segundo também ofereceu dificuldade e foi Mestre quem deu volta à arena. Angel Teruel, dos melhores espanhóis da actualidade, instrumentou ao seu primeiro boas «verónicas» e «chicuelinas», e bons passes de muleta deu com graciosos adornos ao som da música, com ovações, e não dando volta porque o touro tardou a recolher. No seu segundo, esteve autêntico maestro, e voltou a ouvir música e ovações mere-

cidíssimas, com voltas triunfais de que convidou a participar um dos «ganaderos», porque o touro confirmou a boa casta de Oliveiras, que foram também os nossos preferidos, em anteriores corridas da Imprensa.

Ricardo Chibanga luziu-se com a capa, e bandarilhou os seus dois como só ele sabe e pode, entre ovações e logo dando voltas, com a muleta, de pé e de joelhos, com a sua rara

agilidade e vista voltou a entusiasmar. Vinha também de tourear à tarde em Beja, mas fresco e folgado com a sua extraordinária habilidade. No seu segundo sofreu aparatosa colhida, mas logo se repôs, e voltou a ouvir música e a dar apoteóticas voltas.

Bem dirigiu o senhor Rodrigues e bem brilharam Guilherme, Olegário, «Badajoz», Tinoco, Barreto, Marques, Garçoa, Avi-

la, José Agostinho e Carlos dos Santos, estes bandarilhando os touros de Teruel. Ricardo Chibanga brindou ao empresário da Maestranza de Sevilla, D. Diodoro Canorea que assistiu acompanhado de sua esposa e que no próximo dia 15 o volta a apresentar ali, com Curro Romero e Rafael Torres.

Enfim, uma bela noite de touros e toureiros, esta Corrida da Imprensa.

Corrida da Imprensa

ANGEL TERUEL

O toureiro é um criador de beleza

Um dos responsáveis pelo enorme êxito que ontem obteve w Corrida da Imprensa foi o espanhol Angel Teruel, jovem matador que faz dupla com Chibanga, nas faenas e nos aplausos.

O torneio castelhano prescindiu de apresentações: as arenas que tem pisado falam por si e isso é o importante para os aficionados.

Teruel está diante de nós, en-

vergando um «traje de luces» de cor verde conta-nos:

— A minha vida de toureiro começou praticamente na infância já que principiiei a tourear com oito anos de idade. Aos dezasseis era matador, título que ganhei em Burgos a 30 de Junho de 1967, numa corrida que era também um concurso de ganadarias. Viçi foi o juiz. De certo modo, trata-se de um record: tornei-me matador depois de dezasseis «novilhadas», sem picador e de sezanove, com picador.

As pessoas ficaram surpreen-

didas com esta rapidez. Mas foi fácil, dentro da dificuldade da arte do toureiro.

Teruel fez, na verdade, a sua carreira com grande rapidez. Hoje apenas tem 22 anos e uma situação totalmente diferente daquela em que vivia quando menino. Olhando para o que já tem de passado, Teruel faz o seu balanço:

— Estou muito compensado. Não só economicamente, mas também porque o toureiro me diverte, é a minha vida. A minha paixão. Por isso penso lidar touros até que Deus queira e

a forma física me permita.

Se bem que a resistência física da sua juventude não lhe cause problemas, Teruel, como qualquer outro, nunca entra numa corrida de ânimo leve. Há sempre o perigo e o imprevisível:

— Sinto-me sempre preocupado antes de entrar numa praça. E sinto também uma grande responsabilidade perante o desconhecido. O risco e o encanto do toureiro e, quando se ganha essa luta, é bom saber que nem todos os poderiam conseguir. Nunca há uma corrida mais, é sempre uma e única de cada vez. É por isso que a vida de toureiro deixa sempre tantas recordações.

Teruel diz isso enquanto lhe vão ligando os punhos, sem nunca deixar de estar de pé. É um ritual lento onde parece procurar a calma. Aliás, o nervosismo não se lhe nota. Continua:

— Para mim, não é só a luta com o touro que faz um toureiro. Há que saber criar beleza entre o homem e a fera. É essa beleza o principal, ela é que perdurará depois de cada actuação. Como na música séria ou nas outras artes. Os criadores de beleza, são essas os grandes toureiros.

A terminar perguntámos-lhe o que achava do seu colega de toureiro, Chibanga, que com ele iria contracenar. Assim respondeu:

— É um toureiro também novo e com muitas qualidades. Acho que tem bastante valor.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA EDITAL

Concurso público para a adjudicação e fornecimento de um chassis de uma viatura pesada.

Serafim de Jesus Silveira Júnior, Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas e Presidente da Câmara Municipal de Almada:

Faço público, de harmonia com a deliberação municipal de 1 de Agosto corrente, que está aberto concurso público para a adjudicação e fornecimento acima mencionados.

Depósito provisório 6000\$00
As propostas devem ser apresentadas no prazo de vinte dias, contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», e a sua abertura terá lugar na primeira reunião da Câmara que se realize numa terça-feira, pelas 19 horas.

O programa do concurso e caderno de encargos estão patentes, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na 1.ª Secção dos Serviços Centrais.

Paços do Concelho de Almada, 8 de Agosto de 1972.

O Presidente da Câmara — Dr. Serafim de Jesus Silveira Júnior.

ROMA

ESTREIA

HOJE ÀS 21.45

AS CRENÇAS, OS MEDOS, AS LUTAS,
NA ASPEREZA AMARGA
DO NORDESTE BRASILEIRO!



O LAMPIÃO
(O CANGACEIRO)

TOMAS MILIAN
UGO PAGLIAI * HOWARD ROSS

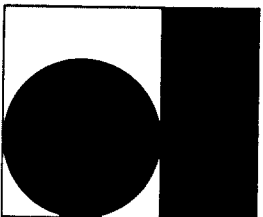
Realização de GIOVANNI FAGO

TECHNICOLOR - CINEMASCOPE

GRUPO D - 18 ANOS



hoje
além do
horário
habitual
exposição
nocturna
das 21 às 24h



decorama

MOBILIÁRIO MODERNO... DIFERENTE

tecidos
adornos
candeeiros

avenida
miguel
bombarda 21/a
lisboa

NOVAMENTE A
TALUDA

3496

6000 CONTOS

VENDIDO AOS BALCÕES
DO POPULAR

CAMPIÃO

(A CASA DE LOTARIAS
MAIS ANTIGA DO MUNDO)



DOUTOR
HENRIQUE AIRES NUNES SOARES

Missa do 30.º dia e agradecimento

Sua família participa que amanhã, às 19,30 horas, na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora (Parada dos Prazeres), será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

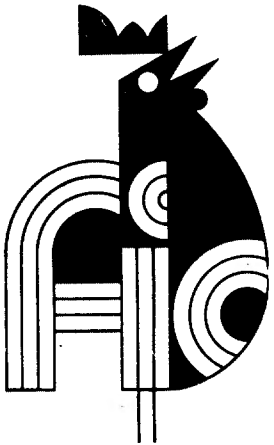
Agradecemos desde já às pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto, bem como àquelas que lhes manifestaram o seu pesar, e que não foi possível agradecer directamente.

P. N. A. M.

DL/GERAL

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR DO RIO DE JANEIRO

TERMINOU A VOTAÇÃO



Terminou à meia-noite de ontem o prazo de entrega de votos para designar um segundo intérprete para o VII Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro. Entretanto, não pára de chegar correspondência, que será toda aceite desde que tenha a data de expedição (carimbo) de dia 10. Por isso só forneceremos a classificação final da próxima segunda-feira, quando todas as possibilidades de nos chegarem mais votos estiverem esgotadas. Até lá, mantém-se a expectativa! Apenas podemos adiantar que nos chegaram muitos milhares de votos no último dia. O resto só segunda-feira!

O C. E. A. T. A. CONTINUA

Segundo uma informação do Ministério dos Negócios Estrangeiros, foi assinado naquele departamento governamental, entre o ministro e o embaixador da Alemanha Ocidental, um ajuste complementar por troca de Notas ao acordo luso-alemão sobre a criação de um Centro de Experimentação e de Assistência Técnica à Agricultura em Alvalade (Alentejo), de 7 de Julho de 1968.

Segundo a mesma nota, o governo da R. F. A. concordou em prolongar, até 31 de Dezembro de 1972, a assistência técnica que vinha fornecendo ao abrigo do referido Acordo, com-

prometendo-se, para o efeito, a deixar permanecer em Portugal, até aquela data, dois peritos do sector de comercialização dos produtos agrícolas, nos termos estabelecidos no Acordo original.

O Centro de Experimentação e de Assistência Técnica à Agricultura (C. E. A. T. A.) é um organismo luso-alemão criado ao abrigo do apoio financeiro fornecido pela Alemanha para as obras do regadio alentejano. Tem funcionado numa herdade da Junta de Colonização Interna, sita no Monte dos Alhos (Alvalade-Sado), na parte de experimentação científica, e na sede, em Lisboa, no que diz respeito à comercialização. Os estudos feitos, neste último sector, e as informações semanais fornecidas à lavoura e ao mercado em geral são dos mais completos, actualizados e assíduos. Parece incidir na comercialização o prolongamento de acordo agora assinado.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nas seguintes Zonas:

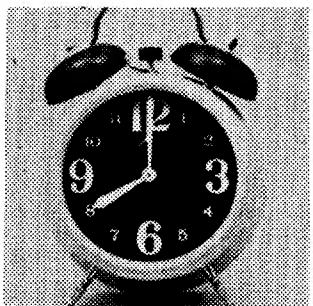
CONCELHO DE SINTRA

1.ª Zona — PAIÕES. (Das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE OEIRAS

2.ª Zona: AMADORA: Praceta de Santa Cruz, Rua das Terras do Vale, Avenida do Brasil, Praceta da Índia, Praceta da Terra da Bonita, Praceta da Ribaldeira e imediações. (Das 8 às 14 horas).

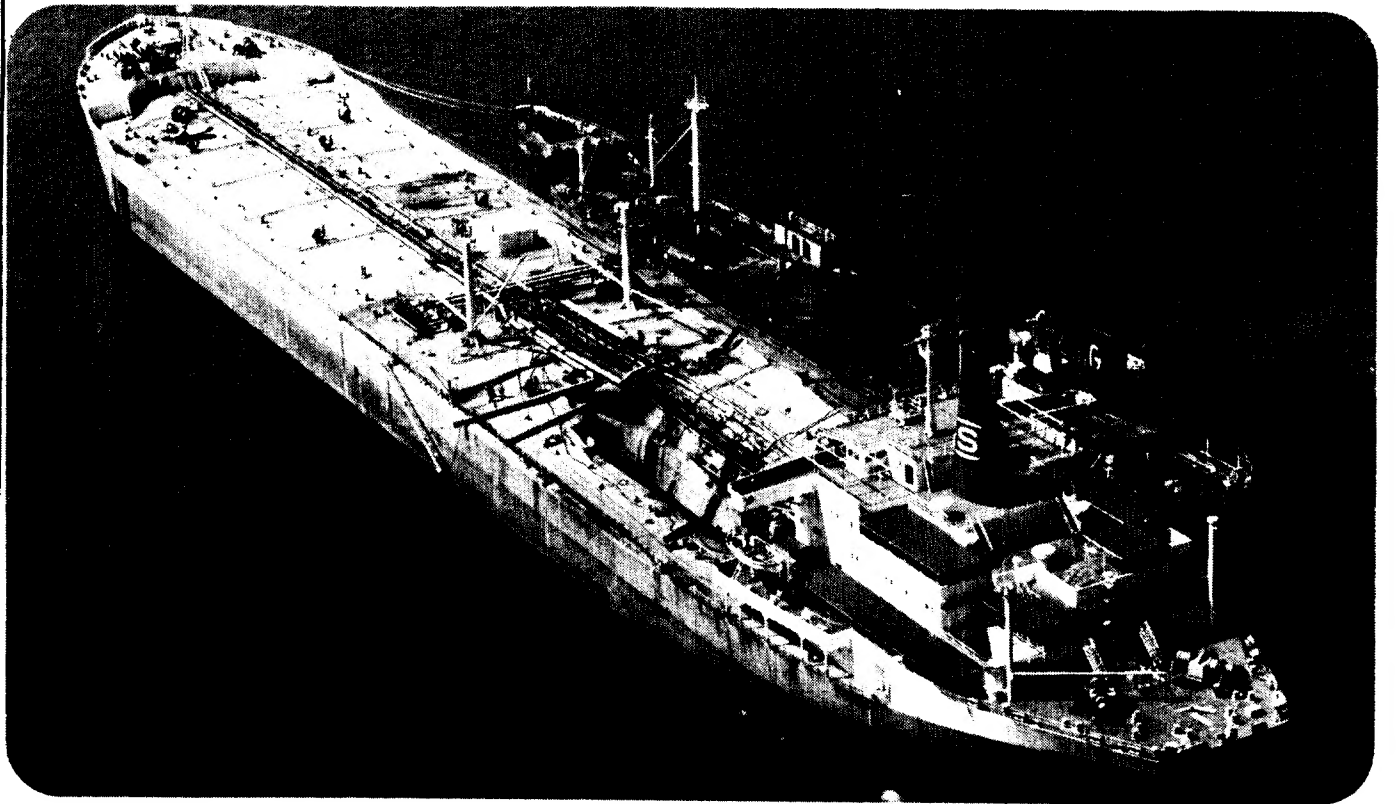
CUSTA-LHE ACORDAR?



Ter de acordar cedo não é propriamente uma tragédia! Há algumas regras fáceis, simples e claras que ajudam a resolver esse drama quotidiano.

Prepare-se para acordar cedo, fresco, repousado e bem disposto todas as manhãs, respeitando as normas resumidas num interessante artigo publicado no número de Agosto de Selecções do Reader's Digest. Compre já o seu exemplar.

Reparação de um petroleiro



A fotografia mostra o navio petroleiro «SEVEN SEAS», de cerca de cem mil toneladas de porte, no porto de Lisboa, a transferir as águas de lavagem dos seus tanques para o «PRAIA BRANCA», uma das estações de separação de água do óleo da Gaslimpo.

O «SEVEN SEAS» sofreu, como informámos, sérias avarias, visíveis na foto, resultantes de explosão no passado dia 8 de Julho, quando navegava em lastro do Brasil para o Médio Oriente. O trabalho de reparação foi atribuído à LISNAVE em concorrência

com grandes estaleiros de reparação naval do Norte da Europa. Avalia-se em duas mil e quinhentas toneladas o peso de aço a utilizar na reconstrução que será feita em cento e vinte dias.

NOTA: Primeira operação à chegada a Lisboa em qualquer navio petroleiro é sempre o tratamento das águas de lavagem dos tanques de óleo, para separar a nafta e obter água limpa. O óleo é armazenado numa estação de limpeza e, depois, é refinado para ser utilizado como combustível. A água limpa é lançada ao rio.

COMTEMPLADAS DUAS SENHORAS NA INICIATIVA DA TRANSMOTOR COM A COLABORAÇÃO DAS MALAS TAURO

São já conhecidos os nomes dos concorrentes premiados no âmbito da iniciativa do «stand» Transmotor, destinada a todos os visitantes dos modelos Toyota patentes naquele estabelecimento.

Os concorrentes, contemplados com magníficos jogos de malas «Tauro», são duas senhoras, cujos nomes foram indicados por sorteio: Sr.ª D. SOFIA DA FONSECA GUEDES TRAVESSA FRAZÃO, moradora na Rua Washington, 68-2.º Dt.º Lisboa, e Sr.ª D. FERNANDA MARIA PIEDADE OLIVEIRA, moradora na Rua Emília das Neves, 25-r/c Esq.º também em Lisboa.

A iniciativa do «stand» Transmotor, que se revestiu do maior êxito, não exigia que os concorrentes fossem compradores dos automóveis Toyota, representados por aquele «stand».

De facto, podiam participar todas as pessoas que até ao dia 31 de Julho passado visitassem o estabelecimento. O mecanismo do concurso foi o mais sim-

ples possível: a cada visitante era entregue, à entrada, uma senha numerada, a qual o habilitava imediatamente aos dois jogos de malas da marca «Tauro»,

que com o seu prestígio deu o maior brilho a esta iniciativa. As senhas premiadas tinham, respectivamente, os números 1290 e 2642.

NACIONAL RÁDIO, S. A. R. L.

Informamos os n/ estimados Agentes e Clientes que o n/ Centro de Recepção e Entrega de materiais, na Av. Victor Hugo, n.º 4-A e C, Lisboa, se encontram encerrados para férias do pessoal a partir do dia 12 do corrente, reabrindo a 12 de Setembro próximo. Os serviços centrais na Rua de St.ª Sofia, 17, na Cruz Quebrada continuam ao dispor do público.

COLABORE COM AS AUTORIDADES E PROTEJA O SEU AUTOMÓVEL!

GANSO



PROTEGE: CARRO — PNEUS — RÁDIO — ACESSÓRIOS — OBJECTOS NO CARRO

20 CARROS POR DIA
FURTADOS EM LISBOA

AUTO ALARME

VIBRATÓRIO
(GARANTIDO POR 1 ANO) Ref. 33 801

MONTAGEM GRÁTIS
EM TODAS AS VIATURAS EQUIPADAS COM

BATERIAS HAGEN

Loja 3 — AV. SACADURA CABRAL, 27-B
AGENTES BATERIAS HAGEN
Especializados em suspensões e amortecedores

MONTAGENS
RÁDIOS, FÁRÓIS,
BUZINAS, ETC.

MONUMENTAL
HOJE: 2 SESSÕES 20.45 E 23 HORAS
Domingos à tarde às 16 h.
Grupo D — M/ 18 anos

VASCO MORGADO
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA POPULAR
P'RA FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
• IRENE ISIDRO •
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
E a fadista Ana Rosmaninho
JULIO CÉSAR • VÍCTOR MANUEL

PICCADILLY STARS BALLET
3.º MÊS
Mais de 60 figuras em cena

DL/GERAL

em 3 linhas

Uma portaria da Presidência do Conselho determina que seja aprovada e posta em execução para uso das Juntas de Saúde da Força Aérea, a tabela médica das doenças e lesões que incapacitam para o serviço militar.

///

Por determinação do Ministério das Finanças, são transferidas verbas nos orçamentos de diversos Ministérios, no montante de 14 972 253\$00.

///

O primeiro-comissário do quadro de comissários da P. S. P. do Comando Distrital do Porto sr. Manuel Nunes Martins foi nomeado comandante distrital da corporação de Ponta Delgada graduado no posto de comissário principal.

///

Foram dadas por caducas diversas concessões de estabelecimentos ostelcoas nos saps da Carrasqueira-Comporta e de Comporta, na margem esquerda do Rio Sado.

///

O sr. eng. António Júlio de Campos Monteiro Forte foi nomeado definitivamente chefe de divisão dos Serviços Centrais do Gabinete do Plano do Zambeze.

///

Está aberto concurso de provas documentais e práticas para concessão do grau de especialista a indivíduos estrangeiros ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

///

Foi tornada extensiva a título prévio, às obras de ampliação a efectuar — construção de três novos edifícios com mais cêntro e vinte quartos e modernização e transformação das instalações primitivas — a declaração de utilidade turística do Hotel de Lagos, naquela cidade algarvia, construído pela Maal.

///

A sr.ª dr.ª Maria Ferraro Vaz dos Santos Graça Soares Silva, chefe de secção da Conservatória dos Registos Centrais foi nomeada, interinamente e em comissão de serviço, para o lugar de técnico da Direcção-Geral dos Registos e do Notariado.

///

Foi exonerado, a seu pedido o sr. dr. Luis Plácido Miranda Garcia das funções de subdelegado do I. N. T. P. na Covilhã.

///

Renovado, por mais três anos, com o sr. dr. Júlio Augusto Dá Mesquita Gonçalves o seu contrato como assistente além do quadro do 3.º grupo de disciplinas (Estudo das Populações Ultramarinas) do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURISSARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

NOS E.U.A.

Câmara dos representantes aprova empréstimos a Portugal

WASHINGTON, 10 (F.P.R.) — A Câmara dos Representantes rejeitou ontem à noite duas emendas ao projecto de lei de assistência ao estrangeiro que visava eliminar a assistência militar ao Camboja e à Tailândia e ainda um empréstimo de 400 milhões de dólares feito a Portugal.

A Comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara dos Representantes tinha proposto a suspensão dum empréstimo de 400 milhões de dólares (cerca de 10 milhões de contos) feito a Portugal bem como a de um montante de 30 milhões tentando evitar que os Estados Unidos directa ou indirectamente se comprometessem com a «manutenção do regime colonial» português em Angola, Moçambique e Guiné. No entanto, o argumento apresentado de que qualquer suspensão poderia fazer perigar a presença americana nos Açores acabou por levar os representantes a rejeitar a emenda proposta.

Não teve melhor sorte a proposta que reclamava o fim da assistência militar ao Camboja e à Tailândia.

A Câmara, por votação oral, eliminou da lei pendente sobre auxílio militar ao estrangeiro uma cláusula mantendo fundos, nos termos do acordo, para renovar o emprego de bases militares no Arquipélago dos Açores em troca de auxílio económico até 421 milhões de dólares (cerca de 11.760.000 contos) em auxílio económico.

A Comissão de Negócios Estrangeiros da Câmara introduziu na sua lei de auxílio uma parte proibindo gastos dos fundos até o acordo ter sido submetido, como um tratado formal, ao Senado ou a ambas as câmaras do Congresso, como uma resolução.

O Senado aprovara uma cláusula semelhante na sua moção na lei de auxílio ao estrangeiro.

Contudo, a Câmara manifestou-se contra a restrição, após

membros da Comissão dos Serviços Armados alegarem que a continuação do uso das bases dos Açores era essencial para protecção das vias marítimas do Atlântico.

O congressista Samuel Stratton, democrata por Nova York, afirmou que se o Congresso bloqueasse os fundos de auxílio, que descreveu como um «quid pro quo» pelo arrendamento das bases, poderia «destruir a capacidade de conduzir guerra anti-submarina no Oceano Atlântico».

O congressista Donald Fraser, democrata pelo Minnesota, disse que o acordo ajudava Portugal a continuar a sua luta contra movimentos nacionalistas em território africano português.

A maior parte dos fundos seria fornecida por intermédio do Banco de Exportação e Importação do Governo americano e seria destinada a projectos de desenvolvimento no Portugal metropolitano.

NA CIDADE DA BEIRA

Preços especiais para cabelos com mais de três meses

É mais caro o corte para os cabelos com mais de três meses nas barbearias da cidade da Beira em Moçambique, segundo noticia o matutino «Notícias da Beira». De acordo com uma reportagem efectuada por um repórter do referido jornal, a iniciativa de aumentar o preço do corte para os cabelos com mais de três meses, pertenceu inteiramente aos barbeiros locais, sem que para isso lhes tivesse sido fornecida qualquer autorização legal.

O preço do corte normal, naquela cidade, está tabelado oficialmente em 25 escudos mas, agora, surgiu o novo preço de 40 escudos para os cabelos com mais de três meses. Tem interesse transcrever um diálogo que

o repórter manteve com um dos barbeiros que decidiu adoptar o novo preço. Depois de ter verificado a existência de uma tabela, afixada em local bem visível, o jornalista perguntou ao proprietário do estabelecimento:

«Pode-me dizer o que entende por «cabelos com mais de três meses»?»

— E isso mesmo: cabelos com mais de três meses.

— Se eu quiser cortar os meus, dá-lhe quantos meses?

— Ou tem três meses ou mais. Menos, nunca.

— Mas como pode o senhor aferir a idade da minha cabeleira assim tão de repente? E se ela tiver, por exemplo, dois meses e meio?

— Olhe, não estou no ofício há pouco tempo. Já nele trabalho há uma porção de tempo suficientemente grande para calcular o tempo que tem esta ou aquela cabeleira.

— E a sua tabela está oficializada por quem?

— Por mim, pelo bairro.»

A C. P. INFORMA:

Bilhetes de fim-de-semana no feriado do dia 15 de Agosto

Atendendo a que o próximo dia 15 de Agosto é dia feriado, os bilhetes de «fim-de-semana» são válidos, na viagem de regresso, até às 24 horas do dia 16 (quarta-feira).

ORA DIGA-NOS ...

Já assitiu a uma inundação?

Densidade de precipitação da chuva em curto espaço de tempo, roturas de condutas por «caterpillars» em manobras, subida extraordinária das águas de um rio, esgotos entupidos ou demasiado abertos por aflusos súbitos de matéria, podem ser algumas de outras razões para aue ruas e acampamentos da cidade se vejam inundados, cheios de água demolidora que tudo deteriora, matando às vezes. Há dias as do Campo Grande, há anos «as de 67», continuam ainda na memória das pessoas, à mistura com outras mais recentes por esquecimento de torneiras abertas ou do xafariz público, onde o há.

CARLOS ALBERTO VELOSO JORGE, de 16 anos, aprendiz de cortador, assistiu, por obrigação às «inundações de 57».



balhar para Lisboa, não pude atravessar a linha do comboio para Benfica. Não me prejudicou muito pois apanhei a «camionete» e vim.

— Mas nem sequer foi ajudar a vizinhança?

— Eu não, fui trabalhar para o meu emprego.

De sangue um pouco menos frio, é o depoimento de Heitor da Silva, promotor de vendas, de 34 anos que assistiu também às «catástrofes de há seis anos».

— Eu assisti a tudo em Alges. As caves encheram-se de água e viam-se a boiar as coisas mais variadas, como bilhas, fogões, roupas, papéis e até um piano que andava sozinho, pois a força da corrente era muito grande. Era quase impossível resolver aquilo, pois as instalações sanitárias estavam abaixo do nível das águas do mar.

Fora isso... só uma inundação que tive lá em casa por dixer uma torneira aberta.



— Não tive outro remédio, vivia em Odivelas quando a água da chuva foi tanta que desresgouva o rio, inundando tudo. Entrou pelas caves dos prédios, levou as barracas e a criação por água abaixo e até conseguiu levar as vacas.

Ri-se, mas depois lembrou-se:

— Também morreram pessoas. Muitas. Foram lá os bombeiros e os fuzileiros navais, mas serviram de pouco, ficou tudo destruído. Foi então que construíram as barracas e o bairro dos Sinistrados.

A empregada de refeitório, Prudência Augusta de Jesus, de 56 anos, também já assistiu, «mas de longe».

— Moro na Damaiá, lá num alto e quando vinha tra-



Externato Marquês de Pombal

NOVAS INSTALAÇÕES

Em edifício próprio (5 pisos)

RUA MORAIS SOARES, 93 — Tel. 820221/834658 (ao Chile — Metro: Arroios)

PREPARATÓRIO — LICEAL — INSTITUTOS

CURSO COMERCIAL

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Externato São Vicente

Rua do Paraíso 28 — Tel. 86 41 00

Externato Álvares Cabral

Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tel. 70 69 74

MOVIMENTO DIPLOMÁTICO E CONSULAR

Colocado, por conveniência de serviço, na disponibilidade, o sr. dr. Nuno Álvares Adrião de Beça Lopes, ministro plenipotenciário, em serviço no Consulado-Geral de Portugal em Dusseldórfia foi chamado ao serviço na Secretaria de Estado.

O ministro plenipotenciário sr. dr. Carlos Pericão de Almeida, ministro plenipotenciário na situação de disponibilidade, chamado ao serviço no estrangeiro e gerindo, em comissão o Consulado-Geral de Portugal em Joanesburgo regressou ao seu quadro dos serviços externos e colocado definitivamente no referido Consulado-Geral.

— Foi nomeado chanceler do

Consulado de Portugal em Badajoz o sr. Alfonso Villarroja, em substituição do sr. José Guimel Alvarez, exonerado, a seu pedido, das referidas funções.

NOVO BAIRRO

CIDADE DA PRAIA, 11 — (ANI) — Os 24 moradores do primeiro dos três blocos habitacionais em construção no Bairro Presidente Craveiro Lopes, da Cidade da Praia, receberam as respectivas chaves das mãos do governador-geral de Cabo Verde brigadeiro Lopes dos Santos.

DL /REPORTAGEM

SUPERLOTADOS os hotéis e pensões de Lisboa, Estoril e Algarve



Nem todos os lugares servem para ficar

Os hotéis e pensões, de Lisboa, Estoril e Algarve, estão superlotados. Tal acontecimento ocorre todos os anos nos meses de Verão mas, este ano assumiu proporções muito maiores. A superlotação provoca uma corrida constante às reservas, que muitos estabelecimentos hoteleiros já não podem aceitar. No caso de um hotel na linha do Estoril as reservas já feitas prolongam-se quase até ao fim do ano que corre.

No Algarve o fenómeno assume aspectos muito especiais, já que a corrida se verifica única e exclusivamente durante os meses de maior calor, enquanto no Inverno os clientes rareiam. As consequências são evidentes, acentuando-se uma faceta de crise. Nos últimos tempos tratou-se mesmo a nível público do problema, preconizando-se várias soluções ainda não efectivadas.

SUPERLOTAÇÃO É NEGÓCIO

Contactados vários hotéis da capital, na maioria deles as respostas eram lacónicas, sob a alegação (efectiva) de que os balcões estavam rodeados de gente para atender. No entanto, desses contactos foi possível obter um sumário. Eis o que se passa no Hotel D. Carlos:

Sim, estamos cheios, e de resto é o que acontece nesta época do ano. Mas este ano o facto tem-se agravado.

Por seu turno o Hotel Mundial, e nota-se que falamos de estabelecimentos de primeira classe, «está completamente esgotado».

Está esgotado desde Março. Isto acontece todos os anos, mas uns anos é pior que outros, quando as pessoas aqui vêm e nós não temos quartos, falamos a colegas nossos. Mas nem sempre se consegue o quarto que o cliente deseja.

Dez pessoas esperando ser atendidas impediram que a conversa se prolongasse.

As pensões perto da Praça de Saldanha têm uma frequência

talvez mais acentuada que as restantes, se exceptuarmos a Baixa. A uma hora em que a clientela já deixava tempos vagos falamos com a gerente da pensão «A ponte», situada naquela zona. Trata-se de um estabelecimento com 12 quartos, cada um com camas duplas, todos com casa de banho privativa.

Nesta altura era preciso ter uma pessoa de serviço permanentemente ao telefone só

não tinha outro remédio.

A partir das dez, onze horas da noite, começa a ver-se o movimento de indivíduos que procuram, de pensão em pensão, de hotel em hotel, um lugar onde ficar. Na maioria dos casos o problema é de difícil resolução. E ainda a gerente de «A ponte» quem nos diz:

Há uma corrente que diz respeito às pessoas só que aparecem para alugar um quarto. A maioria das pensões tem quartos duplos e sabe-se que a uma hora mais tarde esse quarto acabará por ser alugado, ou a duas pessoas, ou a uma que paga o preço de duas. É isso que complica a situação do passageiro.

E acrescenta:

Há colegas que têm contactos com casas particulares. Assim se resolve o problema da maioria das pessoas. No meu caso, tive contactos com algumas dessas casas no ano que acabou. Este ano não.

O CASO DA LINHA

O conjunto de hotéis que existe na linha do Estoril serve por um lado de residência a pessoas endinheiradas, por outro de poiso à maioria dos estrangeiros que visitam Lisboa.

O hotel Cidadela, cuja classificação é de quatro estrelas, o que corresponde a primeira classe, informa-nos que «a coisa se tem agravado de dia para dia». Depois de consultado o livro de registos informa-nos um dos rececionistas:

Estamos completamente cheios desde 25 de Julho. Quando nos aparecem clientes tentamos logo telefonar uns aos outros, mas nem sempre se conseguem bons resultados. Ontem foi possível alugar alguns clientes na Casa Lena. Todos os outros hotéis estavam cheios, repare que os clientes tiveram de ir para pensões.

Por sua vez, outro dos mais importantes hotéis daquela importante zona, o Estoril-Sol, confirma o que o anterior colega tinha dito:



Tem havido um afluxo para além do normal

para atender pedidos de quartos. A noite passada, com os telefonemas e as pessoas que aqui vieram, se eu tivesse 100 ou 200 quartos, tinha-os alugado todos. A situação é tal que eu tinha deixado ficar quatro pessoas num quarto para duas. Chegavam aqui em grupos e eu

Neste momento o hotel está completamente cheio. E já temos reservas feitas para quase todo o ano de 72. É claro que em certos dias temos algumas vagas, mas, geralmente, à noite fica tudo cheio. Não mandamos clientes para outros hotéis, porque as pessoas não vêm para aqui de qualquer maneira. Vêm sempre com reserva já feita.

DE LISBOA AO ALGARVE

O Hotel Ritz, um dos melhores e com preços mais elevados, debate-se com problemas semelhantes aos dos restantes:

Temos o mesmo problema de todos os restantes. Tem havido um afluxo para além do normal, e estamos com graves problemas de alojamento. Hoje ainda não ocorreu a ocupação total, mas isso vai acontecer com certeza.

O Algarve também não escapa. O mesmo estado de coisas prolonga-se de barlavento a sotavento. Contactado telefonicamente com o Hotel Faro, desta cidade, informam-nos do seguinte:

Estamos cheios até ao dia 20. Vêm aqui imensas pessoas pedir quarto, e acontece que há muito quem venha logo de manhã, porque sabem as dificuldades. Geralmente as pessoas que aqui aparecem de surpresa não têm quartos, e acabam por ir para Olhão.

Referindo-se à situação peculiar deste ano, o rececionista daquela unidade acrescenta:

Uma coisa curiosa é que este ano, contrariamente ao habitual, os quartos não são marcados com antecedência. Há muitos passantes. Mas é só neste mês. Durante o Inverno não temos quase ninguém.

O mesmo nos dizem de outros hotéis. A confirmar uma situação que, se não for resolvida rapidamente, poderá levantar muitos problemas a curto prazo.

O REGRESSO DE UMA OBRA IMORTAL

com
**GINA
Lollobrigida**

e
**ANTHONY
QUINN**



Grupo C
M-14 anos

**NOSSA
SENHORA DE PARIS**

(NOTRE DAME DE PARIS)

um filme de JEAN DELLANNOY
extraído da obra de VICTOR HUGO

HOJE

às 21.45



**CINEMASCOPE
EASTMANCOLOR**

ALVALADE

em cada minuto
nasce um livro no mundo. Você está em dia?

SOCIOLOGIA DAS RELAÇÕES SEXUAIS

André Morali-Daninos

O rigor de um texto de nível, o prestígio da Coleção «Saber» — e eis um livro urgente e necessário para todos. A análise sociológica e moral da sexualidade no seu amplo campo de consequências: do social ao biológico. Um tema que ninguém pode desconhecer.

205

AS GRANDES DOCTRINAS ECONÓMICAS

Arthur Taylor

Sucessivas edições: 14.000 exemplares em Portugal. O que é raro para um livro de não ficção. Mas como a economia é cada vez mais importante nos estudos organizados, na cultura viva do nosso tempo e no planeamento da própria vida das sociedades, é para todos que este livro é dirigido

205

NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM

Vladimir Dudintsev

Milhões de pessoas na Rússia e em todo o mundo discutiram o «caso Dudintsev». Uma obra inconfundível de um dos mais polémicos escritores russos dos nossos dias. Lançado sob o prestígio da revista moscovita Novy Mir, este livro passou a ser lido mundialmente. E agora se lo-á também por você.

805

CONVERSA NA CATEDRAL

Mario Vargas Llosa

Um marco da nova e explosiva literatura latino americana. Um sucesso mundial, agora em português. O romance do ano! Os mecanismos mentais e morais que comandam o Poder.

Enfim, entre nós, o universal peruano Vargas Llosa.



1005

A GUERRA DAS BANANAS

K. H. Poppe

De um lado o grupo norte americano, United Fruit Company; do outro, o povo da América Central. A exploração da banana está no centro de toda a discórdia. À volta, os valores humanos, a violência, as crises políticas e sociais. Um documento, um romance que durante muito tempo esteve fora das livrarias.

505

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMERICA
APARTADO 8 - MEM MARTINS

DL/ESTRANGEIRO

VIETNAME DO SUL:

Deixa de haver tropas "combatentes" americanas

SAIGÃO, 11 — (FP e R) — A partir de agora, deixa de haver tropas «combatentes» no Vietname — indicou o porta-voz americano, acrescentou que «isso não significa que mais nenhum soldado venha a morrer no Vietname». Com efeito, continuarão no país 43 000 homens, a maioria deles na base americana de Long Binh, a 24

quilómetros de Saigão. Desses efectivos fazem parte os conselheiros americanos, que continuam a acompanhar as tropas em operações. Há também pilotos de aviões e helicópteros que, como até agora, serão encarregados de missões nas várias zonas de combate.

Por outro lado, segundo disse o porta-voz, o presidente Nixon comprometeu-se a reduzir para

39 000 o número de soldados americanos no Vietname em 1 de Setembro próximo.

Tripulações de caças-bombardeiros foram recentemente enviadas para bases na Tailândia, donde continuam a atacar o Vietname.

Há ainda 39 000 a bordo das unidades da marinha americana ao largo das costas vietnamitas,

mas esse pessoal militar não é considerado parte integrante do corpo expedicionário americano no Vietname.

ASSALTO PERTO DE SAIGÃO

Forças norte-vietnamitas e do Vietcong desencadearam durante a noite um assalto em três frentes contra posições

governamentais, a menos de 32 quilómetros desta capital, segundo revelaram hoje fontes militares.

O presidente Nguyen Van Thieu previu que uma tentativa comunista para cortar o abastecimento de víveres do delta do Mekong a Saigão faria parte de uma arrancada norte-vietnamita contra a capital.

VITÓRIA DE NIXON

WASHINGTON, 11 — (ANI e FP) — A Câmara dos Representantes proporcionou na quinta-feira importante vitória ao presidente Nixon ao rejeitar uma emenda destinada a impor a retirada completa das forças americanas do Vietname em troca da libertação dos prisioneiros por Hanói e de um cessar-fogo.

Esta emenda não ia tão longe como a aprovada pelo Senado na semana passada. Com efeito, este decidira cortar todos os créditos para a guerra da Índochina no prazo máximo de quatro meses, com a única condição de serem libertados os prisioneiros americanos.

RAMSEY CLARK CRITICA-DO

O presidente do Partido Republicano Robert Dole, acusou ontem o antigo procurador-geral Ramsey Clark de servir de «divulgador das mentiras e da propaganda comunista» durante a sua presente visita a Hanói.

«Muitos de nós já se habituaram a ver Clark proceder de forma singular», acrescentou Dole — «mas nada fazia esperar que se conduzisse de tal maneira na capital de um país que está em conflito directo com uma nação nossa aliada.»

O presidente do Partido Republicano comentou ainda o facto do candidato democrático à presidência dos Estados Unidos ter anunciado que gostaria de ter Clark no seu gabinete, caso ganhe as eleições.

MINICHIELLO VAI PROCESSAR O EX-PATRÃO

ROMA, 11 — (ANI) — Raffaele Minichiello, o antigo fuzileiro naval que desviou para Roma, em Outubro de 1969, um jacto com destino a Los Angeles, anunciou que vai processar Nicola Passanti, proprietário do hotel onde se encontrava empregado, por difamação de carácter.

Minichiello declarou que Passanti lhe chamou «maluco, criminoso, uma pessoa absolutamente indesejável e capaz de assassinar clientes norte-americanos e funcionários da NATO».

O antigo fuzileiro declarou ainda que, desde que foi despedido do hotel, não conseguiu arranjar outro emprego.

Heykal: cinco aviões russos foram abatidos em 1970

CAIRO, 11 (R) — O mais bem informado dos comentadores egípcios, Mohammed Hassanein Heykal, revelou hoje que cinco aviões militares soviéticos, pilotados por aviadores russos, foram abatidos em menos de um minuto por jactos Phantom, israelitas, durante combates sobre território egípcio, em Junho de 1970.

Heykal, confidente do presidente Anwar Sadat, fez esta revelação no seu artigo semanal para o jornal «Al Ahram», no qual trata das relações soviético-egípcias após o Egipto ter decidido, o mês passado,

dispensar os serviços dos peritos militares soviéticos.

Sempre correram rumores acerca de pilotos russos abatidos pelos israelitas, mas tais rumores nunca chegaram a ser completamente conformados e a revelação agora feita por Heykal constitui a primeira referência pública feita ao assunto.

No seu artigo, Heykal afirmou ter sido o falecido presidente Nasser quem o informou pessoalmente de que os cinco aviões russos haviam sido abatidos.

«Com uma voz em que se notava profunda tristeza,

o presidente telefonou-me, em fins de Junho de 1970, para me dizer que algo de estranho acontecera nesse dia. Cinco aviões soviéticos, com os seus pilotos russos, teriam sido abatidos pelos israelitas», narrou Heykal no seu artigo.



O CANDIDATO DEMOCRÁTICO à Presidência dos EUA, George McGovern, à chegada a Providence, no Estado de Rhode Island, no decurso de uma digressão eleitoral pela Nova Inglaterra. (Telefoto UPI/Telimprensa)

McGovern pede a Nixon um debate na TV

PROVIDENCE (RHODE ISLAND), 11 — (R) — O senador George McGovern inicia hoje nesta cidade a sua campanha eleitoral para a presidência, durante uma digressão assinalada por violentos ataques contra o presidente Nixon.

Fazendo ontem a sua cam-
panha através dos Estados da Nova Inglaterra, o candidato democrático mostrou-se, também, disposto a ouvir queixas de eleitores.

Em Manchester, no Novo Hampshire, uma área amigável que o ajudou a apresentar-se como um candidato viável durante

as eleições primárias, McGovern perguntou aos operários de uma fábrica de calçado: «Se foi eleito, qual é a primeira coisa que pretende que eu faça?»

A amioria dos operários respondeu «Acabe com a guerra», enquanto outros disseram «Melhores a economia» e alguns exclamaram «Suspenda as importações».

O senador classificou o presidente Nixon como «O amigo dos gatos gordos» e observou: «Nixon não é para nós. Não é para o povo».

McGovern pediu novamente ao presidente para travar com ele um debate na televisão nacional.

«Deixemos que o patrão revele a sua coragem» — comentou o senador. «Uma recusa de travar este ano um debate poderá proteger a pele política do senhor Nixon, mas privará o povo americano da troca directa de opiniões que tem o direito de ouvir».

CIMEIRA DE XADREZ

Embate suspenso ao 41º lance

REIKJAVIK, 11 (ANI e F.P.) — Depois do 41.º lance, foi interrompida a 13.ª partida do Campeonato Mundial de Xadrez, que prossegue hoje.

Boris Spassky escreveu e meteu num sobrescrito, que foi selado, o seu 42.º lance, com que reabrirá a partida.

«As conversas, o desembrulhar dos bombons, a tosse, os risos» perturbaram Fischer durante a 12.ª partida, realizada no dia 9, contra o campeão mundial russo, Boris Spassky, queixou-se o jogador norte-americano, numa carta enviada ao árbitro Lothar Schmid.

Fischer exigiu que as primeiras sete filas não tivessem espectadores. A isto, Schmid respondeu ordenando que os lugares se mantivessem ocupados. As autoridades do jogo terão a seu cargo assegurar que as crianças com bombons sejam colocadas nos últimos assentos da sala.

«As pessoas já compraram os bilhetes para esses lugares» salientou Schmid.

Um assistente comentou, depois desta afirmação: «Estão a transformar a sala num jardim-escola».

Entretanto, apesar de não terem sido atendidas as suas últimas reclamações sobre a presença de público nas primeiras sete filas de cadeiras na sala de jogo, Bobby Fischer não faltou à 13.ª partida do Campeonato Mundial. Mas chegou com os seus habituais dez minutos de atraso...

O campeão russo, jogando com as brancas, fez o primeiro lance: peão de rei 4. Spassky não ficou à espera de Fischer: levantou-se depois da jogada e saiu do palco.

O campeão norte-americano, com fato novo, olhou rapidamente o tabuleiro e jogou: cavalo de rei. Só então, quando Spassky voltou ao palco, os dois mestres apertaram as mãos.

A anotação algébrica dos lances é a seguinte, em relação a Spassky e Fischer, respectivamente:

1.º, E2-E4, KTG8-F6; 2.º, E4-E5, KTF6-D5; 3.º, D2-D4, D7-D6; 4.º, KTG1-F3, G7-G6; 5.º, BF1-C4, KTD5-B6; 6.º, BC4-B3, BF8-G7; 7.º, KTB1-D2, O-O; 8.º, H2-H3, A7-A5; 9.º, A2-A4, D6XE5; 10.º, D4XE5, KTB8-A6; 11.º, O-O (ROQUE), TA6-C5; 12.º, D1-E2, D8-E8; 13.º, D2-E4, B6XA4; 14.º, B3XA4, C5XA4; 15.º, F1-E1, A4-B6; 16.º, C1-D2, A5-A4; 17.º, D2-G5, H7-H6; 18.º, G5-H4, C8-F5; 19.º, G2-G4, F5-E6; 20.º, F3-D4, E6-C4; 21.º, E2-D2, E8-D7; 22.º, A1-D1, F8-E8; 23.º, F2-F4, C4-D5; 24.º, E4-C5, D7-C8; 25.º, D2-C3, E7-E6; 26.º, G1-H2, B6-D7; 27.º, C5-D3, C7-C5; 28.º, D4-B5, C8-C6; 29.º, B5-D6, C6XD6; 30.º, E5XD6, G7XC3; 31.º, B2CX3, F7-F6; 32.º, G6-F5, H6XG5; 33.º, F4XG5, F6-G5; 34.º, H4-G3, G8-F7; 35.ºD3-E5, D7XE5; 36.º, G3XE5, B7-B5; 37.º, E1-F1, E8-H8 e 38.º, E5-F6, A4-A3.

Depois da troca das rainhas

e de duas peças secundárias o pretendente tinha a mais dois peões e encontrava-se mesmo em melhores condições. O campeão do mundo terá agora, simplesmente, de lutar para conseguir um empate, quando hoje a partida for recomeçada.

A tarefa de Spassky não é fácil. Uma nova derrota pode ter consequências desastrosas, pois na actual fase do encontro não poderá recuperar três pontos de atraso.

«SINTO QUE O MEU MARIDO PRECISA DE MIM»

ESTOCOLMO, 11 (ANI) — A mulher do campeão mundial de xadrez, Boris Spassky, foi detida durante várias horas no aeroporto de Copenhague, juntamente com as mulheres dos grandes mestres russos Nikolai Krogus e Eyyfim Geller, quando se encontrava a caminho de Reykjavik para assistir aos encontros do Campeonato Mundial.

«Sinto que o meu marido precisa de mim», declarou, em entrevista telefónica. «Há muito tempo que não nos vemos. Espero poder fazer com que ele descanse para pensar melhor. Apesar de ele ter desvantagem de pontos, tenho a certeza de que vai recuperar e conservar o título».

Ulster: Whitelaw podera anunciar o fim do internamento

BELFAST, 11 — (ANI) — O secretário de estado para a Irlanda do Norte, William Whitelaw, vai anunciar hoje o termo do internamento sem culpa formada depois da sua reunião com diferentes católicos de acordo com informadores do Partido Social Democrático e Trabalhista (SDLP).

Whitelaw desloca-se hoje a Belfast, vindo de Londres, para uma reunião com dirigentes do SDLP que deve principiar às 14 horas (de Lisboa).

Segundo os mesmos informadores, os seis membros do SDLP no parlamento, que se encontra suspenso, fizeram forte pressão sobre o secretário de estado para pôr termo ao internamento dos suspeitos de pertencerem ao Exército Republicano Irlandês (IRA), na reunião que teve lugar há quatro dias.

«A nossa previsão é que Whitelaw vai anunciar o termo do internamento depois das conversações de hoje», declarou um informador do SDLP.

John Hume, membro do SDLP por Londonderry, afirmou, por sua vez:

«Não faremos comentários até terminarem as conversações, mas podem adiantar-se quaisquer teorias. A nossa posição tem sido sempre a de que o internamento é um grande obstáculo a conversações entre todos os partidos.»

As medidas de internamento foram introduzidas em dez de Agosto do ano passado. Dos 943

homens internados desde então, apenas 283 se encontram ainda detidos.

BALAS DE PLÁSTICO

O exército britânico está a equipar com balas de plástico os soldados destacados na Irlanda do Norte — foi ontem anunciado.

As novas balas de plástico são mais duras, mais rápidas e mais leves do que as balas de borracha que desde há dois anos são usadas para dispersar os manifestantes.

DL/ESTRANGEIRO

PAÍSES NÃO-ALINHADOS:

Fim da reunião depois de azeda disputa

GEORGETOWN, 11 — (R.) — Ministros dos Negócios Estrangeiros de países não-alinhados, ainda espantados pelo abandono da Malásia, Indonésia e Laos, tratarão hoje apressadamente dos assuntos que restam na sua agenda, a fim de acabarem com a sua conferência ao anoitecer.

Uma azeda disputa sobre se seriam o Vietcong e o Governo cambojano exilado do príncipe Norodom Sihanouk que teriam lugar na conferência ocupou a maior parte do tempo dos ministros. O Vietcong e a delegação do príncipe Sihanouk foram finalmente aceites, mas à custa de uma boicotagem por parte

dos três países do Sueste da Ásia.

As três delegações abandonaram a conferência como protesto contra a decisão de admitir o Vietcong e o regime exilado cambojano.

Entretanto, o Brasil respondeu a um protesto cubano de que não deveria estar representado na conferência.

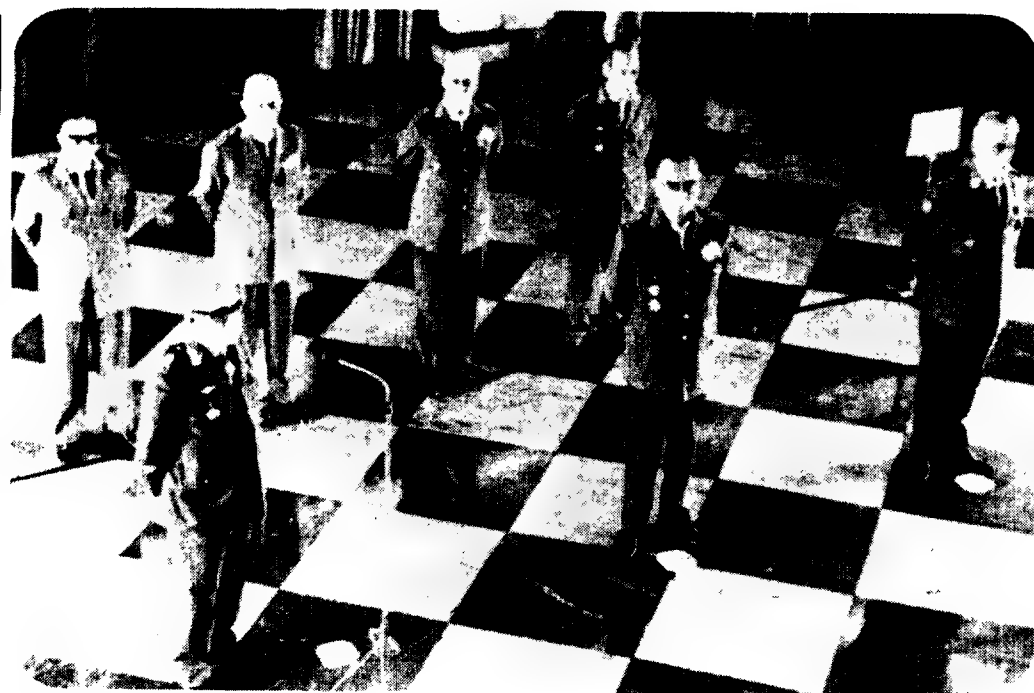
O ministro cubano dos Negócios Estrangeiros, Raul Roa, acusou o Brasil, que assiste como observador à conferência, de ser um regime fascista neocolonial.

O delegado brasileiro, Paulo Vidal, afirmou que, enquanto Cuba enfrentava sérios proble-

mas económicos e sociais, o Brasil estava a exportar para a União Soviética 300 000 toneladas de açúcar que não podiam ser fornecidas pelos cubanos.

«Não podemos deixar de salientar, com grande modéstia, que o nosso sistema tem, sem a mínima dúvida, obtido melhores resultados», observou irónicamente o delegado brasileiro.

Intervindo, também, no debate, o ministro indiano dos Negócios Estrangeiros, Sardar Swaran Singh, declarou à conferência que o imperialismo, colonialismo e diplomacia de canhoneira tinham os seus dias contados.



O INSÓLITO ASPECTO de peças de xadrez num tabuleiro apresentado por oficiais brasileiros que escutam a mensagem de despedida do general Augusto César Aragão, que abandonou o serviço activo (Telefoto UPI/Telimprensa)

PEQUIM AMEAÇA VETAR A ADMISSÃO DO BANGLA DESH NAS NAÇÕES UNIDAS

NAÇÕES UNIDAS, (NOVA YORK), 11 (R) — A comissão de admissões do Conselho de Segurança encontra-se reunida hoje à porta fechada, a fim de estudar o pedido de Bangla Desh de entrar para a ONU, que a China ameaçou vetar.

O conselho de 15 nações enviou a noite passada o pedido para a comissão apesar da oposição chinesa. O representante de Pequim, Huang Hua afirmou que o Bangla Desh, antes o Paquistão Oriental, não estava qualificado para entrar para a

ONU porque falhara em concretizar as resoluções aprovadas pelo organismo mundial durante o conflito indiano-paquistanes de Dezembro passado.

Todos os membros do conselho estão representados na comissão.

Parecia certo um veto da China se a comissão se manifestar a favor da admissão do Bangla Desh e uma resolução formal para sancionar essa recomendação será apresentada para votação no conselho.

Contudo, fontes diplomáticas

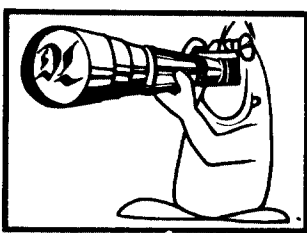
disseram que se estava a diligenciar para suspender qualquer acção, de forma a haver tempo para novas consultas. O Japão estava pronto a propor hoje na comissão que uma decisão seja adiada até, pelo menos, à última semana de Agosto.

Teoricamente, há 10 votos certos a favor de Bangla Desh se a questão for votada, por todos os membros, com excepção de cinco, reconheceram o novo Estado. Aqueles que não o fizeram são a China, Panamá, Guiné, Somália e Sudão.

CLEAVER PRESO EM ARGEL?

ARGEL, 11 — (ANI) — As autoridades argelinas matêm o mais completo silêncio sobre a busca realizada ontem na vivenda dos arredores de Argel, onde está instalada a sede dos «Panteras Negras».

O Governo argelino que, em tempos recebia os «Panteras Negras» como «companheiros revolucionários» não revelou se Eldrige Cleaver, chefe do grupo ou algum dos outros elementos formação das notícias segundo as quais cleaver, outros «Panteras» e membros do grupo que desviou um avião norte-americano para a Argélia tinham sido presos por serem portadores de drogas.



Extermínio de índios desmentido no Brasil

BRASÍLIA, 11 — (R) — O ministro brasileiro do Interior, José Costa Cavalcanti, desmentiu a noite passada notícias da Imprensa estrangeira dizendo que índios estavam a ser exterminados para facilitar a construção de uma rede de estradas através da selva da bacia do Amazonas.

Falando a correspondentes estrangeiros no VII Congresso inter-americano sobre índios, Costa Cavalcanti disse ainda que o Brasil repudiava essa calúnia, que era motivada por ignorância e má fé.

Declarou que, embora muitos quilómetros das várias estradas que estão a ser construídas na bacia passassem através de terras onde índios caçam, pescam e têm

plantações, não se registara um único incidente de fricção entre eles e as brigadas de operários.

NOVA YORK, 11 (R) Dois sobrinhos de um alegado patrão da Máfia, Joseph (Jogo) Manfredi, foram encontrados ontem, à noite, mortos a tiro na zona do Bronx habitualmente usada para largar cadáveres, após execuções no mundo do crime.

A polícia especulava que uma série de oito assassinios os Manfredi foram os primeiros brancos — poderá representar uma batalha entre negros e a Máfia pelo controlo do tráfico de narcóticos em Nova York.

CONDENAÇÕES

PRAGA, 11 (R) — Oito pessoas foram condenadas apenas de até quatro anos de cadeia por acusação de subversão na

A ENTRADA DE ASIÁTICOS EXPULSOS DO UGANDA DIFICULTADA PELA ÍNDIA

NOVA DELHI, 11 (R) — O Governo indiano anunciou hoje que asiáticos ugandeses, portadores de passaportes britânicos, necessitarão de vistos para entrar na Índia.

Os possuidores de passaportes britânicos não precisavam até agora de vistos para entrar na Índia.

O secretário indiano dos Negócios Estrangeiros, Surendra Palsingh, declarou no Parlamento que o sistema de vistos era necessário para evitar que grande número de asiáticos, que estão ameaçados de serem expulsos de Uganda, cheguem à Índia «com pressa e em pânico».

Continuava a ser atitude do Governo indiano que os possuidores de passaportes britânicos eram da inteira responsabilidade do Governo do Reino Unido.

REUNIÃO EM LONDRES

LONDRES, 11 — (ANI) — O ministro inglês do Interior, Robert Carr, convocou representantes de 23 companhias de aviação e de navegação para uma reunião, que, segundo círculos oficiais, se relaciona com a expulsão do Uganda de sessenta mil asiáticos.

De acordo com os mesmos círculos, Carr tenciona pedir-lhes que não permitam a entrada na Inglaterra a asiáticos da África Oriental, a menos que estejam munidos de certificados especiais passados pelo Governo.

Actualmente, a Inglaterra admite a entrada no país, anualmente, de três mil e quinhentos asiáticos de África Oriental munidos de passaportes britânicos.

CINEMA E MODA

PARIS — Arnold Scaasi, costureiro de atrizes famosas como o Sofia Loren e Barbara Streisand, foi o primeiro desenhador norte-americano a lançar, na França, uma colecção de pronto-a-vestir. Scaasi apresentou diversos vestidos curtos

e compridos para a noite, mas ignorou por completo as calças para a mulher. Desenhou porém sandálias com saltos enormes e enfeitadas com muitas rosas. As suas cores preferidas para a próxima estação são o preto, o branco e o rosa berrante.

PONTE AÉREA DA RAF PARA DUAS ILHAS

LONDRES, 11 — (R) — A força aérea britânica inicia hoje o transporte de emergência de abastecimentos essenciais para as ilhas de Orkney e Shetland, ao largo do Norte da Escócia, isoladas pela greve nas docas nacionais, que dura há duas semanas.

Cerca de 180 toneladas de abastecimentos, incluindo farinha, açúcar, gorduras, carne e medicamentos, seguirão de avião da Escócia, representando aproximadamente o fornecimento de emergência para uma semana.

Fontes governamentais disseram que a ponte aérea era feita pela RAF «por razões humanitárias» e não significava que estivessem a ser concretizados os poderes de emergência proclamados na semana passada em consequência da greve nas docas.

Entretanto, uma comissão empenhada na procura de uma fórmula de paz, que representa o sindicato e os patrões dos portos, efectua hoje uma sessão para verificar se os planos que fez para salvaguardar os empregos dos estivadores se encontram já bastante avançados para serem apresentados aos grevistas.

CALEIDOSCÓPIO

cidade de Brano, Morávia, segundo revela o jornal local «Rovnost».

A sentença mais pesada foi imposta a Vlastimil Tesarova.

Foi o nono julgamento por subversão de liberais da Checoslováquia desde a actual série principiou em 17 de Julho e as sentenças elevam para 46 o número de pessoas condenadas.

DESPEDIMENTOS

CABO KENNEDY (FLORIDA), 11 (ANI) — O centro espacial Kennedy dispensará em Dezembro cerca de 550 funcionários, depois da realização da última missão Apolo.

Quando no próximo ano, se iniciar o projecto da estação espacial Skylab, o número de

funcionários no centro espacial será reduzido em mais dois mil engenheiros e técnicos.

O número actual de pessoas que trabalham para a NASA, no centro espacial Kennedy, é de 15.600.

CONFERÊNCIAS

PANMUNJOM, 11 (R) — As sociedades da Cruz Vermelha norte e sul-coreanas concordaram hoje em iniciar em 30 de Agosto em Pyongyang, capital da Coreia do Norte, as suas importantes conversações sobre a reunião de famílias coreanas divididas.

A segunda conferência efectuar-se-á em 13 de Setembro, em Seul.

Essa decisão e uma série de

ALTERAÇÕES

DETROIT, 11 (ANI) — O carro do presidente Nixon, que custou quinhentos mil dólares (13.500 contos) e que devia ter sido entregue em Washington há dois dias, vai ser modificado.

O pessoal dos serviços secretos da Casa Branca encontrou certas deficiências no veículo e deixou-o na fábrica para lhe serem introduzidas as alterações necessárias.

DL/DESPORTOS

REGISTO

MINIBASQUETE: A Direcção-Geral dos Desportos promove actualmente, uma ampla acção de formação de monitores de minibasquete, que procura acompanhar e completar os programas de difusão do minibasquete e tem como objectivo fornecer uma informação técnica elementar a todos aqueles que desejam orientar crianças durante a prática daquela modalidade, assim como esclarecê-los sobre os problemas fundamentais, de natureza educativa, que se levantam durante o seu trabalho. Foram realizados até este momento 1 estágios abrangendo um total de 42 monitores. Seguir-se-ão outras 2 fases que procurarão aperfeiçoar os elementos agora iniciados, no sentido de tornar a sua acção mais válida e correcta sob o duplo ponto de vista técnico e educativo.

ATLETISMO: no intuito de manter em actividade-competição os atletas dos clubes filiados, a Associação de Lisboa vai promover amanhã no Estádio Nacional, a realização das provas seguintes: VARA, Comprimento (Masc.), Altura (Masc.), 200 m. barreiras (Masc.), 100 metros (Masc.), 80 metros (Inf. Masc.), 500 metros (Masc.), 500 metros (Inf. Fem.), Comprimento (Inf. Fem.), DISCO (Juv. Masc.), 1.000 metros (Masc.), 1.000 metros (Inf. Masc.), 100

m. barreiras, 300 metros (Masc.), 1.500 metros (Masc.) e 4x100 metros (Masc.).

Utilização do «tartin»: a utilização da pista de «tartin» só é acessível aos atletas que possuam sapatos providos de «bicos» adequados (máximos 8 mm.). Não havendo hipótese de obedecer a este requisito deverão os atletas, em tais condições utilizar «ténis».

Queixa: o presidente do Corinthians (o clube que tem o maior número de sócios no Estado de S. Paulo e mais adeptos em todo o Brasil) pediu intervenção federal. Tem havido casos de intervenção, mas pedidos pelos sócios ou pelos adeptos. Não se conhece outro caso de intervenção pedido pelo presidente. O presidente do Corinthians, Miguel Martinez, pediu oficialmente a intervenção federal no seu clube, numa exposição de motivos com mais de dez folhas, que assina juntamente com o vice-presidente Felizardo Pinto Filho e entregou ao ministro da Educação Jarbas Passarinho. Os dois dirigentes afirmam que o Corinthians é um clube do Povo e representa muito para o desporto paulista e brasileiro e alegam que está a haver uma campanha de difamação contra os dirigentes do clube, considerando-se importantes para lhe pôr termo. Por isso recorrem ao ministro da

Educação, a mais alta autoridade do Desporto no Brasil, passando por cima da Federação Paulista de Futebol, da Confederação Brasileira de Desportos e do Conselho Nacional de Desportos, vias competentes por onde deveria seguir o pedido de intervenção.

Setúbal: a Comissão Organizadora dos II Jogos Juvenis iniciou as provas com jogos de Futebol de 9, simultaneamente em Setúbal (Campo do Comércio e Industrial), Palmela, Quinta do Anjo, Cabanas e Sécil.

XADREZ: a partir de hoje (20 horas) desenrola-se o campeonato nacional por equipas. Concorrem quatro clubes: Vitória de Setúbal, Grupo Alekhine, Benfica e Futebol Clube do Porto. As formações: VITÓRIA: Aurélio Rogado, Bernardo Coelho, José Gomes, dr. Manuel Ventura, José Nunes da Silva e dr. Caldeira Vasco. ALEKHINE: Joaquim Durão, Silvério Pereira, dr. Renato Figueiredo, Mário Santos, Correia Lopes e Manuel Valadares. BENFICA: Júlio Santos, dr. Rodolfo Lavrador, Jorge Garrana, Dagoberto Cardoso, Vasco Santos e M. Nunes dos Santos. F. C. PORTO: Gil Coelho, João Pinto, Miguel Miranda, Eng.º Raul Macedo, Raul Rosas e Vladimir Miranda.

Clube Estefânia: eleitos os novos dirigentes da agremiação. Eis os seus nomes e cargos: ASSEMBLEIA-GERAL: dr. Eduardo Martins, Godinho, Horácio Jácome Tasso, João Manuel Pereira de Matos e João Frederico da Conceição Crespo; CONSELHO CONSULTIVO E DE RECURSOS: dr. Joaquim Roque do Vale, dr. José Afonso, dr. Manuel Maia e Silva, Joaquim das Neves Santos, Vitor Hugo d'Oliveira Gouveia Henriques e Fernando da Costa Norberto. DIRECÇÃO: Mariode Almeida Eng.º Jorge Narciso da Silva Martins, David de Almeida, Artur Pinto dos Santos, Guilherme Ricardo Jorge da Silva, João Américo do Patrocínio Branco, António Joaquim Coutinho, Fernando de Jesus Moura e Joaquim Fernandes Junior. CONSELHO FISCAL: dr. Oscar Manuel d'Almeida Esteves da Rosa, José Queiróz Matias, Fernando Júlio Neves Ferreira e Rogério Rodrigues Lemos Dias. DELEGADOS: A FEDE-RAÇÃO: João Carvalho Valente e Helder Reis Pereira Rufino.

VELA: Augusto Correia e Marques da Costa triunfaram no troféu «Moscatel», instituído em Setúbal.

HÓQUEI EM PATINS: a Colômbia pretende que o ex-guarda-redes da selecção nacional António Matos seja o treinador-seleccionador da sua mais representativa formação hóquei.

TENTATIVA: esta noite, na Feira Popular de Lisboa, nova sessão de pugilismo amador para tentar captar público e expandir a modalidade.

PUGILISMO: o campeão mundial dos «leves», Bruno Arcari, venceu aos pontos o brasileiro João dos Santos, num com-

bate de boxe de dez «assaltos» que não contava para o título. Foi a terceira vitória do pugilista italiano sobre o brasileiro em três anos. O combate ocorreu em Fermo (Itália).

TÉNIS DE MESA: dois jovens de 15 anos proclamam ter estabelecido um «record» mundial a jogar ténis de mesa: 33 horas, com um intervalo de dois minutos em cada hora. Lisa Patton e Bruce Taylor (os recordistas) queixavam-se de dores nos pés, no fim da maratona pingueponguista. Ao que afirmam o «record» anterior era de 31 horas e pertencia a dois militares norte-americanos em serviço em Wiesbaden, Alemanha Federal.

Convite aos jovens: a secção de atletismo do SPORTING CLUBE DE PORTUGAL, leva a efeito hoje pelas 21.30 horas no Estádio José Alvalade, mais um torneio de atletismo para captação de novos valores. Programa: **Masculinos dos 13 aos 15 anos** 80 m. 700 m. Comp. Pêso e Altura; **Femininos dos 13 aos 15 anos** 80 m. Comp. Pêso e Altura; **Masculinos dos 16 aos 18 anos** 80 m. 250 m. 2.000 m. Altura, Comp. Pêso e Vara; **Femininos dos 16 aos 19 anos** 80 m. 250 m. 800 m. Altura Comp. e Pêso.

«Record»: o nadador benfiquista Heitor e Silva estabeleceu novo máximo português dos 200 metros estilos, com a marca de 2 minutos e 37,6 segundos.

Treinador: Teotónio Lima deve ser o novo orientador de basquetebol benfiquista.

JAMOR: Encontra-se a funcionar no Estádio Nacional, todos os sábados (das 9 às 12 horas, o Centro de Animação do Estádio Nacional. Trata-se de um centro de animação desportiva para todos os jovens dos 8 aos 15 anos de idade e cuja frequência é gratuita. O CAEN dispõe de transportes (carro eléctrico) que asseguram gratuitamente a deslocação de todos os jovens que se dirigem para o Estádio Nacional, saíam do Terreiro do Paço às 8 e 30 e 09 e 30 horas, regressando às 11 e 12 horas. O CAEN convida todos os jovens sócios do clube, através da direcção respectiva, a participarem na animação do centro utilizando o transporte e a prática desportiva gratuitos.

NATAÇÃO: Continua a actividade de fomento de natação que a Direcção-Geral dos Desportos está a desenvolver no âmbito do ensino primário. Assim, a par das piscinas já em actividade (Campo Grande, Areeiro, Olivais, Antas, Fluvial Portuguesa, St.ª Maria de Lanas e Municipais de Coimbra), foram agora montadas actividades na piscina situada na traseira do quartel do Batalhão Sapadores Bombeiros, à constituição (Porto), que, orientadas pelo responsável distrital pela educação física do ensino primário, no distrito do Porto, prof. Pompílio Ferreira, pretende englobar nesta actividade os alunos da Escola Primária n.º 78.

NA PRATELEIRA: Jackie Charlton durante duas décadas um dos mais temidos defesas-centrais da Inglaterra, foi ontem oficialmente «posto na prateleira». Para substituir o famoso jogador, que tem 37 anos, o treinador dos Leeds, Don Revie, escolheu Roy Ellam, que foi comprado esta semana ao Huddersfield por 30000 libras e que, com os seus 29 anos, é considerado «um investimento a

curto prazo». Charlton passará a ter por missão observar os jogadores, avaliar os adversários e ajudar os jogadores mais jovens nos desafios de reservas. Jackie, que é um ano mais velho do que seu irmão Bobby Charlton, que joga no Manchester United, ingressou no Leeds em 1952 e estava presente no campeonato da liga e na conquista da «Taça da Associação», da «Taça das Cidades com Feira», e da «Taça Jules Rimet», pela Inglaterra. **Uma das tarefas mais penosas de um treinador é ter de dizer a um jogador como Jackie que estão acabados os seus dias na equipa de honra. Mas chega a vez a todos os jogadores** afirmou Revie.

TROCA: O basquetebolista Kit Jones deixa o Sporting e ingressa no Desportivo da CUF. Será jogador-treinador, auxiliado por Ludgero Barroso.

CAMPEONATO: Prossegue esta noite o torneio nacional de hóquei em patins com os jogos Campo de Ourique-Sporting, CUF-Benfica, Oeiras-Salesiana, Cascais-Belenenses e Paço de Arcos-Paredes, todos às 22 e 15, nos rinques dos clubes indicados em primeiro lugar.

TRANSFERÊNCIAS: Autorizadas pela Federação de Futebol, as primeiras mudanças oficiais da temporada. Aqui vão nomes: Móia (Oliveirense), Nélinho (Palmense) e Bento (Barreirense) todos para o Benfica; Celso (Boavista) e Oliveira Meireles (Leixões) para o Futebol Clube do Porto; Almeida (Leixões) para o Moxico. Ao mesmo tempo há pedidos ainda por deferir: de Parente Albuquerque (Casa Pia), Tavares Cardoso (do Amora) e Abreu (Vitória de Setúbal) para o Belenenses; Jerónimo (Benfica) para

o Atlético e Mexe Monteiro (da CUF) para o Oriental.

VALE-CAMBRENSE: Júlio Teixeira, que esteve à frente do futebol do Riopele, é o novo técnico do clube.

ORIENTAL: Os rapazes que tiverem idade compreendida entre os 15 e os 17 anos podem aparecer amanhã, no campo do Ferroviário, em Marvila. O Oriental quer gente nova nas suas equipas.

MUDANÇA: Os belenenses Virgílio, Egidio, Amaral e João Silves estão em conversações com outros clubes para se transferirem. Na lista de colectividades interessadas figuram Sintrense, Beira-Mar e Nazarenos.

FJSEC: Cinco medalhas de ouro para Portugal, graças a Helder de Jesus (vitória nos 800 metros), Correia da Cunha (disco e peso), António Maruta (300 metros barreiras), Medeiros, Luis Azevedo, Camara e José Moraes (estafeta 4X100). Três medalhas de prata vieram também para o nosso País graças aos segundos lugares de Ermelindo Santos (salto com vara), Luis Azevedo (triplo) e José Camara (400 metros). Mais: duas medalhas de bronze voltam, igualmente, na bagagem dos terceiros classificados no comprimento (Luis Azevedo) e 300 metros barreiras (António Coronado).

BARREIRENSE: Enquanto Serafim firma acordo para prosseguir no «plantel» dirigido por Carlos Silva, o uruguaio Câmpera não se entende com o tesoureiro barreirense e, assim, afirma que esta disposto a voltar para a sua terra natal, onde se dedicaria à camionagem.

COMUNICADO

dos Sindicatos dos Profissionais de Escritório e dos Caixeiros do Distrito de Lisboa em resposta a um anúncio da DARDO

Os Sindicatos signatários tomaram conhecimento através de anúncio publicado nos jornais diários, do que a DARDO chama «o descanso especial do pessoal» desta firma.

Tal anúncio é da exclusiva iniciativa da firma DARDO e os trabalhadores do seu serviço, por intermédio dos seus Sindicatos, afirmam a sua total discordância com o mesmo anúncio já que lutam e continuarão a lutar pelo descanso no sábado à tarde — semana inglesa —.

Pelo comunicado vê-se afinal, que sábado à tarde não tem interesse comercial e que o público não está a afiluir nesse dia, pelo menos à DARDO, senão esta firma não teria necessidade de fazer publicidade, abusivamente, em nome dos trabalhadores, para dizer a esse público que o estabelecimento está aberto ao sábado à tarde. Isto ressalta a evidência da chamada que faz ao público, no anúncio:

«Castigue-nos» fazendo as suas compras sábado à tarde».

Que direito tem a DARDO de fazer castigar os seus trabalhadores, retirando-lhes o justo descanso no sábado à tarde?

Além disto, os Sindicatos repudiam, com o total apoio dos trabalhadores que representam, a manobra da empresa para tentar contrariar a tendência irresistível do comércio para encerrar no sábado à tarde e que, cada vez mais se transforma de aspiração dos trabalhadores, numa realidade, queiram as «Dardos» ou não.

As Direcções

MORADIA

PAÇO D'ARCOS

MELHOR LOCAL — lindas vistas, composta de 5 bons quartos, 3 casas de banho, sala comum, cozinha, copa, magníficos terraços, quintal, jardim e garagem. Boa construção. PREÇO 2 500 000\$. MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384 5/6 — 328232 3 — 361756

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento. Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

O TRAÇO DE PARGANA

ARTUR



MORADIA NO RESTELO

MAGNÍFICO LOCAL, bonitas vistas de Mar — construção de luxo, impecáveis acabamentos, comp. de 5 quartos, 3 c/ banho, lavabo, copa, cozinha, garrafeira, sala jantar, sala estar, grandes terraços, garagem p. 2 carros, quintal, jardim com cerca de 1200 m2. MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384 5/6 — 328232 3 — 361756

Almada Negreiros EXTERNATO

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-1.
TELEFS. 53 83 08 - 53 83 49

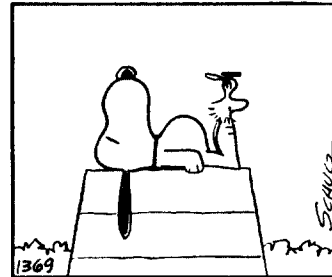
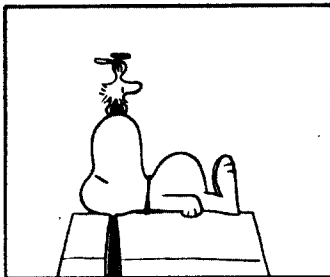
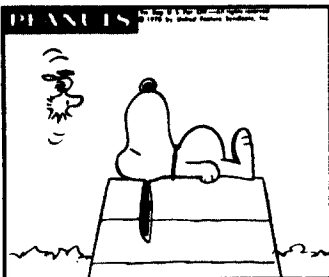
CICLO PREPARATÓRIO, LICEAL INSTITUTOS

Junto ao Teatro Monumental



O ACTOR E O ARMADOR

Donny Royce, o famoso comediante norte-americano, ganga num clube nocturno de Atenas com o não menos famoso Aristotle Onassis, marido de Jacqueline Kennedy e dono de meia Grécia.

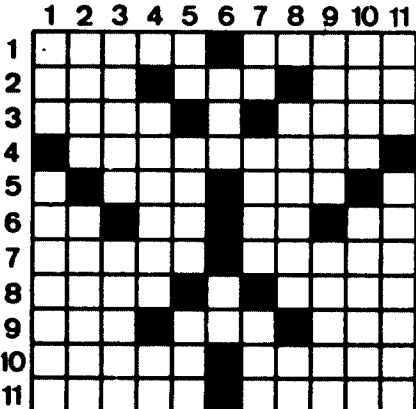


palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 10162

HORIZONTAIS

- 1 Dente canino. Querida.
- 2 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. Bigorna de ourives.
- 3 Cabo da costa de Portugal. Numeral cardinal.
- 4 O mesmo que sarrafaçara.
- 5 Saudável. Emprega.
- 6 Prefixo de negação. Basta Vi. Atmosfera.
- 7 Saques. Além.
- 8 Aves pernaltas. Rezam.
- 9 Em as. Conjunção. Pedre de altar.
- 10 Mitra com três coroas usada pelo papa em certas cerimónias. Agitar.
- 11 Queimes. Cena pungente.



VERTICAIS

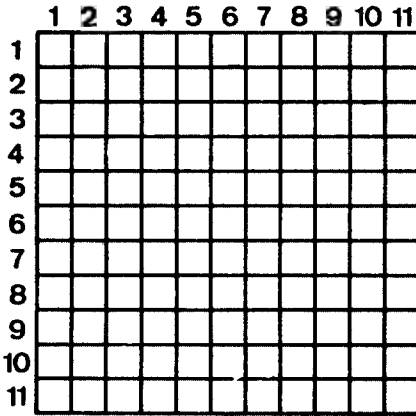
- 1 Preposição. Numeral ordinal.
- 2 Zombes. Representais por gestos.
- 3 Pronome demonstrativo (pl). Rogas.
- 4 Loucos. Nota musical.
- 5 Prefixo de privação. Rates. Em as.
- 6 Rei de Israel. Berilo (s.q.).
- 7 Antes do meio dia. Furiosa. Dois mil e quinhentos em romano.
- 8 Relativo a oásis. Sufixo que designa estado.
- 9 Arremessa. Rezava.
- 10 Grande quantidade. Içarem.
- 11 Para barlavento. Urdira.

Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6318

HORIZONTAIS

- 1 Deusa dos rebanhos e dos pastores. Honraria.
- 2 Toba. Aleias.
- 3 Transformas em soro. Corta com serra.
- 4 Uma das espórides. Cólera.
- 5 Matemática. Conjunção. Pega.
- 6 Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Prendo.
- 7 O mesmo que uma (ant e pop). Pronome pessoal. Sufixo que designa estado. Vição.
- 8 Freguesia do concelho de Sabrosa (Vila Real).
- 9 Vila e sede de concelho (Guarda). Triturava.
- 10 Içais. Recusar (ant).
- 11 Amolgadura. Rezara.



VERTICAIS

- 1 Utensílios domésticos. Pronome pessoal. Figura que simboliza o povo americano.
- 2 Um dos mais notáveis soberanos da Índia, que reinou de 274 a 232 a.C. Convocação.
- 3 Larica (pop). Esteiros.
- 4 Aves pernaltas. Levais à toa.
- 5 Sadias. Observavam (Inv.º). Apelido.
- 6 Neste momento. Pronome pessoal.
- 7 Chefe etíope. Sadios. Letra grega.
- 8 Prendi com eles. Recear.
- 9 Aguilhão. Comentário.
- 10 Palmeira da Amazônia. Transferir para outro dia.
- 11 Membro de ave. Aparelho.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10161

HORIZONTAIS:

- 1 Má Osaca. At.
- 2 ANO. Aia. Sir.
- 3 Notam. Sarna.
- 4 Aço. Tja.
- 5 DE. Ardor. Ma.
- 6 Ala. Aer. Cal.
- 7 Sapa. Bath.
- 8 BOGALHOS.
- 9 Corra. Alais.
- 10 Ar. Ara.
- 11 Sasso. Arama.

VERTICAIS:

- 1 Manadas. Cas.
- 2 ANO. Elabora.
- 3 Ota. Apor.
- 4 Aca. Agros.
- 5 Samora. Aa.
- 6 Ai. DE.
- 7 Castor. Ha.
- 8 Air. Bolar.
- 9 Sra. Casara.
- 10 Ain. Mat. lam.
- 11 TRABALHOS.

PROVERBIO: ANO DE BOGALHOS ANO DE TRABALHOS.

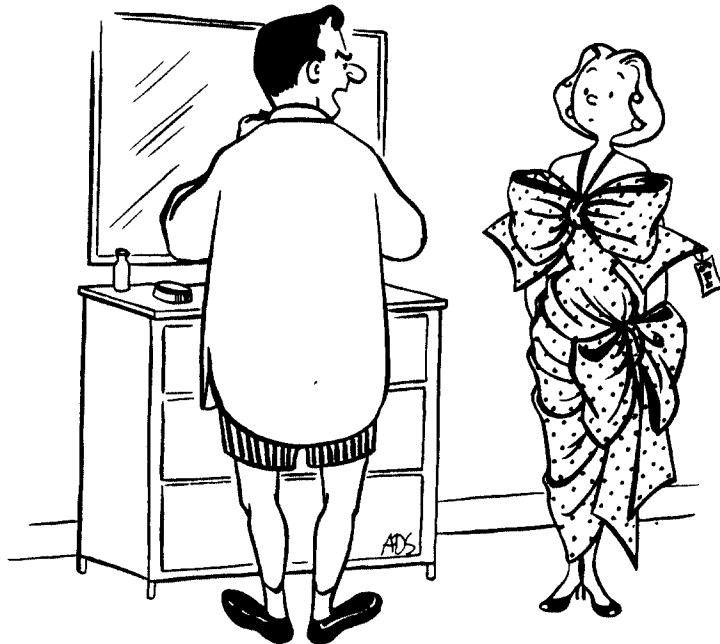
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6317

HORIZONTAIS:

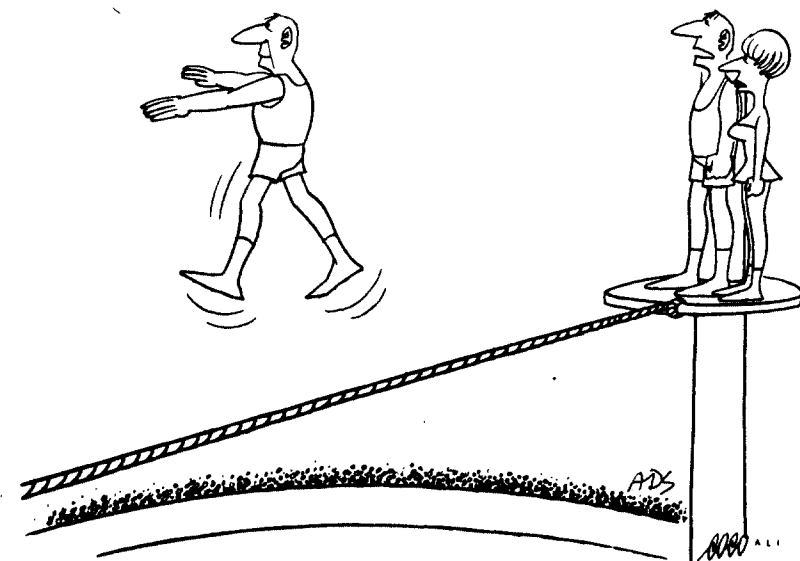
- 1 Cap. Bar. Ida.
- 2 Amor. Crér.
- 3 Cor. Aia. Aso.
- 4 Ir. Aso.
- 5 Ir. Acaba. Ul.
- 6 Ana. Ali.
- 7 Pré. Rev. Arm.
- 8 Sairias.
- 9 Sm. Isola. Em.
- 10 Toiro. Ananá.
- 11 Artes. Ossos.

VERTICAIS:

- 1 Cacia. Posta.
- 2 Amornar. Mor.
- 3 Por. Enes. It.
- 4 Ala. Aire.
- 5 Aço. Risos.
- 6 Adia. Pero.
- 7 Aba. Vilão.
- 8 Aca. Aans.
- 9 Ira. Elas. As.
- 10 Desunir. Eno.
- 11 Arola. Mamas.



Nunca tentaste saber porque é que esses vestidos custam só metade do preço?



É um excelente equilibrista mas não tem sentido nenhum de orientação

DL/DESPORTOS

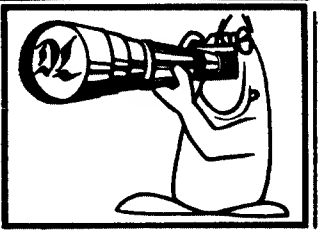
ALHINHO E FRAGUITO COM O SPORTING NA JUGOSLÁVIA

Fraguito e Alinho são as novidades da comitiva do Sporting que amanhã, às 10 e 30, parte para a Jugoslávia, a fim de efectuar dois jogos contra o Estrela Vermelha e o Serajevo. Além destes dois futebolistas (contratados pelo clube, mas com a sua situação ainda por regularizar em definitivo) seguem viagem Damas, Botelho, Pedro Gomes, José Carlos, Carlos Pereira, Hilário, Manaca, Tomé, Wagner, Laranjeira, Nelson, Gonçalves, Dani, Yazalde, Marinho, Nando, Chico e Álvaro Jorge.

Destaques-se a recuperação de Damas, com os problemas da rotura na virilha já completamente debelados, e a presença de Chico, que terminou as suas férias e há cerca de uma semana se tem preparado em Alvalade sob a competente orientação de Mário Lino, Abraão Sorin é o chefe da caravana «leonina», da qual fazem parte o técnico Ronnie Allen, o massagista Manuel Marques e o médico dr. Jorge Dandeira.

Além deste dois jogos na Jugoslávia, o Sporting tem assegurado um terceiro na Grécia, contra o Olimpiakos, havendo ainda a hipótese de um quarto, num dos dois países visitados. Bastos, por afazeres de índole militar, não se pode deslocar.

Dinis reuniu-se ontem durante largo tempo e até depois da meia-noite, com os directores do Departamento de Futebol do Sporting e as expectativas para a renovação do contrato não aumentaram grandemente. Dinis mantém-se intransigente na verba pretendida e o Sporting não baixa da sua contraproposta. As conversações vão continuar, mas o rescaldo do primeiro dia não é favorável.



Peres também enviou notícias dizendo que ia prolongar as férias, por sua própria iniciativa e que do Algarve seguia imediatamente para o Brasil. Recorde-se que o contrato entre Peres e o Sporting terminou a 31 de Julho e, portanto, Peres pode gozar as férias que muito bem entender. Pergunta-se: Esta inopinada viagem ao Brasil não visará sondar as possibilidades de firmar contrato com um clube brasileiro, já que durante a «Taça Independência» foi um dos mais assediados e pretendidos por grandes clubes brasileiros, entre eles o Cruzeiro de Belo Horizonte? Ou, pelo menos, Peres talvez queira saber com o que pode contar...

Regressou da Guiné um ex-júnior dos «leões», Inácio, que terminou o seu serviço militar. Os responsáveis «leoninos» não o querem ceder definitivamente sem primeiro avaliarem as suas actuais condições técnicas. Para isso, Inácio, fará um ano de actividade no Caldas, sob observação. João Machado, que actuou no União de Coimbra e durante o último mês treinou em Alvalade para se aquilatar das suas possibilidades, regressa definitivamente à cidade do Mondego.

Caló continua no Sporting e vai renovar o seu contrato por mais uma época. Também os ex-júniors Jesus, Henriques e Quaresma assinaram contrato como profissionais.

Em reunião da actual direcção do Boavista foi escolhido o sr. António Pinto de Sousa para futuro presidente da colectividade. O actual presidente (dr. Coelho dos Santos) tem de abandonar o cargo por motivo dos seus afazeres profissionais.

O Santos venceu o Juventus por 2-1, num encontro a contar para o campeonato paulista. Em

Belém do Pará a selecção olímpica de futebol (amadores) venceu o Clube de Remo por uma bola a zero.

Em jogo antecipado da quinta jornada do campeonato carioca de futebol, o América derrotou o Fluminense por 2-0, no Estádio do Maracanã.

Entretanto, o técnico do Fluminense, Paulo Amaral, que já treinou o Futebol Clube do Porto, está em maus lençóis, o «Ful» fez péssimos resultados nos recentes jogos. A única vitória nos últimos tempos foi pela diferença mínima e frente ao modesto São Cristóvão.

Desculpa de Paulo Amaral das derrotas do Fluminense: Não o deixarem assistir aos jogos nas cabines de rádio do Estádio, junto dos locutores. A direcção do Estádio do Maracanã, por sua vez, ao proibir Paulo Amaral de ir para as cabines de rádio, afirma que o lugar do treinador é no banco dos responsáveis, junto do relvado.

Amanhã, à noite, em Catumbela, o F. C. do Porto defronta a selecção do Lobito, em jogo que está a atrair as atenções dos adeptos nortenhos. O prestígio do F. C. do Porto aumentou bastante na região depois da boa carreira da equipa no «Torneio Intercontinental», em que não conheceu a derrota.

Zézinho, que na última temporada jogou no Belenenses, está em contacto com o Vitória de Setúbal e a Cuf, para uma possível transferência ao abrigo da lei militar. Ou, até, para uma vinculação definitiva, caso o Vitória de Guimarães facilite a cedência da «carta». As maiores possibilidades de assinatura de um contrato de trabalhos são para o Vitória de Setúbal pois, fundamentalmente, aguarda-se o regresso de Pedroto para lhe pedir a opinião técnica sobre as vantagens da transferência.

O médio Ferreira Pinto, que jogou no Sporting, Sanjoanense e Farense, abandonou a colectividade algarvia e vem fixar-se profissionalmente na região de Lisboa, onde reside. Por enquanto ainda não tem clube definido para a continuação da sua carreira de futebolista.

Estevão já é jogador do Agueda. O ex-médio do Belenenses chegou a acordo com o clube treinado por Amândio (outro antigo futebolista dos «azuis») e onde vai alinhar também o portista Sucena.

Éloi, o antigo e famoso jogador do Belenenses que ultimamente exerceu a actividade de treinador no Ultramar, está em Lisboa e quer continuar na função. Só falta clube adequado.

Janos Zorgo é o novo técnico do Almada, enquanto Dieste vai orientar o Sporting da Covilhã, durante a próxima temporada.

O brasileiro Nelson Faria, vinculado ao Vasco da Gama (de Sines) está a treinar no Barreiro sob observação do treinador Carlos Silva. É muito possível que venha a assinar contrato com o Barreirense.

Ninguém quer ser director do Tirsense, ficou a saber-se na última assembleia-geral do clube, em que foi comunicada a renúncia da junta directiva, oportunamente indicada para gerir os assuntos do clube. O Tirsense vendeu o passe dos seus jogadores mais categorizados, para pagar as dívidas, e neste momento para além de não dever dinheiro (julga-se) não tem jogadores para formar uma equipa com ambições. Daí a renúncia dos directivos. Segunda-feira próxima, sócios influentes do clube avistar-se-ão com o presidente da câmara para tentarem solucionar o problema.

da-redes da última época e, por isso, distinguido com o troféu «Luva de Ouro». A época futebolística abrirá com este torneio internacional, que está a despertar o maior interesse nos desportistas nortenhos. O calendário dos jogos indica para o dia 26, o jogo Boavista-Furth; dia 27, F.C. do Porto-Furth e dia 29 Boavista-F.C. do Porto. Todos os jogos se realizam às 18 e 15 horas.

RODÉSIA nas

A equipa olímpica da Rodésia (44 elementos dos dois sexos) já partiram para Munique. Os atletas rodesianos receberam instruções para não prestarem declarações aos jornalistas.

«Não temos absolutamente nenhum comentário a fazer» declarou Ossie Palaskitt, presidente do Comité Olímpico rodesiano.

Em privado, os dirigentes desportivos disseram que esta política de silêncio tem por fim evitar deitar mais lenha na «fogueira política».

Esta orientação não foi alterada pelo compromisso tomado entre o Conselho Supremo do Desporto Africano e o presidente do Comité Olímpico organizador dos jogos, Willi Daume, segundo o qual a Rodésia poderia competir como se fosse uma colónia britânica.

A Rodésia, que declarou a sua independência da Inglaterra em 1965, vai assim a Munique sob a antiga bandeira, que inclui em «Union Jack». No caso de uma vitória rodesiana, será ouvido o hino britânico.

Um dirigente desportivo comentou a este respeito:

«A questão da bandeira e do hino foi de facto discutida em Setembro do ano passado quando os delegados de 80 comités olímpicos se reuniram em Munique. Não nos importamos. Marcharíamos até sob a bandeira russa, se fosse preciso. Continuamos a ser rodesianos e toda a gente sabe isso».

Ao mesmo tempo, em Munique, foi fornecido o seguinte comunicado à imprensa:

«Foi garantido ao supremo conselho de desporto africano, pelo Comité Olímpico internacional, o seguinte:

«1. A Rodésia do Sul concordou em participar nas Olimpíadas como uma colónia britânica, dentro das mesmas condições em que participou nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964.

«2. A Rodésia do Sul participará nas competições à sombra da mesma bandeira em que participou nas Olimpíadas de 1964. Isto é: a bandeira britânica, com as armas da Rodésia do Sul sob um fundo azul.

«3. O Hino da Rodésia do Sul será o da Inglaterra.

«4. Nos cartões de identificação das Olimpíadas será mencionada a designação de «súbdito britânico», no que respeita aos rodesianos do sul.

«Avery Brundage assegurou a Willy Daume que a nacionalidade será verificada pelo Comité Olímpico Internacional ou pelas federações internacionais do Comité organizador numa base de documentação oficial.

Avery Brundage concordou com os cinco pontos e aceitou-os para o C.O.I. e para o Comité organizador. A delegação do Supremo Conselho do Desporto Africano exprimi a sua satisfação pela solução dada ao caso».

TANZÂNIA DIZ NÃO

A Tanzânia decidiu não enviar uma equipa aos jogos, por causa da participação da Rodésia. Um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros afirmou que desde que a Rodésia participe de qualquer forma nas Olimpíadas a Tanzânia não podia enviar o seu contingente.

FORMOSA DIZ SIM

A Formosa concorre aos Jogos com 21 elementos de várias

modalidades: atletismo, judo, natação, halterofilismo, luta, vela, pugilismo, ciclismo e tiro.

O presidente do Comité Olímpico local, general Xang San, afirmou que se tinha feito todo o possível para dar à equipa preparação adequada e que haviam sido escolhidos os melhores atletas do momento.

ALEMANHA ORIENTAL TUDO O.K.

A Alemanha Oriental indicou 324 atletas para competirem em Munique. Os elementos da equipa disputam 16 modalidades, sendo 62 no atletismo, 45 na natação e saltos e 34 na canoa-gem.

Actualmente, na Europa, a Alemanha Oriental só é superada pela Rússia no atletismo e na natação.

HUNGAROS CONFIANTE

Com 96 medalhas de ouro olímpicas já conquistadas, os húngaros esperam completar a conta de 100 nos Jogos de Munique.

Ninguém poderia prever uma tal conquista quando o «sprinter» Alfred Jahos ganhou as duas primeiras (nos 100 e 200 metros) nas Olimpíadas de Atenas, em 1896.

Desde então, os atletas húngaros têm surpreendido todos com as suas proezas e o «record» de medalhas ganhas em relação ao tamanho do país.

Há quatro anos, no México, os húngaros obtiveram dez medalhas de ouro.

Em Munique terão, pelo menos, cinco pretendentes sérios a esses prémios: o campeão mundial do pentato Adras Balozo (de 34 anos), o canoísta Tamas Wichmann (de 24), o nadador Andra Gyarmati e as equipas do pentato e do futebol.

Balozo, cinco vezes titular máximo do pentato, é considerado o melhor atleta da equipa olímpica húngara. Ganhou duas medalhas de ouro na competição colectiva mas foi apenas segundo na competição individual, no México, onde sofreu uma crise de forma, aliás moderada.

«Ele está agora na sua melhor forma de sempre» declarou o treinador Imre Nagy. Ao que Balozo está de facto no auge da sua carreira e que nada tem a recear em Munique.

Wichmann é outro pretendente certo a uma medalha de ouro.

«Tem nervos sólidos e isso dá-lhe grande vantagem sobre os adversários» opina o orientador da equipa de canoa-gem (Jozsef Pehl) salientando que acima de tudo Wichmann tem o poder físico necessário para esta esgotante modalidade.

Wichmann nasceu com um quadril deslocado e os médicos diziam que ele nunca conseguiria andar. Cozinheiro num hotel de Budapeste, Wichmann acha que a canoa-gem é um derivativo ideal para quem passa horas e horas à volta do fogão e das panelas. «Basta o ar leve fresco que se respira» diz.

A terceira medalha de ouro poderá caber ao nadador Andra Gyarmati, duplo recordista europeu nos 100 metros mariposa e costas. Andra vem de uma família olímpica. Sua mãe (Eva Szekehy) ganhou os 200 metros brúços em Helsínquia (em 1952) enquanto o pai (Deszo) também obteve uma medalha de ouro, com a equipa de polo aquático.



sob bandeira inglesa olimpíadas de Munique

e vários títulos mundiais.

Andrea foi para os Estados Unidos em 1969, para receber treino especial. O seu treinador norte-americano, George Hynes, disse então que ele estava a caminho da fama.

Nas competições por equipas, a representação húngara no pentatlo é a favorita. A Hungria, ao contrário de outros países ocidentais onde o futebol é praticado por profissionais, apresentará também em Munique, nesta modalidade, uma equipa forte, da qual não farão parte "ases" como Florian Albert e Ferenc Bene, ambos já muito áquenos do seu melhor.

«A nossa equipa da década de 50 nasceu nos jogos de 1952, em Helsínquia. Quem sabe se em Munique não vai nascer outra», diz o treinador Karly Lakat.

ESPERANÇAS CHECOSLOVACAS

Os checos acreditam que Malena Duchkova poderá alcançar este ano a sua segunda medalha de ouro consecutiva em saltos de prancha.

Oldrich Hradec, vice-presidente da Associação Checa de Educação Física, afirma que o objectivo da Checoslováquia nos Jogos Olímpicos será «Ter uma actuação semelhante à que teve no México, em 1968, onde obteve o 11.º lugar».

Para atingir esse objectivo, Hradec confia num punhado de antigos componentes da equipa, que este ano conta com 170 atletas. Entre eles está Malena, que tem 20 anos e estuda medicina em Praga.

Na opinião da mergulhadora checa, a sua principal rival em Munique será a canadiana Beverly Boys.

«Será muito difícil, em Munique, porque a competição será mais renhida do que há quatro anos», declara Malena, que se iniciou na modalidade quando tinha oito anos e ganhou o título de campeã da Checoslováquia aos treze. Gosta de cozinhar e de ir ao teatro, mas não tem muito tempo para passatempos, por causa dos treinos e dos estudos.

A outra medalha de ouro checa do México (por Miloslava Reskova, que venceu o salto em altura) retirou-se há algum tempo das competições internacionais.

Outra esperança checa para este ano é Ludmila Polsena, ti-

tular mundial de «slalom» aquático e 18 vezes campeã da Checoslováquia.

«Estou imensamente contente por o «slalom» aquático ter sido incluído no programa olímpico. Foi sempre o meu maior desejo ganhar o troféu desportivo mais



John Carlos: o famoso negro, corredor dos 200 metros, já está em Munique

valioso. Neste caso, será a primeira medalha olímpica em «Slalom» aquático», afirma Ludmila.

Hradec afirma que será difícil à Checoslováquia igualar a sua actuação no México, devido ao extraordinário aumento da competição em quase todos os países.

São as seguintes as outras esperanças da Checoslováquia para os jogos deste ano:

— Ludvik Danek, de 35 anos, lançador do disco, medalha de prata em Tóquio (em 1964) medalha de bronze no México e campeão europeu (em 1971).

— Zdena Dornakova, de 15 anos, campeão de ginástica da Checoslováquia este ano, nono nos campeonatos europeu de 1971.

— Vladimir Hurt, de 24 anos, campeão mundial de tiro. Hurt estabeleceu um «record» mundial nos últimos campeonatos de tiro, em Phoenix, no Arizona.

— Pavel Svjojanovsky (de 29

anos) e seu irmão Oldrich (de 26) quintos na prova de remos do México, de «Pares».

— Ivan Kucirek, de 26 anos ciclista.

ATLETISMO: OIRO PARA A AMÉRICA

«Das 24 medalhas de ouro destinadas às provas masculinas de atletismo os Estados Unidos ganharão dez», prediz Jim Bush, treinador da equipa «Star Athletics» do Colégio Universitário de Los Angeles.

Nos jogos do México, os atletas norte-americanos ganharam 12 medalhas de ouro e Bush explica porque prevê duas a menos desta vez:

«Julgo que a nossa equipa actual é a mais forte de sempre, mas vamos também encontrar a mais poderosa oposição de todos os tempos. Por isso penso que 10 medalhas de ouro serão um resultado super numa competição tão dura».

Jim Bush, que também irá a Munique, tem três atletas da sua equipa integrados na selecção olímpica norte-americana: os corredores de 400 metros John Smith e Mayne Collett e o saltador em altura Dwight Stones.

«Nos devemos conquistar os três primeiros lugares nos 400 metros e Wayne ou Smith ganharão a medalha de ouro dessa prova», afirma Bush, acrescentando: «Com excepção das barreiras não vejo possibilidade de chamarmos a nós os três primeiros lugares em qualquer outra prova».

Bush deu aos seus pupilos um conselho:

«Mantenham o mesmo sistema de treino que os levou a serem escolhidos».

Sobre as piores dificuldades que os atletas norte-americanos irão encontrar, diz:

«Vamos encontrar adversários dos mais fortes no peso e no salto com vara, mas causam-me talvez maior preocupação a oposição que teremos nas provas de velocidade, pura, na estafeta de 4 por 100, nos 800 metros e nas corridas de fundo».

Não obstante as suas apreensões, Bush vê possibilidades numa vitória norte-americana nos 100 metros, contra o russo Valery Borzov.

«Tenho dito e continuo a dizer que é possível que um americano ganhe os 100 metros mas não sei qual dos nossos «sprinters» conseguirá essa vitória».

Nesta prova foram inscritos os americanos Eddi Hart, Ray Robinson e Robert Taylor.

NATAÇÃO EM FORÇA

A equipa feminina olímpica norte-americana de natação iniciou duas semanas de treinos intensos, e participará num torneio de exibição, no dia 18, antes de partir para Munique. Sherman Shavoor, um dos dois treinadores, declarou que os Estados Unidos vão enviar a Munique a sua mais forte equipa olímpica.

«Poderemos não conquistar tantas medalhas de ouro como em 1968, mas certamente que arrecadaremos o mesmo total de medalhas», acrescentou.

ENSAIO GERAL

Chi Cheng (grande «estrela» mundial das provas de velocidade)

de) e o russo Valery Borzov foram as duas principais figuras das provas internacionais que se disputaram no estádio Olímpico de Munique, esta semana.

Chi Cheng, que não podia correr devido à lesão sofrida há semanas, foi aplaudida ao entregar os prémios aos vencedores das diversas provas.

Borzov, pelo seu lado, ganhou os 100 metros (em 10,2 segundos) com outro russo (Alexander Kornelyuk, 10,3) e o jamaicano Mike Fray (10,4) nos lugares seguintes.

Na prova de 100 metros (Senhoras) a austríaca Christa Kepplinger saiu vencedora (com 11,6 segundos) seguida por Christine Tackenberg (da Alemanha Ocidental) e por Marion Hoffmann (da Austrália) ambas com 11,7.

A russa Janis Lusi, detentora do «record» mundial do lançamento do dardo, foi a vencedora dessa modalidade alcançando 32,34 metros.

IMPRENSA EM FORÇA

A medida que se aproxima a inauguração dos Jogos Olímpicos, vai crescendo a animação no Centro da Imprensa instalado na Aldeia Olímpica.

Duzentos jornalistas vindos de todas as partes do mundo começaram já a trabalhar no Centro, que classificam como «O maior e o melhor apetrechado» que já viram.

O Centro de Imprensa, cuja construção custou 30 milhões de marcos (255 mil contos), terá ao seu serviço (durante os jogos) 60 empregados, 300 motoristas do exército, 180 hospedeiras, 35 mensageiros e outros auxiliares.

DOCUMENTÁRIO FABULOSO

O produtos de Hollywood, o cineasta David Volper, autor de um grande número de documentários filmados, teve a ideia de propor a grandes realizadores de vários países que façam juntos um documentário sobre os



Philip Lubinus, de 16 anos de idade, é considerado o mais esperançoso atleta alemão de toda a sua geração. Ele subirá os degraus do Estádio de Munique transportando o facho olímpico até à pirâmide



Jean-Claude Ganga (do Zaire) e Willi Daume (da Alemanha) apresentam a bandeira sob que vai actuar a Rodézia

Jogos Olímpicos de Munique.

Volper convidou para isso Arthur Pen (Estados Unidos), John Schlesinger (Grã-Bretanha), Milos Forman (Checoslováquia), Franco Zeffirelli (Itália), Kon Ichikawa (Japão), Yuri Ozerov (URSS), Claude Lelouch (França), Mai Zetterling (Suécia), Michael Pfegar (Alemanha Federal) e Ousman Sembene (Senegal). «Todos aceitaram com entusiasmo», disse Stanley Margulies, associado de David Volper.

Schlesinger já escolheu para o assunto o comportamento de um dos atletas da equipa britânica, na maratona. Lelouch optou pelos «vencidos». Zifferelli pela cerimónia do facho Olímpico. Mai Zetterling dirigirá a sua câmara para os atletas

da Halterofilia e Sembene para a primeira equipa americana de basquetebol a participar em provas olímpicas. Ichikawa, que filmou os Jogos Olímpicos de Tóquio, escolheu imediatamente os 100 metros, que duram apenas uma dezena de segundos. Prevê, no entanto, que a sua parte do documentário terá 10 minutos.

«Podemos a todos os realizadores que limitem os seus filmes a uma duração de 6 a 12 minutos», disse Marculies. Cada um poderá escolher a sua música, mas a partitura de conjunto será obra de um só compositor, assim como haverá apenas um narrador do documentário, que será montado em Hollywood. Quando ao genérico, seguirá a ordem alfabética.

A C. P. INFORMA: Serviço especial para Viana por ocasião das Festas do Castelo por ocasião das Festas a Nossa Senhora da Agonia nos dias 18 a 20 de Agosto

Bilhetes especiais de IDA E VOLTA, a preços reduzidos.

Período de venda: de 17 a 20 de Agosto. Validade para regresso de 18 a 21 de Agosto.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros desde Porto (São Bento), até Monção, até Braga, até Penafiel e até Leixões, desde Porto (Trindade) até Barradas e até Fafe e nas estações de Marco de Canavezes, Régua, Amarante e Vila Real bilhetes especiais, de IDA E VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de VIANA DO CASTELO.

A C. P. INFORMA: Serviço especial para Trofa por ocasião das Festas a Nossa Senhora das Dores nos dias 19 a 21 de Agosto de 1972

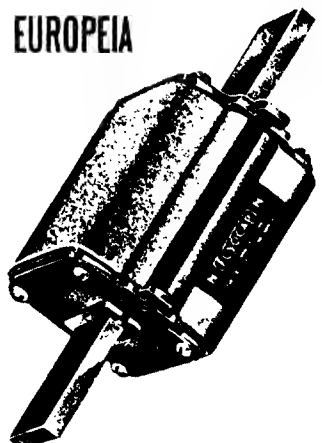
Bilhetes especiais de IDA E VOLTA a preços reduzidos.

Período de venda: de 18 a 21 de Agosto.

Validade para regresso: de 19 a 22 de Agosto.

FUSÍVEIS

NORMA
EUROPEIA



J.F.

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, Lda

TEL. 654165 * LISBOA



Nos últimos 36 anos, o canadiano Elzear Duquette deu três vezes a volta ao mundo, sempre em procura de emoções e de acontecimentos. Como não poderia deixar de ser, ele já está na cidade olímpica



bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4	—	444\$	—
Cons 3	—	485\$	488\$
Cons 3 1/2	—	565\$	—
Centenários	—	1274\$	—
Tes. 5 % 57	1.000\$	1.000\$	—
Tes. 5 % 59	1.000\$	1.000\$	—
Exter 1 a c	—	615\$	650\$
Exter 1 a c	—	619\$	—
Exter 3 a c	—	—	800\$
Exter 3 a c	—	—	820\$
Caut 3 a s	—	—	—

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx 6 %	—	935\$	950\$
C. M. L. 5 1/2 %	—	—	—
C. P. 5 1/2 % 67	—	950\$	—
C. P. 5 1/2 % 68	955\$	950\$	—
C. P. 5 1/2 % 69	—	—	950\$
Corr 5 3/4 %	—	890\$	—
Met 5 3/4 %	970\$	990\$	1.000\$
Tur 5 3/4 %	995\$	990\$	—
C. P. 6 3/4 %	—	1.020\$	—

ELECTRICAS

G. 5 % 58	—	—	840\$
G. 5 % 59	—	—	840\$
G. 5 % 60	—	—	—
G. 5 % 61	—	—	—
G. 5 % 62	—	—	—
G. 5 % 63	—	—	—
G. 5 % 64	—	—	—
G. 5 % 65	—	—	—
G. 5 % 66	—	—	—
G. 5 % 67	—	—	970\$
G. 5 % 68	—	—	945\$
G. 5 % 69	—	—	—
G. 5 % 70	—	—	—
H. E. C. 5 %	—	1.025\$	—
H. E. C. 5 %	—	810\$	—
H. E. C. 5 %	750\$	750\$	—
H. E. D. 5 %	—	—	—
H. E. D. 5 %	740\$	—	740\$
H. E. N. P. 5 %	—	—	920\$
H. E. S. E. 5 %	—	—	940\$
H. E. S. E. 5 %	—	—	930\$
H. E. Z. 5 %	—	—	—
H. E. Z. 5 %	—	—	920\$
N. E. 5 %	—	—	—
N. E. 5 %	—	—	780\$
Termoe. 5 %	—	—	—
U. E. P. 5 %	—	—	—
U. E. P. 5 %	—	—	—
U. E. P. 5 %	—	—	880\$

DIVERSAS

A. P. T. 5 % 56	—	—	900\$
A. P. T. 5 % 58	—	—	900\$
Lisnave 6 %	—	960\$	980\$
Nitratos 60 %	—	—	—
Pet. 2 a 3 a	—	—	900\$
Sacor 7 %	1.027\$	1.025\$	—
Sacor 5 %	—	—	940\$
Sacor 5 %	—	—	830\$
Sid 5 % 2 a	—	—	—
Sid 5 % 3 a	—	—	—
Sid 5 % 4 a	—	—	—
Socel 5 %	—	—	900\$
U. Fabril 67	—	—	—
U. Fabril 68	—	—	—

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	—	—	—
Rev 5 % 57	—	—	—
Rev 5 % 59/60	—	—	—
Moçamb 5 %	—	—	—
Sonete 5 %	—	795\$	800\$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	5.350\$	5.350\$	—
Alentejo	1.950\$	1.940\$	1.950\$
Angola	4.650\$	4.600\$	4.700\$
Cred. Predial	6.500\$	6.480\$	6.510\$
Esp. Santo	11.400\$	11.300\$	11.500\$
Fomento	—	5.610\$	—
F. Burnay	44.000\$	43.000\$	44.000\$
N. Ultr. m.	6.200\$	6.100\$	6.200\$
N. Ultr. c.	7.100\$	7.00\$	7.100\$
Portugal n.	—	4.500\$	4.800\$
Portugal p.	6.400\$	6.400\$	—
P. Atlântico	11.400\$	11.300\$	11.500\$
Totta Açores	6.750\$	6.750\$	6.780\$
Algarve	2.225\$	2.220\$	2.225\$
Borges & Irmão	9.700\$	9.650\$	9.700\$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das accções (Base: Dez. 65=100)

	4/8	10/8	11/8
GERAL	191,7	200,3	199,5
METROPOL	196,3	206,3	205,4
ULTRAM	158,0	156,6	156,4

De Seguros

Alentejo	149\$5	149\$5	150\$
Bonança	—	17.000\$	—
Imperio	—	16.000\$	—
Mundial	1.360\$	1.350\$	1.370\$
Soberana	—	1.700\$	—
Tranquilidade	—	90.000\$	—

Electricas

C. P. E. p.	1.102\$	1.102\$	1.103\$
C. P. E. n.	1.083\$	1.082\$	1.085\$
E. Beiras	—	—	1.750\$
G. Elec. c.	335\$	335\$	336\$
H. E. A. A.	160\$	—	160\$
H. E. N. P.	240\$	240\$	—
H. E. S. E.	—	—	—
U. E. P.	191\$	190\$	191\$

Ultramarinas

Ag. Cassequei	1.090\$	1.090\$	1.100\$
Ag. Incomat	—	2.500\$	—
Ag. S. T. e P.	—	—	—
Ag. Angola	—	850\$	900\$
Alg. Angola	—	178\$	185\$
Ang. Agric	660\$	—	680\$
Boror	—	—	125\$
Boror Com	—	—	—
Buzi	—	78\$	80\$
Cabinda	—	130\$	135\$
Com Lobito	650\$	640\$	—
D. A. T. 100	1.800\$	1.780\$	—
H. E. Revue	—	—	—
I. do Princ	—	—	—
Moçambique	—	155\$	—
Sonete n.	—	—	—
Sonete p.	430\$	425\$	435\$
Zambézia	58\$	58\$	60\$

Diversas

Ag. Lx. ant.	—	—	—
Ag. Lx. 34	—	—	—
Ag. Lx. 36	405\$	405\$	410\$
Cel. Guadiana	—	—	—
C. Leiria p.	7.200\$	7.000\$	7.200\$
C. Tejo p.	—	14.500\$	—
F. Ramada	1.270\$	1.270\$	—
Fornos Eléct.	140\$	139\$	140\$
P. Celulose	—	4.100\$	—
Siderurgia p.	4.550\$	4.550\$	—
Siderurgia n.	2.980\$	2.980\$	3.000\$
Socel	—	—	—
Cidla	7.900\$	7.870\$	7.910\$
C. U. F.	—	3.000\$	3.050\$
Inlar	575\$	575\$	585\$
Nitratos	995\$	990\$	1.000\$
Petroquímica	1.000\$	1.005\$	1.010\$
Sacor	3.700\$	3.650\$	3.750\$
Tab. Portugal	2.900\$	2.800\$	3.000\$
Tabaqueira	7.800\$	7.800\$	7.700\$
U. F. Azoto	760\$	755\$	760\$
Empor	—	200\$	230\$
Ind. Aliança	—	—	—
I. P. Colón	—	870\$	—
Nac. Naveg.	—	—	3.500\$
Naveg. (Col.)	2.050\$	2.050\$	2.100\$
P. Pesca	—	—	970\$
Matul	—	980\$	1.000\$
R. Marconi	—	2.000\$	2.050\$
TAP	600\$	590\$	700\$
Compal	—	—	—
Salvor	—	—	—
Penina	—	—	—
Grão-Pará	—	—	—

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico
FIDES

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rand	—	33\$00
Alemanha Marco	8\$35	8\$65
América	—	—
Dollars de 1 a 2	26\$20	26\$90
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$60	27\$40
Argentina Peso Novo	—	—
Austria Schilling	15\$16	15\$21
Bélgica Franco	\$60	\$63
Brasil Cruzeiro	35\$0	45\$0
Canadá Dólar	27\$00	27\$70
Dinamarca Coroa	3\$70	4\$00
Espanha Peseta	\$41,5	\$43,5
Francia Franco	5\$45	5\$75
Holanda Florim	8\$25	8\$55
Inglaterra Libra	6\$500	6\$800
Italia Lira	\$043,5	\$047
Marrocos Dhran	5\$10	5\$80
Noruega Coroa	3\$95	4\$25
Suécia Coroa	5\$55	5\$85
Suíça Franco	7\$05	7\$30
Ouro	—	—
Inglaterra — Libra Isabel	470\$00	500\$00
Inglaterra — 1/2 Libra	380\$00	400\$00
Ouro fino Barra	57\$00	62\$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praca D. João da Câmara 18. Telef. 328045
Rua do Ouro 52. Telef. 30309

televisão

HOJE

1.º Programa (22.30)
Série do Oeste
«Lancer»

2.º Programa (22.00)
Variedades
«Vivam as férias»

Participam no espectáculo de variedades desta noite os artistas Kathy Line, Gianni Morandi, Sérgio Endrigo, Catarina Caselli, Adamo e Ballet Alto e Vacanza.

SIEMENS ESTORIL

O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa	1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados	13.00 Feminino singular
13.00 Nanny e o professor	13.15 Nanny e o professor
13.45 Telejornal — 1.ª edição	14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite	2.º Período
19.30 Telejornal — 2.ª edição	19.45 Jogos olímpicos — «Era antiga»
22.00 Grupo de Danças e Cantares de Goa	21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Frente a frente	22.30 Lancer
23.30 Telejornal — últimas notícias	23.55 Meditação e Fecho
2.º Programa	
20.30 Abertura e desenhos animados	20.40 Vária
21.00 Nanny e o professor	21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Variedades	22.50 A aranha da cruz
23.00 Concerto de piano, por Stockhausen	23.40 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa	1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados	13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo	13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Dó. Lá. Si	14.25 Hoje pode ver
14.35 «Lassie»	15.00 Estúdio sem marcação
15.55 As flores e o seu mundo	16.40 Programa feminino
16.45 Barreira de sombra	17.10 Teledesperto
17.30 Reportagem do exterior	18.45 E a vida continua
19.00 Danças e cantares	19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Woobinda	20.10 Ensaio
21.00 Se bem me lembro	21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Os Caminhos de Noé	22.30 XIV taça da Europa dos cantores de Knocke (fase final)
23.30 Actualidade desportiva, apontamento da reportagem da Volta a Portugal em bicicleta	23.40 Telejornal — últimas notícias
23.45 Meditação e fecho.	2.º Programa
20.30 Abertura e Viver no Campo	21.00 O caso da semana
21.00 Telejornal	22.00 Sabe... como é o museu SOares dos Reis (2.ª parte)
22.45 Dr. Marcus Welby	23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. A.guas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6227

tempo

HOJE

09.00 H
Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado ou encoberto a excepção do Leste algarvio e Sueste alentejano onde estava pouco nublado; chuviscava no Douro Litoral; o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H	
PORTO	15°
PENHAS DOUR.	12°
COIMBRA	16°
PORTALEGRE	14°
LISBOA	17°
FARO	22°
FUNCHAL	20°

TEMPERATURAS EXTREMAS

Elvas	Máxima	32°
Penhas da Saúde	Mínima	7°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	14,4°
Atmosfera	20,5°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.23 3,9 m	10.50 0,8 m
17.38 4,2 m	23.18 0,7 m

Dia 12

6.00 3,8 m	11.26 0,9 m
18.15 4,0 m	23.53 0,9 m

Dia 13

6.36 3,7 m	12.01 1,0 m
18.50 3,8 m	

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado nas regiões do Centro e Norte e pouco nublado no Sul; possibilidades de trovoadas nas regiões montanhosas do Norte; neblina ou nevoeiro matinal no Litoral Oeste para norte do Cabo Carvoeiro; vento fraco ou moderado nos quadrantes do Norte.

AMANHÃ	Nascer às	5.46
	Ocaso às	20.37

Dia 17	Dia 24	Dia 31	Dia 7.

RÁDIO

EMISSION 1.º Programa 16.00 Noticiário 16.05 Melodias do cinema 16.30 Convívio-Programa Juventude 18.05 Ao encontro da melodia 18.30 Forças Armadas (Programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública de Defesa
--



Guia de Serviços

LISBOA

ALCANTARA
Dilema, R. Aliança Operária, 49-B (tel. 636620); Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (tel. 636704); Vieira da Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (tel. 660187)

ALTO DO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (tel. 78277)

ALVALADE
Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Avenida D. Rodrigo da Cunha) (tel. 722384) Sanex, Avenida da Igreja, 31-C (tel. 717505); Rio de Janeiro, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida Estados Unidos da América) (tel. 712409)

AMEIXOIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tel. 790969)

ARCO DO CEGO
S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (tel. 534027)

AREIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel. 731478)

ARROIOS
Pancada, Rua Rebelo da Silva, 11 (tel. 43340)

CASTRO
Avenida Almirante Reis, 76-A (tel. 821973)

AVENIDA DA LIBERDADE
Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (tel. 43641)

AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar 20 (tel. 44995); Cruz Nunes, Praça Duque de Saldanha, 14 (tel. 41845)

BAIRRO ALTO
Sanitas, Praça Luis de Camões, 24 (tel. 322798)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (tel. 311216 e 310172)

BAIXA
Silva Carvalho, R. dos Franqueiros, 126 (tel. 326575)

BELÉM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias 63-A (tel. 611454)

BENFICA
Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-B (tel. 704828)

CAMÕES
Sanitas, Praça Luis de Camões, 24 (tel. 322798)

CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (tel. 684424)

CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (tel. 686176); Urbano, Fados de Freitas, R. Silva Carvalho, 5 (tel. 662838); Tagus, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (tel. 669485); Pinheiro, Rua Campo de Ourique, 133 (tel. 686640)

CARNIDE
Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (tel. 780969)

JANELAS VERDES
Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (tel. 662327)

LAPA
Mota Capitão, Rua de S. Félix 45-B (tel. 660720)

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (tel. 790480)

MARQUES DE POMBAL
Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (tel. 43641)

MOURARIA
Silva, Calçada de Santo André 16 (tel. 862074)

OLIVAIS
Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, Lote 199 (Olivais - Sul) (telefone 313610); Central dos Olivais, Rua Alfereis Barrilero Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (tel. 315539)

PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores 87 (tel. 842725)

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (tel. 720703-728395)

RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (tel. 681947)

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (tel. 612248)

SANTO AMARO
Gomes, Rua da Junqueira 326 (tel. 638193); Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (tel. 636704)

S. BENTO
Fénix, R. da Cruz dos Poais 52 (tel. 678531)

S. MIGUEL
S. Miguel, Praça Francisco de Moraes, 1 (tel. 771469)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Avenida Luis Bivar, 11 (tel. 44324)

SETE RIOS
Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (tel. 778439); Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (tel. 761035)

SOCORRO
Simar, Rua de S. Lázaro, 128 (tel. 42829)

XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (tel. 381279)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar R. Ernesto Silva, 81 (tel. 212048)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R. Costa Pinto, 186 (tel. 243234)

OEIRAS
Oeiras L. Henrique Paiva Couceiro (tel. 2430485)

PAREDE
Macau R. José Elias Garcia, 60-C (tel. 2471785)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (tel. 261186)

MONTE ESTORIL
Suíça Cruzeiro 29tel. 260087

CASCAIS
Cordeiro Av. Comb. G. Guerra, 40 (tel. 280170); Nova Est. de Alvide-Fontainhas (tel. 281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 10 (tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (tel. 224250)

ALMADA
Algarve R. Fernão Lopes, 1 (tel. 270271)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est. Nacional, 221-B (tel. 224141)

BARREIRO
Moderna R. D. Henriqueta gremes de Araújo, 12 (tel. 2273443)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues L. 5 de Outubro, 62 (tel. 270121)

MOITA
União Moitense Av. dr. Teófilo Braga (tel. 239025)

MONTIJO
Moderna R. Bulhão Pato 60 (tel. 230156)

SESIMBRA
Lopes R. Cândido dos Reis, 67 (tel. 229028)

SETÚBAL
Bocagense R. do Romeu (tel. 23425); Bairros B. Santos Nicolau (tel. 23330)

SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51 (tel. 2218580)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca R. Elias Garcia, 208 (tel. 930019); Flama R. Elias Garcia, 78-B (tel. 932485); Confiança Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (tel. 939149)

DAMAIA
Damaia P. Alexandre Gusmão, 9-A (tel. 970523)

QUELUZ
Zeller R. da República, 83 (tel. 950045); Correia L. do Mercado, 3 (tel. 950906)

CACÉM
Garcia Av. dos Missionários, 2 (tel. 2942181)

MEM MARTINS
Quilma Est. de Mem Martins, 285 (tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (tel. 980456)

SINTRA
Marrazes Rainha D. Amélia, 20 (tel. 980155)

COLARES
Colares Abreja (tel. 299088)

PORTO

SUB-TURNO A
Boavista (da), Rua da Boavista, 601; Cosme, Rua Costa Cabral, 584; Guarani, Rua Pedro Hispano, 367; S. Diniz, Rua S. Diniz, 428; Soeiro, Rua Santos Pousada, 71; Vitalia, Praça da Liberdade, 34-37.

SUB-TURNO B
Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520; Antunes, Rua do Bonjardim, 485; Cardona dos Santos, Rua D. Manuel II, 90; Herculaniano, Rua Alex Herculaniano, 384

COIMBRA
Neves Morgado, Rua da Moeda, 106-108 (tel. 23738); Rodrigues da Silva, R. Ferreira Borges, 32 (tel. 24348); S. José, Arcos do Jardim, 41 (tel. 24697)

Cinemas

Cinemas

Cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30 Grupo B 10 anos
Pelo povo e contra o rei O FACHO E A FLECHA.
Com Bert Lancaster e Zvirginia Mayo

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D 18 anos) 4.ª Semana
AS MIL E UMA NOITES PARA ADULTOS Uma realização de Elichi Yamamoto

ROMA (Tel. 727778)
21.45
ESTREIA
Um espectáculo notável O LAMPIÃO, com Thomas Milian Technicolor Cinemascope

EDEN (Tel. 320768)
21.45
ESTREIA
Grupo C 14 anos color da superprodução romana A ÚLTIMA CRUZADA.

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
28.ª semana de êxito
NÃO DESEJAS O DELICADINHO DO 5.º, com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garcés.

MUNDIAL (Tel. 538743)
21.45
Hoje ESTREIA
Grupo D 18 anos
Technicolor o terror espera por si em A CASA QUE ESCORRIA SANGUE, com Christopher Lee e Peter Cushing. Hoje às 15.15-18.30 últimas exhibições A Morte chega do passado, com David McCallum Grupo D 18 anos (As condicionado)

CASINO ESTORIL
17.00-21.30
Grupo D (18 anos)
A NOITE FEZ-SE PARA AMAR.

TIVOLI (Tel. 717480)
15.15 e 21.30
Grupo A (6 anos) 73.ª Semana
O maior êxito de sempre MÚSICA NO CORAÇÃO, com Julie Andrews e Christopher Plummer 70 m/m Technicolor (Ar condicionado)

ROYAL (Tel. 855037)
15.00-21.00
Grupo D (18 anos)
Perturbador atrevido conflituoso A MULHER E O DESEJO, color c/ Marina Vlady e Renand Verley Em complemento JOHN, O BASTARDO.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
28.ª Semana O filme do ano TRINITY (COW-BOY INSOLENTE, com Buel Spencer e Terrence Hill.

POLITEAMA
15.15-18.15-21.45
Grupo D (18 anos)
Um festival de terror para nervos de aço PESADELO DE CERA.

ALVALADE (Tel. 717480)
ESTREIA Hoje às 21.45 Grupo C 14 anos Anthony Quinn e Gina Lollobrigida em NOSSA SENHORA DE PARIS

IMPERIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
UM AMOR MAIOR QUE OS FURRORES DA GUERRA, Anthony Quinn e Virna Lisi em A 25.ª HORA, Metropolitano-Alameda

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
6.ª Semana
O MUNDO A SEUS PÉS. O melhor filme de todos os tempos de Orson Welles. Metro Alameda

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D 18 anos)
A ORGANIZAÇÃO, colorido com Sidney Poitier em complemento DOUTOR... CUIDADO COM ELAS, Colorido com Leslie Phillips e Angela Scornar (Metropolitano Arroios-P. Chile).

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo B (10 anos)
O rei do gang gos gags DINHEIRO EM CAIXA, com Jerry Lewis e Dean Martin Colorido. (Ar condicionado)

S. JORGE (Tel. 54152/4)
15.15 - 18.15 e 21.30
(Grupo D 18 anos)
2.ª Semana
SMIC SMAC SMOC. O mais divertido filme de Claude Zeluoch.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15-21.30
Grupo C (14 anos)
Em continuação Frank Sinatra em OS SETE LADROES DA CIDADE.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
21.45
ESTREIA Grupo A (6 anos)
uma aventura fantástica O FALCÃO, com Ron Moody e Jack Wilde-color

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30-21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido Ele era casado, mas tinha um fraco... SÓ PENSAVA NETOS, com Richard Benjamin e Joanna Shinkus. Hoje às 00.15 MEIA NOITE FANTÁSTICA, Grupo D (18 anos)

LYS (Tel. 48560)
15.00 - 21.00
Grupo C (14 anos)
UMA CASA A SOMBRA DAS ÁRVORES, com Faye Duway Frank Lawgella e Maurice Rowet, Colorido. Em complemento NOITE DE VIOLÊNCIA, (Metropolitano Intendente)

LONDRES (Tel. 731313)
14.15-16.30 18.45 21.45
(Grupo C 14 anos)
8.ª semana
MELODY

Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wild e Tracy Hyde Cinema

Snack Bar-Pub
The Flaq-o melhor encontro gastronómico. Hoje à meia noite e quinze Grupo B (10 anos) WESTERN, em Retrospectiva A VELHA RAPOSA (TRUE GRIT) com John Wayne e Glen Campbell.

APOLLO 70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana
Eastmacolor

Um filme de Orson Welles HISTÓRIA IMORTAL com Orson Welles e Jeanne Moreau Hoje (24.00) O Riso da meia noite

Grupo D (18 anos)
UM MALUCO EM ÓRBITA, de Gardon Douglas com Jerry Lewis e Anita Ekberg. (Ar condicionado)

CONDES (Tel. 322523 326710)
15.15-21.15
4.ª Semana
Agora para maiores de 15 anos E TUDO O VENT LEVOU, com Clark Gable Vivien Leigh, Leslie Howar e Olivia de Havilland

O filme começa a ser projectado 10 minutos depois do início das sessões

Outros Espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
Pra Frente Lisboa

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
Uma cama para toda a gente

LISBOA Cinemas

CINEARTE
21.00 (18 anos)
Cau uma garota na minha sopa

PARIS
21.00 (14 anos)
O BARÃO Vermelho

RESTELO
21.00 (18 anos)
O Quinto dedo

JARDIM
21.00 (10 anos)
Frente a Frente

MAYER
21.00 (10 anos)
Charro

OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
A Primeira noite Caminho perigoso

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
Destinos opostos

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
Encontro marcado

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
O Maior roubo do Oeste

OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (14 anos)
Um dia na vida de Ivan Denisovich

FAREDE
Royal-Cine
21.15 (17 anos)
Os Ratoneiros

ESTORIL
Casino
17.00-21.30 (18 anos)
A noite fez-se para amar

estoril
Palácio
21.30 (18 anos)
Droga, loucura e morte

ESTORIL
Eplanada
21.30 (10 anos)
Shalako

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
Rosas brancas para minha irmã negra

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15
Concerto para um pistola solista

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
Verdade amarga

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
Costureirinha da Sé

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
4 casos de amor

PORTO Cinemas

ÁGUA DE OURO
21.30 (10 anos)
Trinidade, cow-boy insolente

BATALHA
21.30 (18 anos)
Com a minha mulher não

RIVOLI
21.30 (14 anos)
Aquele sexta-feira

TRINDADE
21.30 (14 anos)
Antes que chegue o Inverno

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
Ponto crítico

PASSOS MANUEL
21.45 (14 anos)
Alphaville

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
Um marido em apuros

OLIMPIA
21.30 (6 anos)
O Tezouro de Tarzan

BARS BOITES

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amodeo, Tina Ferreira, Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo, Armando Hilário, Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Nova Franca de Xira.

LUSO Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar; fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais.

Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889. Aberto todos os dias

ADEGA MESQUITA Cantam Fernanda Pinto, Natália Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luís Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo

Consumo mínimo 60\$00 Encerra ao domingo Rua Diário de Notícias, 107. Tel. 329307

FORCADO Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira, Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.

VIELA Rua das Taipas, 14. Tel. 327256 O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo Encerrado ao domingo

CASEBRE Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana Tocam Carvalhinho e Julio Gomes Os ARAUTOS Folclore puros Cnco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760

ARREDA Fado amador, oca e canção fado no Arreda Elenco José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio Encerra às 3.ªs feiras Consumo mínimo 62\$00 (taxa incl.) Rua Alexandre Herculano, 3. Cascais Tel. 263864

FRAGATA REAL Elenco Beatriz da Conceição e Maria João Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves Folclore os 5 de Vila Franca. Artistas convidadas Ana Rosmaninho e Natalia dos Anjos Travessa de S. Miguel, 22. Alfama Tel. 868551

FANTASMA Dancing-Caveau com variedades Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B Aberto todos os dias até às 05.00 h

NINA Dancing com atracções Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197

TOSCO Dancing com Variedades. Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562

TAMILA Marão e siconjuto. Maithees. Todos os dias Encerra aos domingos Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117

D. QUIXOTE Com Carlos Villaret Virgílio Neves Aberto até às 5 h da madrugada Rua da Trindade, 9 Tel. 327109 Enc

DL /ÚLTIMAS

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 92.º E 4.º
TELEF. 654531/234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOIA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

XVI FESTIVAL DE SINTRA

De 8 a 30 de Agosto

Amanhã, dia 12

18 horas

Recital pelo pianista

ANDRÉ TCHAIKOWSKY

Quinta da Piedade — Colares

Piano BECKSTEIN da Casa Valentim de Carvalho

PROGRAMA

Ao ar livre — suite

Sonata em si bemol maior (obra pós-tumba)

Fantasia em dó maior, op 17

BELA BARTOK

SCHUBERT

SCHUMANN

Próximo espectáculo: Dia 14

21.45 horas

Recital MOZART pela pianista Maria João Pires

Palácio Nacional de Queluz — Piano BECKSTEIN

O programa foi alterado, a pedido da artista, devido ao seu estado de saúde

As assinaturas para o Festival encontram-se esgotadas

Os bilhetes vendem-se na Agência da S. E. I. T., Restauradores, Lisboa; na Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; e no Turismo de Sintra, tel. 981157. No dia do espectáculo, a partir das 20 horas, no local onde este se realize.

Estão assegurados os transportes, de ida e volta, entre Lisboa-Sintra ou Queluz, com partidas de camionetas do Marquês de Pombal.

Estupefacientes detêm McCartney na Suécia

GOTEBURGO, SUECIA. — O antigo Beatle Paul McCartney e dois elementos do seu novo conjunto de «pop music», os «Wings», foram libertados às primeiras horas de hoje, após serem interrogados pela polícia acerca de um pacote de estupefacientes.

Um informador da polícia disse que os três foram submetidos durante quatro horas a interrogatório no comando da polícia, após darem um concerto nesta cidade.

Declarou ainda que os três não foram presos formalmente e que tinham a liberdade de continuarem com a sua digressão pela Suécia, que está a obter um êxito tremendo.

Mccartney foi detido com sua mulher Linda, a vocalista do conjunto, e o baterista americano Denny Seiwell.

Fontes bem informadas comunicaram que a polícia não conseguiu encontrar os outros dois membros do conjunto, os britânicos Henry McCullough e Denny Laine, antigo elemento do conjunto «Moodie Blues».

Um funcionário do consulado britânico, um advogado sueco e um acusador público assistiram ao interrogatório, que se registou após funcionários alfandegários anunciarem a descoberta de um pacote contendo cerca de 200 gramas de cannabis, endereçado, segundo se alegou, a um dos membros do conjunto.

O conjunto «Wings», formado pelo ex-Beatle no princípio deste ano, começou em França no mês passado a sua primeira grande digressão viajando num autocarro londrino, de dois andares convertido.

A Polícia aguardou até o con-

junto ter interpretado ontem, à noite, o seu último número na Sandinavium Hall e, depois, interrogou toda a companhia constituída por cerca de 20 pessoas, sobre uma notícia de que aproximadamente 200 gramas de cannabis tinham sido enviados pelo correio para os músicos, a seu próprio pedido.

Os seus veículos, que se encontravam fora da sala, foram revistados e Mccartney, sua mulher Linda e o baterista Danny Seiwell foram levados para o comando da polícia.

Mccartney descreveu o interrogatório de quatro horas como «uma grande maçada quase por causa de nada».

A polícia revelou consideração e foi correcta, mas parece ter muito medo da «erva» (haxixe) na Suécia — revelou o antigo Beatle.

A polícia encontrou «um bocadinho» de haxixe no seu camarim e mais no hotel, acrescentou Mccartney.

Não foram feitas incriminações e fontes legais disseram que a posse de uma quantidade tão pequena de cannabis era considerada como um crime quase sem importância na Suécia.

Mccartney, cansado mas prazenteiro e fazendo com as mãos sinais de «vitória» aos jornalistas concluiu dizendo que a digressão do conjunto continuaria conforme estava planeado.

O espectáculo de ontem, à noite no Scandinavium, a maior sala de concertos da Escandinávia, atraiu 3 000 entusiastas de pop-music, e hoje, à noite, os «Wings» actuam em Lund, no sul da Suécia.



Foi neste autocarro, propriedade do grupo «Wings», que a polícia sueca tentou encontrar a quantidade de estupefacientes necessária para a sua detenção naquele país.

LIVRE DE PERIGO

A NOIVA-VIÚVA DO DRAMA DE CHAVES

Pode considerar-se livre de perigo a sr.ª D. Bernardina Gonçalves, que se encontra internada no hospital de Chaves. Trata-se da «noiva-viúva», cujo pai lhe matou o marido após o casamento, num acto desvaireado, originado pela discórdância do matrimónio devido a velhas questões entre famílias.

O cadáver do infeliz noivo, o sr. Celestino Carvalho Dias, deverá ser autopsiado ainda hoje, seguindo-se a transladação do corpo para o cemitério do Ferral (Montalegre).

Eis o drama, em resumo: Na igreja paroquial do Ferral, e contra a vontade do pai da noiva, sr. Domingos José Gonçalves, de 47 anos, casaram-se ontem, pelas seis horas da manhã, o sr. Celestino Carvalho Dias, de 25, funcionário da Companhia Portuguesa de Electricidade, em serviço na

Central da Venda Nova, com a sr.ª D. Bernardina de Aguiar Gonçalves, de 19, professora primária, ambos daquela localidade.

O pai, da noiva, que nem sequer tinha conhecimento da declaração do matrimónio, ao ser informado do caso — não faltando, até quem lhe dissesse que os noivos haviam partido, em viagem de núpcias, para chaves, munuiu-se de uma pistola e partiu para aquela cidade, ali surpreendendo os noivos, pelas 10 horas, na Rua do Sol.

Desvaireado desfechou dois tiros contra cada um dos nubentes, os quais atingidos recolheram ao hospital de Chaves, onde pelas 17 e 30, o noivo sucumbia.

O agressor foi preso pela P. S. P. e foi pouco depois, remetido ao poder judicial, com a respectiva arma.



Adília Silvério recebe das mãos do sr. Marques Ferreira o «Troféu Timex» que lhe foi atribuído. Graças ao apoio financeiro dos relógios Timex, a conhecida atleta deslocar-se-á aos Jogos Olímpicos.

QUANDO A EUROPA PROCURA EMERGIR DA IDADE DAS TREVAÇAS HORDAS DO SULTÃO NUM ATAQUE FURIOSO, DISPÕEM-SE A ESMAGAR TODA A REVOLTA E A LIQUIDAR TODA A ESPERANÇA DE LIBERDADE...

UM HOMEM MIGUEL — O BRAVO ATREVE-SE A TOLHER O PASSO AO INVASOR!



Real. de SERGIU NICOLAESCU Arg. de TITUS POPOVICI COLOR PANORAMIC
HOJE ESTREIA AS 21.45 NO EDEN

FALTA ÁGUA EM ZONA TURÍSTICA DO ALGARVE

Em Armação de Pera, um dos aliciantes cartazes de turismo do Algarve tem faltado a água, carência calamitosa que começou coincidindo precisamente com a maior afluência de turistas estrangeiros, o que causa prejuízos fáceis de calcular, que atinge o complexo de hotelaria e também toda a povoação de uma vasta zona.

Desde ontem, por exemplo, que não há pinga de água fazendo-se sentir afluente a anomalia, em especial no Hotel Garbe, presentemente cheio de turistas de diversos países.

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

Oficializado

Preparação para secretárias e correspondentes estenodactilógrafas em português, francês e inglês

A duração do curso é variável com as habilitações das alunas.

Enviam-se brochuras com a organização do curso e referências das empresas onde se têm empregado as ex-alunas, geralmente por intermédio da Escola.

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA

RUA D. ESTEFÂNIA, 126
Telefs. 4 47 30 - 55 35 75

1 SEMANA em LONDRES

3 350\$

Partidas: 3, 7, 11, 21 e 28/8 (Algumas datas esgotadas)

- VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
- ESTADIA NO HOTEL
- TRANSPORTES EM TERRA
- VISITA DE LONDRES
- TODAS AS TAXAS
- ASSISTÊNCIA DE DELEGADO ABREU

NOVAS PARTIDAS: 11, 18 e 23/8

LONDRES — FIM DE SEMANA DE 1 A 5/9

2 900\$

Em qualquer das partidas DESCONTO DE 10% para grupos de 10 pessoas

ORGANIZAÇÃO

abreu

FUNDADA EM 1840

PORTO — Av. Alameda, 207 — Telef. 37971
LISBOA — Av. Liberdade, 140 — Telef. 32222
COIMBRA — Rua do Seta, 2 — Telef. 27011

AS VIAS DE
COMUNICAÇÃO
EM
PORTUGAL

E O INTERIOR DO PAÍS?



Adjudicadas a construção e exploração de 358 quilómetros de auto-estradas (ao Consórcio Técnico-Financeiro Brisa), ainda se não sabe se teremos esse princípio de rede de auto-estradas dentro de cinco ou de nove anos. É uma alternativa ainda a resolver por quem de direito, bem como a hipótese do alargamento da rede com duas vias não previstas as auto-estradas do Minho e do Algarve.

Pondo de lado importantes questões, como o preço das portagens (cerca de 50\$00 por cem quilómetros), verifica-se que as zonas abrangidas pelo importante empreendimento (envolverá um investimento de cerca de dez milhões de contos) será o litoral português, a faixa mais desenvolvida do território.

E o interior? Como poderá caminhar para um urgente desenvolvimento sem apropriadas vias de comunicação?

Tomemos, para primeiro exemplo a Beira Baixa.

Num dos seus últimos números, sob o título «Adiar não é resolver», escrevia o «Jornal do Fundão» a propósito da necessidade de garantir vias de comunicação adequadas àquela província:

Seria absurdo e, além do mais, ridículo, dizer que somos, na Beira Baixa, a única voz desperta para os problemas, agora singularmente agudizados, das vias de comunicação. Mas sendo certo que esta província dorme, dormita ou, simplesmente, passa pelas brasas, acordados para as tristes realidades subjacentes a declarações de gente responsável e às consequências lógicas — poucos estão. Queremos contar-nos nesse número de vigilantes, pequena que seja a contribuição desta folha em caso de tal magnitude.

Depois do alarme que entendemos dever dar sobre a deterioração das vias que nos ligam aos centros principais, outras vozes vieram diagnosticar o mesmo mal. Simplesmente, a nossa opção, sem dúvida polémica, não mereceu apoio nem audiência. Assim, no que respeita a depoimentos públicos — e só estes agora interessam — continuamos sós. Vale a pena reflectir sobre os motivos desta solidão.

Dois jornais que sobre o caso se debruçaram — os nossos colegas «Reconquista» e «Notícias da Covilhã» brandamente manifestam a esperança de que os dois sistemas — estrada e caminho-de-ferro — possam continuar. Supõem, obviamente, que se trata de benefícios custosamente obtidos os quais, melhorados, servirão

eficazmente o nosso futuro.

Mais longe foi ainda o sr. presidente da Junta Distrital de Castelo Branco, decerto alheio às declarações públicas do presidente do conselho de administração da C.P. e subestimando os dois milhões e trezentos mil contos que o Dr. Neto de Carvalho entende necessários para pôr a linha da Beira Baixa em condições normais de funcionamento. Pede o sr. presidente da Junta Distrital, em documento que noutra lugar reproduzimos: «Modernização e melhoria da linha de caminho-de-ferro da Beira Baixa, por forma a que o distrito obtenha dela as vantagens que necessita e a que tem direito.»

Se as coisas fossem assim fáceis e se dependessem, não do estudo aturado, de argumentação sólida e de razões suficientes, bom era. Começaríamos por pedir que todos os males e carências fossem eliminados, a começar pela dor de dentes. Infelizmente pedir é diferente de obter. E porque a política é a ciência do possível, quem pede deve ter em conta a dimensão das possibilidades.

Até que nos ensinem o contrário diremos que, face não só à conjuntura portuguesa mas também à política ferroviária prosseguida no Mundo, a linha da Beira Baixa está irremediavelmente condenada. Deixá-la morrer devagar, com a redução de serviços que já se anunciou, ir substituindo por estrada — como se está fazendo — os transportes até

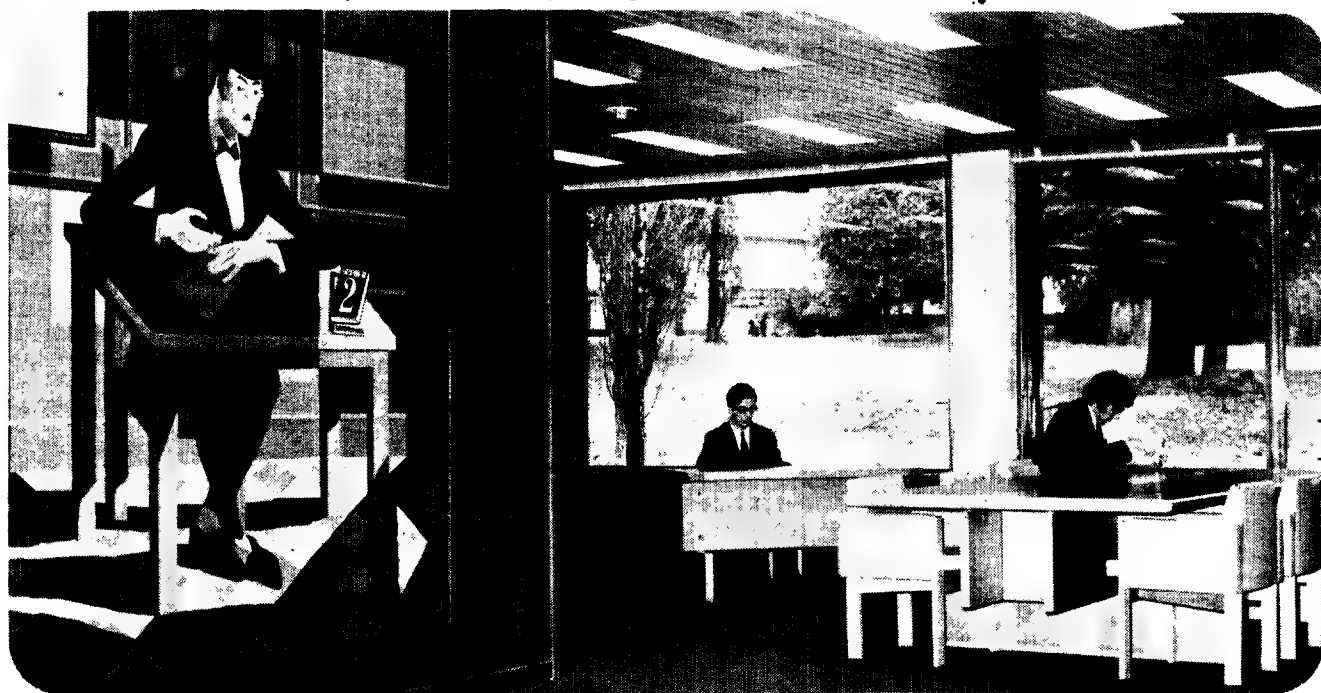
mesa
redonda

UM PROJECTO
DE
REFLEXÃO
DA
SEDES

PÁGINA QUATRO

Que rumo levam as artes visuais em Portugal?

-Inquérito dirigido por
URBANO TAVARES RODRIGUES
(ler nas páginas centrais)



Continua na pág. tres

assim vai o mundo

TELEVISÃO

Segundo relatório dos lojistas de rádio e televisão suecos, este país terá em funcionamento no fim do ano um total de 460000 televisores a cores, ou seja, 16 aparelhos por cada 100 lares, o que constitui a densidade mais elevada da Europa.

Em fins de 1970, o número de televisores a cores da Suécia estava em cerca de 260000, ou seja, 9 por cada 100 lares, contra 6 por 100 na Alemanha Ocidental e na Holanda, ambos colocados em segundo lugar na Europa. Em fins de 1968, na Suécia, havia apenas cerca de 40000 aparelhos.

As vendas de televisores a cores em 1972, segundo estimativas, será de 250000 a 300000 unidades, aumentando o índice de densidade para cerca de 25 por cada 100 lares.

As vendas de aparelhos a preto-e-branco, pelo contrário, têm diminuído constantemente nos últimos anos e não deverão chegar a 100000 unidades em 1972. A maioria dos compradores, tanto os que compram pela primeira vez como os que substituem seus aparelhos, dá preferência aos televisores a cores.

INCIDENTE

As autoridades municipais de

Yokohama (Japão) opuseram-se à entrada neste porto de cinco camiões militares americanos transportando carros de combate. As viaturas tiveram de regressar ao depósito de Sagamihara, a noroeste da cidade.

O porta-voz do comando militar americano, tenente coronel Jack Dunn, explicou que, em virtude de uma nova disposição legal, o município de Yokohama proibiu a passagem dos camiões numa ponte que leva ao porto, devido ao peso excessivo dos veículos. As autoridades municipais especificaram, no entanto, que a passagem poderá ser autorizada logo que o pavimento da ponte tenha sido reforçado, operação que poderá demorar três meses.

As autoridades militares informaram deste incidente o embaixador dos Estados Unidos em Tóquio, o Ministério japonês dos Negócios Estrangeiros e o Partido Socialista Japonês. As autoridades americanas e japonesas devem procurar uma solução administrativa para o caso.

IEMEN

A República Popular da China decidiu conceder um empréstimo de 8,5 milhões de libras (595 mil contos) à República Árabe do Iemen para investimento em projectos de desenvolvimento — anunciou o ministro iemenita da agricultura, Abdel Jabbar Mubarak, segundo a Agência do Médio Oriente.

O empréstimo é feito por vinte anos, sem juros ou condições — afirmou o ministro em Sanaa.

Mubarak, que fez parte da delegação iemenita que visitou recentemente a China e a Coreia do Norte, revelou também que este último país vai ajudar o Iemen na construção de duas fábricas de sabão e azeite.

EDUCAÇÃO

A Terceira Conferência inter-

nacional da UNESCO sobre o ensino de Adultos terminou em Tóquio com a aprovação de 33 recomendações para promover a educação de adultos. 400 delegados de 82 países tomaram parte na conferência, que foi aberta em 25 de Julho.

Nos termos das recomendações, os Governos deverão adoptar medidas tendentes a promover a educação de adultos no âmbito de uma educação permanente, destacar uma parte suficiente do orçamento nacional para esse fim e reconhecer aos trabalhadores manuais e intelectuais, por meio de uma le-

gislação apropriada, o direito à educação permanente e à formação durante as horas de trabalho e sem perda de salário.

EFFECTIVOS

O total de soldados americanos no Vietnam do Sul declinou a semana passada para 44600 segundo anunciou o comando dos Estados Unidos.

Um informador disse que 1400 soldados, a maioria dos quais pertencentes ao exército, regressaram à Pátria na semana que terminou, sendo o número mais elevado a partir de há várias semanas.

SONDAGEM

8 A vantagem que o Partido Trabalhista britânico na oposição tinha no apoio público desceu de 14 para 6 por cento nos últimos seis meses, segundo revela uma sondagem, cujas conclusões foram agora publicadas.

Um inquérito da Harris Poll, cujos resultados foram publicados no jornal conservador «Daily Express», afirma que os trabalhistas tinham agora o apoio de 48 por cento das pessoas interrogadas, comparado com 42 por cento para o Governo conservador do primeiro ministro Edward Heath.



INDEPENDÊNCIA Dirigente de um estado, formado à custa do artificialismo a que a Grã-Bretanha tinha condenado o sub-continentes indiano, o xeque Mujibur Rahman do Bangla Desh foi a Londres para se tratar. A sua espera estava um representante do Foreign Office. A independência de Bengala Oriental está firmada, Mujibur pode viajar calmamente para a capital do Império que tornou necessário o banho de sangue de que todos estamos ainda lembrados



EMERGÊNCIA Os estivadores ingleses levaram Edward Heath a, mais uma vez, declarar o estado de emergência para resolver uma crise provocada por uma greve. Uma vez aprovado pelo Parlamento, o estado de emergência durará aproximadamente um mês, durante o qual o governo pode utilizar a tropa para substituir os estivadores grevistas. O permanente estado de inquietação e agitação em que vive o mundo do trabalho inglês, está a criar dificuldades sobre dificuldades aos conservadores que se encontram no poder. As sondagens à opinião pública mostram bem quanto a administração de Heath está em perigo. Mais de espantar ainda que a falta de popularidade dos conservadores é a ausência de crítica condenatória dos movimentos reivindicativos por parte do público em geral. Pelo contrário, o público tem-se voltado contra a administração, conferindo um apoio, pelo menos tácito, aos estivadores, mineiros, tipógrafos e outros operários. Na foto, delegados dos mineiros rejeitam uma plataforma, acordada entre o sindicato e o patronato para resolver a questão levantada pelo uso dos contedores. A decisão deu origem à actual greve.



PÃO

Na revista «A Cooperação», escrevia o sr. António Ferreira da Silva, ao tratar dos «Preços naturais das farinhas e do pão»:

«Quantas vezes se tem evidenciado com toda a força a gama de inconvenientes dos artificialismos das farinhas espadadas de trigo, preconizando-se o estabelecimento de disposições conducentes a um natural sistema de preços? Um mau pão, seja por que preço for, é sempre caro. Um bom pão, embora um pouco mais caro, terá sempre a preferência de um público consumidor que, como o nosso, ainda usa o pão como base da sua alimentação. E no negócio de farinhas, tal como se processa agora, não haverá quem esteja a ganhar demasiado? Se tivermos em conta as fraudes que se praticam ou podem praticar, a resposta não pode deixar de

ser afirmativa. Havemos de tratar deste assunto, neste lugar, se Deus nos der vida e saúde.

Há indústrias em Portugal que desde há muito gozam, inexplicavelmente, de toda a casta de protecções. Como têm aproveitado as dádias que lhes foram oferecidas de bandeja? Só as preocupa a construção paulatina do mais fechado e avaro monopólio. É uma obsessão que domina os seus sátrapas. Tal estado de espírito impede-os de distinguir o espírito monopolista, único motor dos seus rendimentos, do espírito corporativo que, sem obstar ao lucro legítimo, impede que o interesse geral seja ignorado ou sacrificado às ambições de cada um. E como, na nossa Organização Corporativa, quem tem lugar de direcção são os representantes das empresas eleitas para tal, sucede que em muitas direcções estão pessoas que não fazem a mínima ideia do que seja a doutrina corporativa, nem têm a mínima consciência do espírito corporativo, por estarem insensibilizadas pelo mais estremo individualismo. Nestas circunstâncias, falar de corporativismo, só por ignorância, má fé ou caricatura».

RELIGIÃO

O jornal «Novidades», em artigo de «fundo» assinado por A. Mendes Fernandes e intitulado «A Moral e a Religião em

Regime Optativo?», afirmava há dias:

«Pois foi assim mesmo que há poucos dias os meios de comunicação social anunciaram ao País: a Moral e a Religião do programa do novo ciclo de ensino (a seguir aos dois anos do Ciclo Preparatório) aparecem ao lado das outras disciplinas em regime optativo.

Nós lemos a notícia com receio de tresler, mas afinal não havia dúvidas.

Pelo que, a partir de Outubro, talvez milhares, muitos milhares de jovens portugueses se encontrem na contingência de não terem aulas de Religião e Moral.

Mas, pergunta-se se à luz da Concordata (art. XXI) com a Santa Sé que ainda vigora como direito interno português (art. 61 do decreto-lei 30615) poderá e deverá situar-se em regime optativo o ensino da Moral e da Religião que é um direito natural e sagrado dos educandos naquelas idades, e é, igualmente, um direito e um dever primário e fundamental da Família e da Igreja para cumprir a sua nobilíssima missão?

A missão do Estado em matéria educativa, segundo os postulados da ética natural e da sociologia cristã encontra-se luminosamente definida na magna carta da educação que foi e continua sendo a famosa encíclica de SS. Pio XI «Divini Illius Magistri»:

«Ao Estado, pela sua própria finalidade, compete uma dupla função: proteger e promover, não de forma alguma absorver a família e o indivíduo ou substituí-los». Como conclusão lógica desta sua função, continua a encíclica: «Em ordem à educação é direito, ou mais rectamente, é dever do Estado proteger com as suas leis o direito anterior da família sobre a educação cristã da prole; e, além disso, respeitar o direito sobrenatural da Igreja sobre tal educação cristã. E de igual sorte compete ao Estado proteger o mesmo direito na prole quando reconhecer faltar física ou moralmente a obra dos pais por inércia, imperícia ou indignidade, visto que o direito dos pais não é absoluto ou despótico mas dependente da lei natural e divina».

Não pode haver nestas palavras maior clareza e precisão. São incisivas e formais ou não fossem escritas por SS. Pio XI que, respondendo a um discurso de Mussolini, de três horas, onde reivindicava para o Estado o monopólio educativo («o ensino deve ser nosso») no dia seguinte intemeratamente afirmava que a educação incumbia à Família e à Igreja por direito natural e divino, direito que não sofria derrogação, abstenção ou alienação.

Mais: que para defender estes direitos sagrados «sentia-se com coragem de tratar com o diabo em pessoa».



AS VIAS DE COMUNICAÇÃO EM PORTUGAL E O INTERIOR DO PAÍS?

Continuação da primeira página

há anos confiados à via férrea, é o que nos parece.

A quem vê, neste facto, sem dúvida lamentável, um prenúncio de catástrofe, diremos apenas que, directamente, a via férrea serve 23 povoações das 145 freguesias (sem contar anexas) que a Beira Baixa tem. Que dos onze concelhos do distrito, seis dos maiores — Idanha-a-Nova, Penamacor, Sertão, Vila de Rei, Oleiros e Proença-a-Nova — nem a linha férrea os atravessa. Dos onze, são cinco concelhos, em parte, servidos: Belmonte, Covilhã, Fundão, Castelo Branco e Vila Velha de Ródão. Evidentemente que os outros vão às estações mais próximas, como por exemplo Penamacor, que deu nome a uma estação a vinte quilómetros de distância...

Ora enquanto a C.P. cobra ao Estado largas somas para manter um serviço mau e caro, a camionagem paga ao mesmo

Estado largas somas para fazer, em más estradas, carreiras de carga e passageiros por preços mais baixos. Isto dizemos sem receio de desmentido e com a independência que nos dá o facto de não estarmos de perto ou longe ligados a quaisquer interesses — a não ser os do público.

Por exemplo: por quilómetro-passageiro entre Castelo Branco e Covilhã, sobre uma linha que o Estado subsidiou, paga o público \$40 em 2.ª classe e \$50 em 1.ª. Em autocarro, a mesma distância custa \$53. Simplesmente porque a concessionária tem de pagar o aluguer da estrada à C.P. à custa, evidentemente, do preço do quilómetro-autocarro.

Outro exemplo: na carreira Fundão-Barroca, por estradas de partir molas, o custo passageiro-quilómetro é de \$67 e aqui contam, evidentemente, as contribuições ao Estado, que não são pequenas.

Há ainda quem entenda que vale a pena sacrificar a estrada

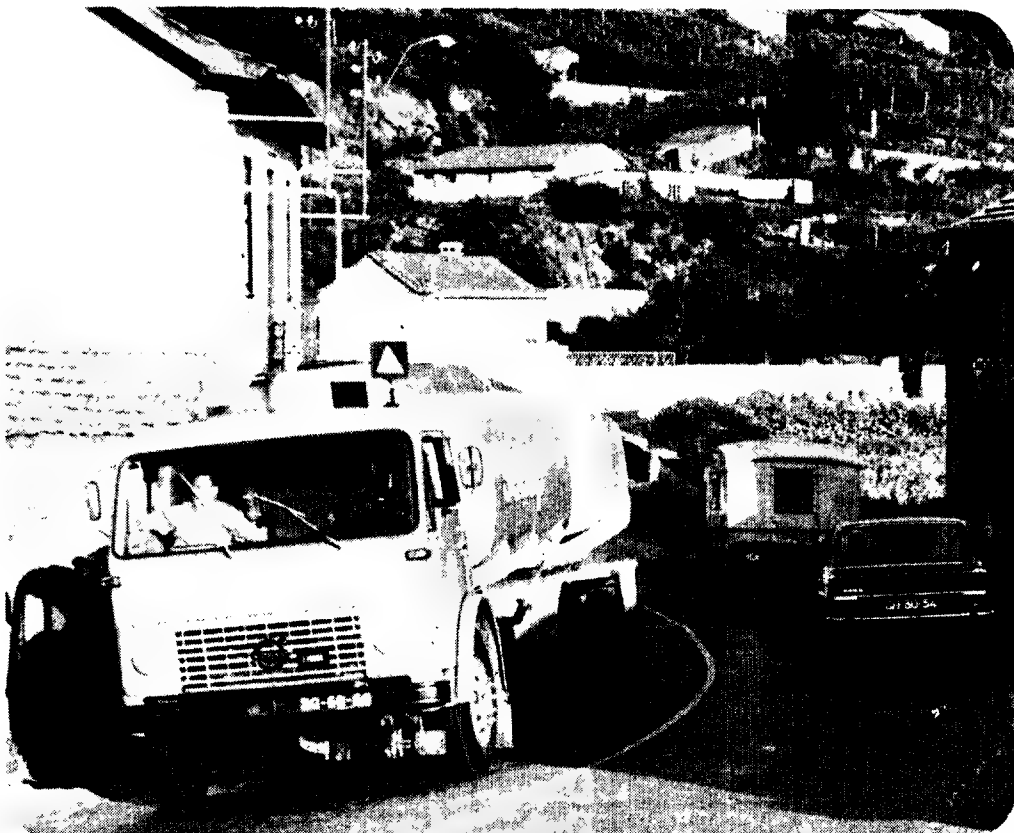
— adiar a sua reconstrução, a criação de bons transportes viários — em favor de um caminho-de-ferro que inexoravelmente ruirá?

Não. Adiar não é resolver. E adiar, neste caso, é condenar-nos à estagnação.

Sem deixarmos de considerar oportunos comentários como os que ficam transcritos, sempre diremos que, melhor do que avaliar as vantagens e inconvenientes das vias férreas e das estradas, será indispensável caminhar para a modernização das vias de comunicação com as zonas menos desenvolvidas, como uma das bases do desenvolvimento harmónico do País.

Investir a médio e longo prazo no interior é tão importante que nos atrevemos a sugerir que talvez as vias de comunicação já existentes e a construir sejam todas precisas.

Não é verdade que até a navegabilidade de rios como o Douro está a ser encarada seriamente?



ao acaso da rua

QUE PENSA DAS COOPERATIVAS?

O consumo e a produção são os campos mais comuns onde o sistema cooperativo se aplica entre nós, de norte a sul do país. Mas nem mesmo as cooperativas mais populares, de consumo, conseguem atrair as atenções do público no sentido de lhe tomar um curto espaço que seja no seu enorme saco de ideias gerais. Foi, pelo menos esta a ideia com que «MR» ficou quando foi por aí, rua fora, perguntando ao público-consumidor o que pensava sobre essa forma de agremiação. A esmagadora maioria das pessoas abordadas não tinha qualquer opinião formada por «não ter ideia do que isso era». Mas alguns tinham ideia e assim se foi sabendo:

«SÃO ÚTEIS»

ANTÓNIO LOPES GONÇALVES, empregado de escritório de 41 anos, tem simpatia pelo próprio «movimento cooperativista», considerando-o mesmo essencial para a agricultura.

«São úteis e necessárias, as cooperativas e de toda a conveniência para o público, em especial. Mas eu, concretamente, só sei da existência das cooperativas de consumo e produção; cultural nunca ouvi falar.»

«MAIS BARATO DOIS TOS-TOES»

MARIANA DA CONCEIÇÃO, de 40 anos, doméstica, vive no Alentejo e sendo o marido «troça» é na «cooperativa militar» que se abastece com alguma frequência.

«Mas a mim tanto se me dá, as coisas são mais baratas \$10, \$20; é muito pouco, sabe. Mesmo assim, para aqueles que aproveitam, sempre vou achando que estão bem.»

«PARA O BEM ESTAR DE TODOS»

«Sendo as cooperativas uma reunião de associados que se unem para o bem estar de todos os outros e para a discussão dos problemas», EDMUNDO ROCHA, enfermeiro de 48 anos, concorda com o sistema.

«Mas devia haver mais cooperativas de consumo e também maior interesse por isso, pois os géneros são mais baratos e, naquela que eu conheço, da Sociedade Estoril, até há algum convívio entre os sócios.»

«DE PERNAS PARA O AR»

«Olhe, quanto a mim está tudo de pernas para o ar. Quero dizer, nas nossas cooperativas as direcções são impostas aos associados quando deviam

ser eles a escolher a direcção. Veja-se o exemplo da Ucal e o resultado — diz-nos um médico veterinário, de 57 anos, que preferiu manter-se anónimo.

«No entanto, acrescenta, o princípio, está certo. O método é que está todo falseado. Eu por mim posso falar pois não pertenço a nenhuma.»

«PREJUDICAM O COMÉRCIO»

MARIA LUCÍLIA, de 27 anos, comerciante, embora ache igualmente que o princípio está certo, discorda terminantemente com a existência das cooperativas.

«Prejudicam muito o comércio. Refiro-me às de consumo, que as outras não sei. Os empregados dessas grandes companhias, como a CUF, a CRGE, a TAP, que são da ordem dos milhares quase não se abastecem noutro sítio, nos estabelecimentos normais. A mim, concretamente não me interessa e mesmo que tivesse acesso a alguma não a utilizaria.»

«SE ESTIVEREM ORGANIZADAS»

«Só conheço cooperativas de consumo, pois o que é preciso é comer todos os

dias, — diz-nos a sr.ª ARMÊNIA, doméstica, de 44 anos, com o riso nos olhos. «Talvez ache bem que existem, sim senhora. As coisas são mais em conta se estiverem bem organizadas. Conheço a Manu-tensão Militar, e é tudo.»

«AJUDA A PRODUÇÃO»

ABÍLIO DE ANDRADE, de 56 anos, comerciante, motorista e proprietário, tem uma grande simpatia pelo sistema cooperativo.

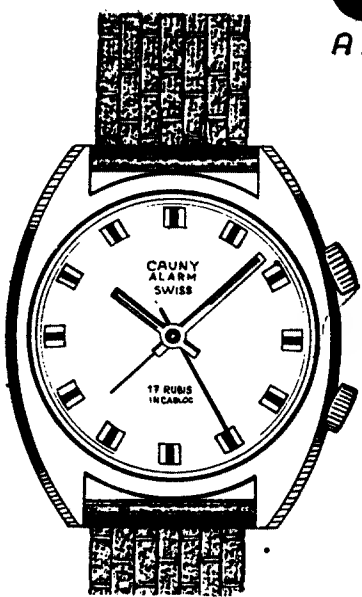
«Grande ajuda para a produção e boa defesa para o público. Claro que estou a falar das que vendem directamente aos sócios. Embora não seja sócio de nenhuma, conheço bem a cooperativa Almadense que além de ser de consumo também tem um carácter cultural, pois até lá leva filmes.»

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

O RELOGIO DESPERTADOR

CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA



Mudança de data ultra-rápida

EXIJA A MARCA CAUNY
GRAVADA NA COROA
E NA PARTE EXTERIOR
DA CAIXA

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA



SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.ª, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos. Rendimento assegurado.

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso

DL

Nome

Morada

Telefone:

**A SEDES
lança um
projecto
de reflexão**

TRICOPOR

**MALHAS
da MODA**



DISTRIBUIDORES

Norte e Ultramar

MANUEL A. NEVES
R. Guilherme Gomes
Fernandes, 53-1º Dº
Telef. 22047 - PORTO

Sul e Ilhas

A. PEDRO GOMES
R. dos Anjos, 56-1º
Telef. 46057
LISBOA

**DO DESCANSO ESPECIAL
DO PESSOAL DA**

Dardo

BENEFICIA VOCÊ

Nós, pessoal da Dardo, descansamos 2.ª-feira de manhã, durante o Verão. Se V. quiser colaborar connosco, venha no Sábado, até às 19 horas, «castigar-nos» com as suas reclamações e as suas compras.

**PROMETEMOS
REDOBRADA ATENÇÃO**

Admire a nossa espectacular gama de frigoríficos e os nossos preços verdadeiramente sensacionais. Há muito que «abolimos» as fronteiras nos nossos preços: estão ao nível da Comunidade Europeia. Por favor autorize-nos que nesta campanha não ofereçamos nem brindes nem viagens. Simplesmente:

PREÇO JUSTO E QUALIDADE

Lojas Dardo: Avenida da Liberdade, 131
Avenida Almirante Reis, 124-B
Rua de S. Bento, 53 a 57
Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1.ª de Maio, 146-A
Rua Gonçalves Crespo, 26-A

PORTUGAL:

O PAÍS O PAÍS

A necessidade de transformações urgentes e a dinamização da vida social e política em Portugal, são apontadas num documento que a Sedes, Associação para o Desenvolvimento Económico e Social, acaba de tornar público. A referida associação afirma pretender «propor uma mais ampla reflexão» sobre os problemas do País, concluindo que «a alternativa não pode ser mais entre a estagnação ou a mudança, entre a conservação do passado ou a construção do futuro. A mudança será necessariamente traço comum de qualquer alternativa».

Afirma-se no citado projecto de reflexão:

«A recente eleição presidencial é a muitos títulos significativa do estilo de vida que corremos o risco de nos propormos como nação para os próximos anos.

A escolha do Chefe do Estado origina normalmente em todos os países um período de reflexão ampla. E ocasião, portanto, de fazer o ponto sobre o passado e o presente, de alinhar coordenadas quanto ao futuro que se deseja.

Apesar de tudo, também entre nós assim terá sucedido em maior ou menor escala.

A que conclusões teremos chegado pelo País fora? Onde estaremos e como estaremos em 1980?

Não é alíás a previsão mais ou menos exacta que nos pode interessar. Não nos interessa ser espectadores, mesmo que muito atentos, do nosso próprio futuro. Importa-nos sim construí-lo activamente. Tomar nas nossas mãos os problemas que sofremos e os recursos que são nossos, reflectir e deliberar sobre o futuro que desejamos, organizarmo-nos para conseguir a sua construção.

PROBLEMAS QUE SE AGRAVAM SEM SOLUÇÃO

A incapacidade que ao longo do último decénio revelámos para resolver os próprios problemas, para construir um futuro à medida das nossas aspirações, foi reconhecidamente notória.

Desde 1960, abandonaram a Metrópole um milhão e cem mil portugueses. Mais pobres ficamos enquanto um quinto da nossa população activa foi ajudar a produzir os empresários de França e Alemanha, dos Estados Unidos ou do Canadá. Não teremos possibilidade de resposta a este desafio ou nem sequer a procurarmos? Seremos verdadeiramente incapazes de criar entre nós condições de vida e oportunidades de trabalho que dispensem tão grande número de procurar no estrangeiro um futuro melhor?

Ano após ano, desde 1965, se tem desencadeado entre nós um crescente processo inflacionista. A resposta não poderá ser mais a que assegurou anos de estabilidade monetária: só um equilíbrio dinâmico a permitirá agora. As rendas de casa, os preços da carne, do peixe, dos legumes, das frutas... de todos os alimentos de procura em crescimento — aumentam desde então a ritmo sempre mais acelerado, consequência da incapacidade para fazer com que a oferta acompanhe as modestas recuperações que se têm verifi-

cado nos consumos. Mas não era desde há anos insistentemente apontada a escassez do mercado nacional como primeiro estrangulamento ao nosso desenvolvimento? Não era também previsível e desejada a melhoria dos consumos perante as carências alimentares e habitacionais tantas vezes detectadas no contexto europeu?

Ano a ano nos viemos aproximando inevitavelmente da integração na Europa. Países de mais de 50 milhões de habitantes concluíram, entretanto, que constituiria suicídio económico o manterem-se isolados. Aproximou-se do seu termo a experiência EFTA e impôs-se com total evidência a necessidade de associação ao Mercado Comum.

Porque não se desencadeou então no País um esforço eficaz para rever as nossas estruturas económicas e métodos de trabalho, e criar aos nossos empresários condições para entrarem com maiores possibilidades de sobrevivência na concorrência mais violenta que se aproxima? Porque não aproveitámos seriamente os derradeiros anos de protecção e preferimos alimentar especulações vazias de sentido sobre hipotéticas alternativas, enquanto outros países desenvolvem quanto está em sua mão para alargar o comércio simultaneamente em todos os continentes?

Desde quando se depara com o sacrifício constante da nossa agricultura? De há quando os primeiros sintomas de desagregação das economias regionais?

Já em Dezembro de 1960 se confirmava o retrocesso da maior parte das nossas províncias do Continente e Ilhas.

Incapazes de lhes criar uma base económica suficiente, assistimos ao ininterrupto despovoamento de concelhos e distritos. Mas também esta evolução era de há muito previsível, conhecida a dependência de mais de 75 por cento da sua população em relação a uma agricultura a que o futuro se fechava. E bastava até atender aos esforços realizados por toda a Europa para criar novas cidades industriais nas regiões deprimidas e, de forma tão clara, mesmo na vizinha Espanha desde 1958.

Com regularidade também se tem processado desde 1961 a deterioração da administração pública.

Estruturas desactualizadas, desfazamento crescente das re-

munerações do funcionalismo, regalias sociais inferiores às que se impõe sejam concedidas pelo sector privado. Mas que Governo poderá governar sem um sector público prestigiado, moralizado, actualizado e eficaz? Que imprevisíveis consequências económicas, sociais e políticas, resultarão da sua subversão? Como será possível na sua ausência assegurar os radicais progressos económicos e sociais que todos sentimos inadiáveis?

Num território economicamente em regressão, constituem excepções a aglomeração do Porto e muito em especial a de Lisboa. Desde 1960, esta última aumentou de 300 mil pessoas; construíram-se dezenas de milhares de novas habitações: oportunidade de renovação urbana que poderia ter criado novos padrões de vida e de convívio social. Infelizmente o panorama é bem outro. Mantiveram-se as carências sub-urbanas, não se planeou e construiu para os transportes e trânsito contemporâneos, adoptaram-se monstruosas soluções urbanísticas em todos os arredores — consequência administrativa e especulação fundiária desenfreada —, poluiu-se o estuário do Tejo e as praias vizinhas, aviltou-se um raro potencial natural e turístico em toda a margem sul.

Porque se mantiveram municípios compartimentados, porque não existe ainda um plano director, porque falta uma disciplina social de política dos solos, não se previu para o conjunto a necessidade de vias de comunicação e espaços verdes?

Porque não se impõem padrões mínimos de qualidade urbanística?

Como é possível adiar a realização de esquemas habitacionais suficientes para grandes camadas da população?

Serão necessários outros exemplos da insuficiente capacidade realizadora, da não solução de problemas graves e unanimemente como tal reconhecidos, da incapacidade para criar uma economia e uma sociedade à medida do futuro e das nossas necessidades e aspirações?

Ninguém terá dificuldade em acrescentar nova lista de questões urgentes, que comprometem seriamente a vida nacional, de que muito se tem falado e continuam ano após ano a esperar solução suficiente. Quem considerará satisfatória a situa-

ção nas nossas principais universidades, nos hospitais centrais e sub-regionais, dos mecanismos de apoio às pequenas e médias empresas, do sistema bancário e de financiamento do investimento, de modernização e equipamento dos centros rurais, de estímulo e actualização de vastos sectores produtivos — a agricultura, a pesca, o comércio retalhista, as próprias empresas do Estado e de economia mista — de dinamização e descentralização das autarquias locais...

NECESSIDADE DE TRANSFORMAÇÕES URGENTES

Tudo isto problemas em relação aos quais se verifica já generalizada convicção da necessidade de transformações urgentes.

Não será então exagero falar da necessidade objectiva e da vontade nacional de resolver mais eficazmente as dificuldades que se deparam ao progresso.

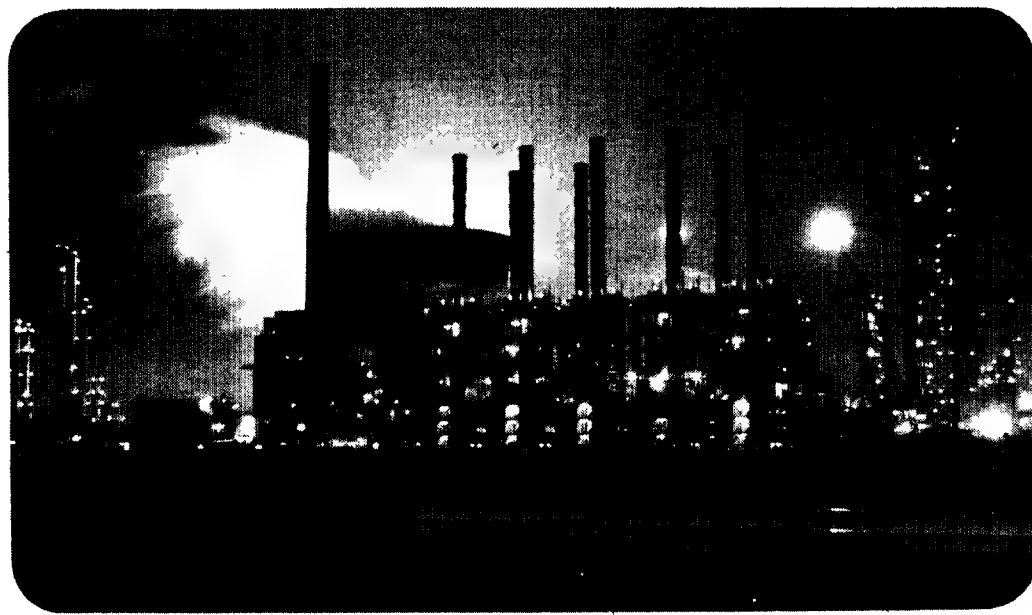
Olhando para trás, para o nosso passado recente, não restam dúvidas de que não só não solucionámos os problemas existentes em 1960 como assistimos mesmo ao agravamento da situação em diversos domínios fundamentais.

Mas teria sido possível obter melhores resultados?

Teria sido possível caminhar mais eficazmente na construção de uma sociedade à medida das necessidades reais? Certamente que sim. Impõe-se uma clara resposta positiva porque muito imperfeitamente foram aproveitadas, quando o foram, as nossas potencialidades de progresso.

O sentimento que nos domina quando olhamos para o último decénio não é o de batalhas que se lutaram e se perderam na frente do desenvolvimento económico e social e da justiça social. Fica-nos mais a frustração pelos combates urgentes cuja necessidade foi interminavelmente discutida, de trabalhos e acções cuja importância foi escamoteada, de decisões que foram remendadas ou arquivadas e de objectivos recusados ou que não chegaram a ser formulados com clareza.

Domina-nos um sentimento de difundido mal estar, feito de falta de clareza na análise das questões e na definição dos objectivos, de falta de participação na escolha das opções e na sua realização. Domina-nos a passi-



QUE SOMOS QUE QUEREMOS SER

vidade, a resignação, o alheamento de meros espectadores da nossa própria vida: cansados de espectáculos há muito repetidos e ainda tornados a repetir.

Muito longe ficámos dos resultados que poderíamos ter atingido na luta pelo progresso dos portugueses e de Portugal.

RECURSOS NÃO APROVEITADOS

Não é certamente por falta de recursos nem de capacidade técnica que não avançamos mais depressa e mais harmonicamente. Entre nós, ao contrário do que sucede na genaridade dos países em vias de desenvolvimento, não se defronta felizmente com limitações de recursos financeiros.

Não é aliás a carência de recursos naturais que impede qualquer nação de se desenvolver quando existe uma vontade real de o conseguir. As experiências ainda recentes de tantos pequenos países, mesmo na Europa, provam com clareza o nível de crescimento técnico e económico que se pode atingir patindo de tão escassas bases naturais.

Mas acontece até que **são amplos os recursos naturais não aproveitados.** Basta atentar na deficiente ordenamento agrícola e florestal que mantemos e nas baixas produtividades conseguidas na grande parte dos nossos solos de sequeiro e de regadio; no fraco grau de transformação dos mármore e minérios que exportamos, nos importantes jazigos mineiros sem utilização na ausência de qualquer prospecção petrolífera séria; na descoordenação do equipamento turístico ou no fraco aproveitamento da nossa posição geográfica pelo sector industrial e de serviços.

São também abundantes os recursos financeiros não votados ao desenvolvimento; reconhecidamente não esgotada a capacidade de poupança interna; imperfeitamente orientadas as remessas dos emigrantes em prejuízo próprio, das suas regiões e do país em geral; insuficientemente canalizada para o mercado financeiro e de títulos e para o investimento produtivo o excesso de liquidez do mercado monetário; má protecção efectiva dos direitos das minorias e ausência de uma política de acesso generalizada à propriedade; acumulação no estrangeiro de importantes haveres de residentes nacionais; desequilibrada carga e manifesta evasão fiscal; capacidade não aproveitada de recurso ao crédito por parte do sector público e, em relação ao exterior, da economia no seu conjunto; acumulação ao longo do decénio, de reservas cambiais de invulgar volume.

Não serão igualmente os entraves de ordem técnica que podem explicar o ritmo insatisfatório de evolução e o agravamento dos problemas, ao menos no último decénio.

Em relação a inúmeras questões sectoriais e globais foram sucessivamente arquivadas sugestões e propostas. Projectos, relatórios, conclusões de grupos de trabalho e comissões acumularam-se regularmente em diversos domínios, por incapacidade ou manifesta relutância de encarar de frente problemas graves e urgentes.

A experiência dos diversos Planos de Fomento constitui ex-

periência inítil. Em relação a muitos destes o conhecimento dos diagnósticos e das próprias soluções ultrapassou mesmo os círculos de competência técnica.

Quantas vezes em congressos, ao longo de anos em mesas-redondas, até nos órgãos de grande informação se analisaram e propuseram acções para os principais problemas que hoje defrontamos?

FRACA PRIORIDADE POLÍTICA DO DESENVOLVIMENTO

O que na realidade, tem falta é a capacidade de organização e de direcção; a capacidade de organizar e lançar novos empreendimentos produtivos, — de programar e realizar a construção dos equipamentos colectivos, sociais e de infra-estruturas — de assegurar nos variados domínios o ritmo indispensável de criatividade e progresso e, até, a simples capacidade de dirigir eficazmente a administração corrente dos serviços públicos e de tantas empresas.

Mas mesmo esta carência de dirigentes se poderia suprir, formando-os em tempo — e não estamos a falar de problemas de poucos meses mas de muitos anos — ou obtendo o concurso de especialistas de outros países.

Uma vontade de progresso suficientemente forte teria, sabido criar as condições para uma resposta actualizada aos problemas do presente, como em tantas outras épocas da nossa história, ao longo da primeira dinastia, como na preparação das descobertas e várias vezes nos últimos séculos.

Em última análise o verdadeiro entrave só poderá atribuir-se à baixa prioridade política que o desenvolvimento económico e social tem tido no nosso país. Em contraste, observa-se a excessiva polarização pelo problema ultramarino e a sobrevalorização da estabilidade, sistematicamente apresentadas como preocupações que devem monopolizar a atenção e energia criadora dos portugueses.

Mas que reflexão serena poderá aceitar que o futuro nacional não dependa de profundas e urgentes transformações da nossa vida económica, social e política — verdadeira condição da nossa sobrevivência?

Só outras razões que não o interesse nacional podem sugerir qualquer alternativa que dispense a necessidade de rápido progresso da metrópole. Em que quadros mentais se alicerça o desleixo pela resolução dos problemas que se acumulam no último decénio? Em rigor a sua resolução é mesmo condição indispensável de qualquer futuro equilibrado e harmónico que queiramos assegurar.

O futuro não se constroi, no entanto, pela simples aceitação passiva da lógica de progresso e desenvolvimento. Torna-se necessário, pelo contrário, uma maior capacidade de mobilizar a imaginação e a vontade do nosso povo, o que exige à partida opções e programas definidos com clareza e apresentados com coragem ao país.

Meias palavras e compromissos desmobilizadores só provocarão um crescente atolamento de descrédito e ineficácia.

Mal se percebe como pode resistir entre nós o provincianismo que alimenta impróprio ex-

cesso de confiança; o de que poderíamos construir com uma mão atrás das costas realidades que outros povos só têm conseguido pelo empenhamento de todas as suas forças e corajosa escolha dos caminhos a seguir. Também o nosso país não pode construir o progresso com uma mão enquanto com a outra procura conservar estruturas sociais e formas de produção ultrapassadas, que todos sabem só podem manter-se à custa de subsídios e entraves postos à modernização geral.

A verdadeira coragem não está hoje — como nunca esteve na vida das nações — em adiar as opções e mumificar a nossa história de séculos passados. Está sim em definir com nitidez o futuro nacional, traduzi-lo em programas claros, reunir as forças necessárias à sua construção e vencer as resistências que se lhe deparem.

NECESSIDADE DE MUDANÇAS RADICAIS

Temos que mudar radicalmente o nosso estilo de vida económico, social e político. Eliminar estruturas e métodos que permitem que haja problemas que não se revelam, soluções que não se discutem, acções que não se controlam, resultados que não se julgam.

Passa pela eliminação de proteccionismos e privilégios e pela aceitação de critérios de mérito e competência na tomada de decisões. Implica acima de tudo e em cada situação a audiência directa dos próprios interessados e a sua participação activa no funcionamento das instituições.

Não é aceitável um equilíbrio nacional baseado na anemia geral, na repressão e no enfraquecimento dos diversos participantes. Queremos sim um equilíbrio capaz de assegurar o lugar a que os portugueses e o país tem direito no mundo de hoje.

Um equilíbrio que resulte do vigor e da responsabilidade crescente dos participantes. De condições que assegurem a cada um oportunidades de pleno rendimento das suas potencialidades de inteligência e acção, e ao conjunto possibilidades de convívio activo, de cooperação voluntária, de convergência de esforços.

Uma capacidade de progresso, à medida de um futuro autenticamente nosso e não reflexo do crescimento alheio, envolve profundas alterações na nossa prática enraizada. Envolve a compreensão de que não é a lentidão nas soluções e o disfarce da gravidade dos problemas que permitem o equilíbrio, mas sim a sua resolução em tempo e com a profundidade exigida pelas circunstâncias.

Implica também o abandono da ilusão de que é possível compartilhar a sociedade: pretender fazer política de progresso em algum ou alguns sectores e política de conservadorismo nos restantes; desejar colaboração leal e activa, e cooperação nas tarefas colectivas nuns domínios e alimentar desconfianças e controlos paternalistas nos restantes.

CONDIÇÕES DE DESBLOQUEAMENTO

Necessitamos de condições objectivas que permitam ao país

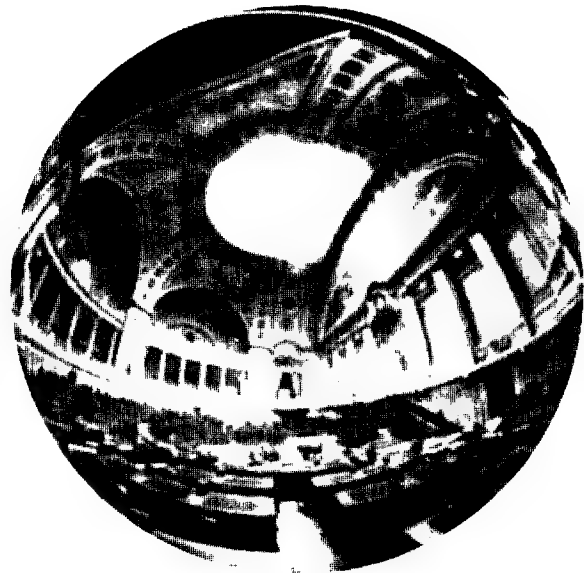
o desenvolvimento que queremos construir. Condições mínimas que garantam simultaneamente a dinamização das forças criadoras dos diversos sectores e a sua convergência em ordem ao trabalho comum: dinamização da vida económica, da vida sindical e associativa, um poder público actuante e participativo, informação autêntica, respeito dos direitos fundamentais, igualização de oportunidades.

A **dinamização da vida económica,** implica a actualização permanente das estruturas produtivas, unidades de produção aptas a viver no contexto internacional, e a manter ritmos suficientes de progresso técnico, capazes de assegurar duradouramente criação de novos empregos qualificados e de recursos em que assentem os equipamentos e consumos colectivos.

Mas implica também a criação activa de condições de generalização do avanço técnico e económico: o estímulo das pequenas e médias empresas, a promoção de investimento por parte do Estado, uma política coerente de incentivos e orientação fiscal, de democratização da propriedade, apoio à intervenção activa e à participação de mais amplas camadas na actividade empresarial e na vida económica.

A **dinamização do sindicalismo e associativismo de base** é condição e garantia dum equilíbrio dinâmico. Só o fortalecimento do sindicalismo e associativismo dos trabalhadores pode permitir a participação destes na construção do futuro nacional e assegurar que o crescimento económico não se traduza em desequilíbrios da repartição do rendimento, em proletarianização generalizada, no desenvolvimento de inaceitáveis contradições sociais. Só a difusão e vitalidade do associativismo de base pode assegurar a dinamização da vida regional e cultural, condição de convívio amplo de promoção real e actualizada.

Um poder público capaz de



Sala
das sessões
da Assembleia
Nacional

promover a criação colectiva das regras de desenvolvimento económico, social e político, de assegurar o respeito do seu cumprimento, de garantir o exercício dos indispensáveis mecanismos de correctivos.

Um Estado participado, que assegure a intervenção dos cidadãos no controle dos negócios públicos, pela institucionalização de condições de efectivo exercício do pluralismo político, pela descentralização da administração, pelo alargamento das oportunidades de intervenção da população na escolha dos responsáveis e na apreciação da qualidade da sua actuação, tanto a nível nacional, como regional e local.

Um Estado que assegure aos seus servidores condições dignificantes de remuneração e de exercício das suas funções, de equiparação ao sector privado nas garantias económicas e sociais de organização eficaz e actualizada, de reconhecida moralização geral.

Sem uma informação ampla, pluralista e autêntica, que permita o conhecimento generalizado e exacto dos problemas, o amplo debate sobre as soluções e seus limites, o rápido acompanhamento e controle das transformações, só poderá conseguir-se a adesão passiva a medidas já tomadas ou a alienação progressiva em entretenimentos e falsos desafios. Sem eliminar dos grandes meios de comunicação o monolitismo ideológico, os entraves e controlos, a subordinação a critérios e interesses minoritários não se conseguirá nunca informação responsável e dinamizadora.

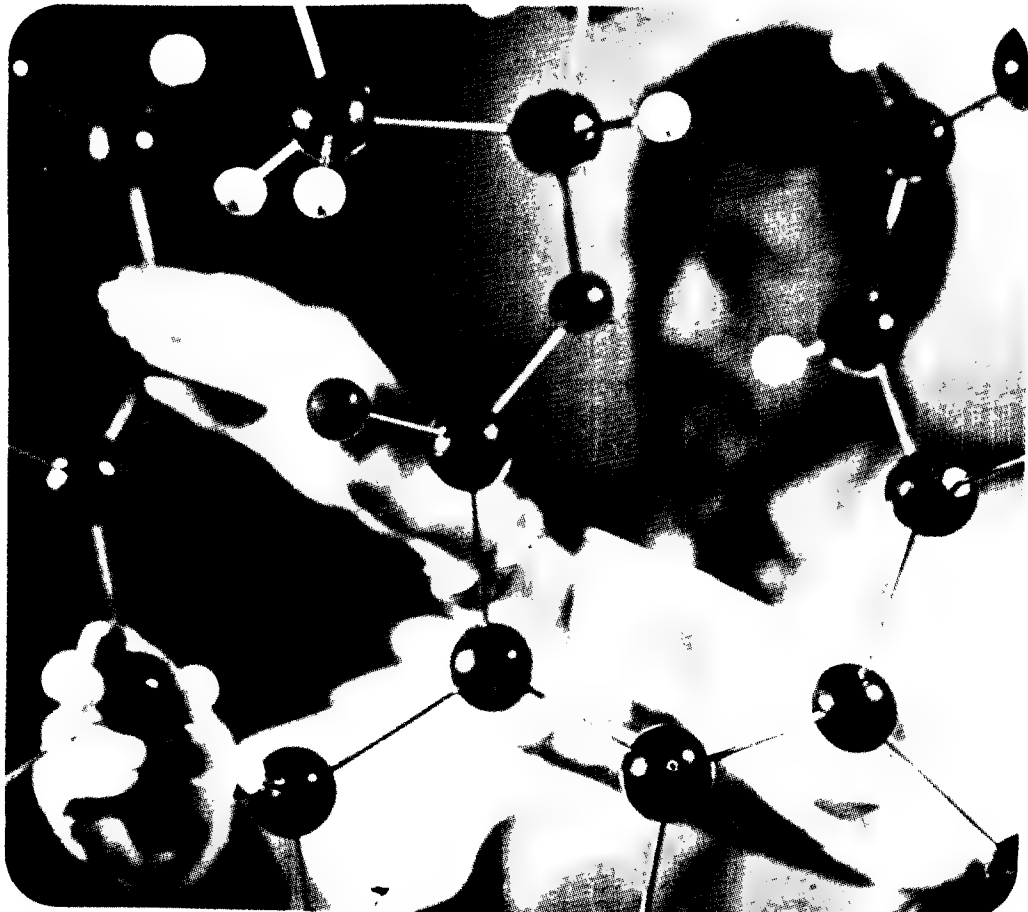
A garantia do exercício efectivo dos direitos fundamentais, designadamente, de liberdade de expressão, de reunião e de

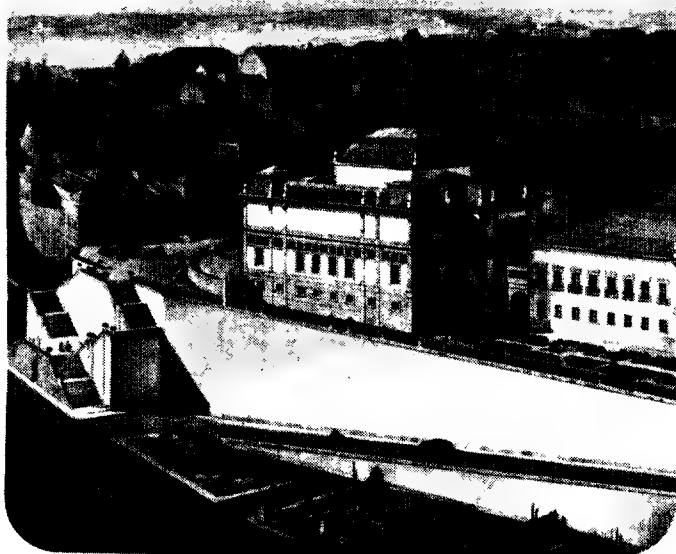
associação, condição da própria realização das pessoas, é essencial à inovação e ao progresso social. Na ausência ou limitação a capacidade de equacionar os problemas com a crença das suas verdadeiras implicações, de analisar todas as alternativas e de lutar pelas autênticas soluções, encontra-se comprometida nas suas bases. Suprime-se a criatividade, a capacidade de juízo independente e a liberdade na descoberta e construção do futuro.

A cooperação generalizada e voluntária nas tarefas nacionais não é possível sem um esforço decidido que se traduza por resultados visíveis na eliminação das carências extremas e na redução rápida das desigualdades.

Passa pela seriedade e eficácia das políticas que visam a igualização das oportunidades reais de toda a população: emprego, rendimentos, habitação, ensino, segurança social, etc.. A construção de um desenvolvimento coerente impõe a criação urgente de condições de vida suficientes — por razões morais e por razões económicas, por razões de autêntica viabilidade nacional e por imperativo da justiça.

Não é aceitável que se pretenda aplicar ao país de hoje os esquemas concebidos para outras épocas e outras realidades económicas e sociais. Torna-se necessária a adopção de formas de organização e gestão pública e privada que garantam condições de trabalho, níveis de produtividade e de rendimento semelhantes aos que outros países já alcançaram; a substituição de esquemas de enquadramento hierárquico e passivo por formas de participação activa e livre cooperação.





Depoimento de JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Há falta de coleccionadores

O problema posto neste encontro de especialistas pode ser estudado dentro de uma perspectiva estética ou dentro de uma perspectiva sociológica. Na realidade (na realidade movente dos fenómenos artísticos), ele deve ser estudado dentro de ambas as perspectivas. Estudado ou melhor dizendo, abordado, pois no tempo que cada um de nós aqui dispõe não cabe, evidentemente o estudo que importa fazer. Ou melhor dizendo também, que importaria já ter sido feito...

E não é de um problema mas de uma série de problemas que se trata, série definida por vários caminhos de inquérito e a vários níveis de prioridade. Isso implica que o estudo só possa ser levado a efeito num processo de pesquisa através dum trabalho de equipa devidamente programado e competentemente dirigido. Por enquanto, e lidando com os dados ocasionais de que podemos dispor (mesmo que tenhamos ficheiros pessoais e que a tais problemas venhamos prestando atenção especial, há mais ou menos anos), apenas nos será lícito tentar uma abordagem, assinalando alguns pontos de desmembrar e traçando um itinerário. E lícito nos será também descrever o ambiente no qual infelizmente se põe a série de problemas em questão.

Lícito mas algo plagiário na medida em que, fazendo-o, acabaremos por repetir quanto escreveu por exemplo Ramalho Ortigão, navegando ele e nós no mar morto de idêntica gouvaniagem, a quase cem anos de distância... E desde já sabemos que havemos de terminar com a boca amargada por um grito que, exactamente há cento e cinquenta anos, Machado de Castro lançou: «Em Portugal, um astro maligno persegue as Belas Artes».

Antes, porém, vejamos o que acontece, e como, e porquê.

O que acontece no plano da produção como no plano do consumo — que ambos são solidários e só por abstracção de má e antiquada historiografia da arte nos ocupamos do primeiro sem nos ocuparmos do segundo. Tal como só por mau entendimento dos princípios da sociologia da arte nos debruçamos sobre o segundo, sem querermos saber do primeiro. Em Portugal, como em toda a parte, cria-se arte e aprecia-se arte: produz-se e consome-se. A medida em que uma e outra coisa se faz ou não faz é que tem de nos interessar e essa



medida é relativa á sociedade portuguesa a um ciclo de cultura ocidental pela qual a vida dessa sociedade tem que ser aferida. Seria (ou é) gravíssimo erro pensar estes (e outros) problemas em termos isolacionistas, termos absolutos — que se tornam inevitavelmente absolutistas, num normal processo ideológico.

Importa então saber em que condições se produz, com que consciência poética e com que finalidade estética. Por que meios e para que fins. Importa investigar as relações entre as condições materiais (que são também e sempre condições morais e portanto políticas — é do a-b-c da sociologia) e as possibilidades criativas, entre a capacidade de entendimento do espectador (e o seu poder de compra) e a continuidade da

produção entre a ambientação cultural, a dimensão informativa, e o nível do consumo — etc., etc.

Importa, em suma, equacionar uma rede apertada de problemas que seja legível em várias direcções e de cuja leitura resulte um conhecimento global do fenómeno artístico, aqui e agora. Que é, aliás, a única maneira que temos de conhecimento concreto, aplicável, depois, a épocas transactas num processo historiográfico que na actualidade tem que se definir habilitar e justificar.

Esta, é de resto, uma questão importante que, sem ter uma boa resposta teórica e prática, impede a constituição de uma vivência cultural no domínio das artes visuais. Saber ser historiador da arte, com uma mentalidade tradicional de arqueólogo, é a primeira das condições internas para, nos dias de hoje, haver história da arte.

A crítica e a história se reúnem então, numa mesma dinâmica cultural, fornecendo um instrumento de mediação entre o artista e o público — e assim se termina o desenho do triângulo produção-informação-consumo. Triângulo que pode supor-se servir de base a um edifício museológico que ao mesmo tempo promova ou exerte a produção (através de oficinas e laboratórios e curso) compre ou financie, e crie intermediários, sendo ele próprio um

QUE RUMO LEVAM AS ARTES

Inquérito dirigido por URB

A arte industrializada, o design, a arte pop, a arte op (já em 1958 se discutia a interrelação das artes e dos mass media) tiveram nos anos 60 um grande impacto entre nós.

A imagética erótica ressurgiu na neo-figuração britânica como opção estética contra as ideias adquiridas. O abstraccionismo sofria os primeiros grandes assaltos. E veio Maio 68 e a contestação radical da arte de consumo. A negação do quadro. Mas depois ressurgiram inesperadamente, aqui e além, discípulos de Leger e de Kandisky, Claes Olden-

burg e muitos outros (em 1964) haviam retomado as diligências de Burri.

Entre nós (e não esqueçamos que há bem pouco tempo se venderam por preços elevadíssimos todas as telas de uma exposição de Nadir Afonso) notava-se ainda um pronunciado marasmo no final da década de 60. Mas apareciam as propostas de Rodrigo, de Areal, de Nikias, de Artur Rosa, de Eduardo Nery, de Paula Rego, de Lourdes Castro, de tantos mais. Havia uma multidão de autênticos artistas com os olhos voltados para, o mundo: Pomar,

intermediário informativo e formativo (através de exposições, colóquios, publicações) entre o criador e o espectador. Acrescente-se apenas, que nos dias de hoje, museu sem esta tripla, função, museu não é, mas sítio burocrático de conservadores.

Escusado será dizer que também a função museológica tem de ser objecto de estudo, através dum inquérito rigoroso, e que igualmente a função do crítico e do historiador tem de constituir outro campo de pesquisa — entendendo-se bem que estudar tais funções implica estabelecer relações entre os diversos elementos em jogo no tabuleiro da vida artística. Trata-se de dois domínios que não podem ser ignorados ao preterir os problemas «das artes plásticas» — e trata-se sobretudo de os ligar á globalidade que se pretende conhecer.

A essa globalidade chamei agora mesmo **vida artística** e quero deter-me nesta expressão que imediatamente envolve o conceito dinâmico de um fazer-se contínuo dentro do circuito aberto que a obra de arte, objecto fundamental, perfaz.

Quero crer que os promotores deste encontro ao proferirem-nos o tema de «condições das artes plásticas» era em «vida artística» que pensavam — ou pelo menos, assim penso eu, não vendo interesse, nem sentido, em pensar de outro modo. A obra de arte não cai do céu aos trambulhões nem é produto de máquina alguma, mesmo social: é objecto de um e em um jogo complexo de situações sócio-culturais, relativamente consideráveis. Esse jogo é a vida — nesta disciplina de que nos entretemos aqui, ou em qualquer outra.

...Ora que vemos nós, á nossa volta, nessa **vida artística** que se põe em causa?

Vemos do lado da produção, uma «quarta geração» de artistas modernos que vem definindo-se ao longo dos anos 60, após a «terceira geração» do imediato pós-guerra. Uma definição difícil de captar na medida em que o corte entre ambas não foi polémico e antes de deva falar de passagem que o tempo explica.

Uma Lourdes Castro, um René Bertholo, um Escada, até um Joaquim Rodrigo, vieram da «terceira geração» para os quadros estéticos que competem á «quarta», a eles trazendo uma capacidade de realização que, salvo raras excepções, na sua própria geração se esgotara. Da «quarta» fazem porém parte, inteira e cronologicamente, Noronha da Costa, Nery, Ana Vieira, Helena Almeida, Palolo, e já dentro da sua cronologia se definiram as propostas de Paula Rego (surgida exactamente em 1961) e de Artur Rosa. A distinção entre estas duas gerações torna-se mais fácil se entendermos (tal como deve ser) o vector dinâmico da mais recente. Estou a falar de pintores (ou de «objectistas», com formação ou princípios de pintores) e não de escultores. Destes porém que dizer? A escultura portuguesa ficou completamente arruinada por uma prolongada «segunda geração» de modernos que, nos anos 30-40, se dedicaram á proveitosa feitura de uma estatua pública que o risível monumento dos descobrimentos como de propósito simboliza na sua curiosa realidade cronológica: feito em estafe de feira em 1940 e passado á pedra em 1960. A toda essa escultura, melhor será chamar, como tenho feito «eskultura», pondo-lhe na ortografia a espécie de «kapa» que, á mingua de outra coisa tem sido posta na iconografia...Obras meramente decorati-



vas, o mal não teria sido enorme, se outro tipo de obras mais nobres tivesse podido ao mesmo tempo nascer — mas o mal foi que por baixo ou detrás das capas e capotes nada havia. E esse nada projecta-se hoje ainda sobre o pouco que a geração seguinte pretendeu fazer. De arquitectura, porém, é possível traçar uma posição mais positiva, apesar dos Arieiros e da Cidade Universitária e de todos



ARTES VISUAIS EM PORTUGAL?

URBANO TAVARES RODRIGUES

Nadir, Hogan, Charrua, Calhau, Cutileiro, Palolo...

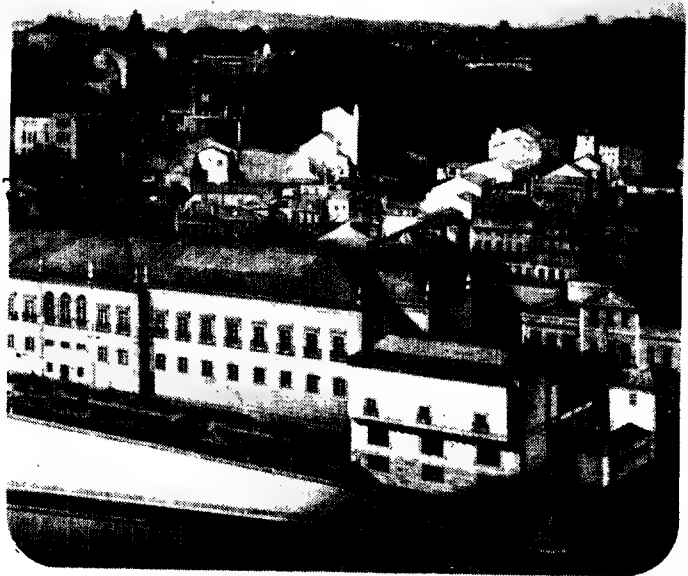
As galerias começavam a desempenhar um importante papel de estímulo, selecção — e venda.

E havia — e há — os críticos (oficiais, oficiosos, ou não) e os «amadores, os entendidos, os oficiais do ofício susceptíveis de se pronunciarem sob a conjuntura, sobre os condicionamentos, sobre as perspectivas das artes visuais (escultura e pintura e a arquitectura que as integra) no nosso País.

Ouvimos José Augusto França, Lima de Freitas, Rui

Mário Gonçalves, José Blanc de Portugal, Nuno Portas. Um debate?, uma mesa redonda?, uma recolha de depoimentos? Manterão estes textos a sua actualidade? Numa continuação desta sondagem tentaremos acrescentar estes testemunhos os de Fernando Pernes e de Ernesto de Sousa. Enfim, é apenas um contributo (que esperamos não tenha envelhecido muito) para a compreensão de problemas que estética, económica e socialmente nos respeitam.

Hoje publicaremos os pontos de vista de José Augusto França e Rui Mário Gonçalves. No próximo número seguir-se-ão os restantes.



Depoimento de
RUI MÁRIO GONÇALVES

Tem a sociedade portuguesa consciência da necessidade da arte?



Realização das artes plásticas em Portugal.

Antes de entrar propriamente no assunto que nos reúne hoje, quero que se repare que nenhum dos componentes da actual Secção Portuguesa da A. I. C. A. está aqui presente. Faço este reparo sem acrescentar qualquer comentário, deixando aos organizadores desta reunião a vez, que a eles pertence em primeira mão, de apresentar qualquer explicação.

Qualquer que seja o motivo, ele não deixará de constituir um índice a acrescentar àqueles que se poderão extrair da breve comunicação que aqui venho fazer. Baseia-se ela numa lembrança: a do Primeiro Encontro de Críticos de Arte Portugueses.

Como sabem, aí estiveram presentes quase todos os críticos portugueses e uma assistência numerosa encheu totalmente a sala. O tempo previsto nos horários das sessões teve que ser alargado em cada uma delas. Encontro verdadeiramente significativo.

Mas as ausências, não de críticos, mas de representantes de organismos com enorme responsabilidade pública, é que me importa sublinhar nesta reunião que pretende compreender a si-

lação dos objectos de arte perde relevância, se repararmos melhor como esse círculo é feito, se verificarmos, por exemplo, que raras vezes uma obra é adquirida por alguém, ou divulgada, devido aos seus problemas intrínsecos.

No Encontro dos Críticos, a S. N. B. A. e a Secção Portuguesa da AICA recusaram-se a colaborar: o S. N. I. nem sequer respondeu; a Fundação Gulbenkian esteve presente discretamente, mas decidindo previamente não prestar quaisquer declarações; o próprio Centro Nacional de Cultura limitou-se a emprestar a sala; raras vezes esteve presente algum jornalista da Imprensa diária a quem estão entregues as notícias — e até as crónicas — de artes plásticas; ausência também de professores do ensino superior, etc.

Nada disto foi surpresa para os críticos. Nada disto deve surpreender os artistas. Mas a realização do Encontro teve o mérito de o mostrar.

Acrescente-se a isto a análise nos nossos museus, dos programas das Escolas, das encomendas do Estado e particulares, etc.: Terá que se repisar sempre o mesmo — a sociedade portuguesa não tem consciência da necessidade da arte. Ou algo impede que tome consciência disso.

Espero que esta reunião nos ajude a fazer um diagnóstico a partir destes sintomas. Segundo Collingwood, sublinhado por Herbert Read, a Arte é aquilo que numa sociedade se opõe à corrupção da consciência.

Digo muitas vezes às pessoas que prezo nestes assuntos que, se fosse artista, dada a impossibilidade da arte exercer em Portugal a sua função social, eu acabaria por me dedicar à actividade crítica. Não é uma «blague». É que, considerando a arte como função, considerando que a arte tem componentes críticas, é a crítica, num sentido geral, que me interessa que seja exercida.

Em particular, penso que o afastamento, simplesmente como pessoas, dos críticos e dos artistas é já por si um índice que marca a incapacidade de organização dos protagonistas da cultura. Organização que considero muito necessária.

de uma problemática sócio-cultural moderna da arquitectura está a ter ou a poder ter, no desenvolvimento da própria expressão artística. É um fenómeno novo e positivo que corresponde a uma crítica de arte habitualmente mais atenta à pintura — e que também nos últimos anos (e só nos últimos anos) com uma consciência estética actual, usando conceitos modernos e uma linguagem apropriada, começou a ter acção positiva — do lado dos criadores...

E eis o problema da crítica de arte que se põe. Que influência tem ela junto do público consumidor cuja formação lhe cabe, em grande parte? Faço a pergunta, há mais de vinte anos que escrevo crítica — e não sei responder... Na verdade, faltando totalmente uma pesquisa nesse sentido, não pode medir-se a influência da crítica no espírito do público. Em Paris, onde mais profissionalmente do que cá me tem sido dado trabalhar neste domínio, essa importância é considerável: o público comprador (que é pequeno mas existe, e sobretudo o público comprador estrangeiro que a leitura das (revistas de arte informa) segue o crítico e, directamente ou por tabela, os «marchands» seguem-no também. Um bom artigo numa boa revista, pode desencadear um processo de venda. Chama-se a isto a função social do crítico — equilibrada entre uma acção de companheiro junto do artista e uma acção de conselheiro junto do público — ambas elas pedagógicas.

Mas é também verdade que os nossos quotidianos não dispõem de críticos de arte competentes, entregando a rubrica a jornalistas — não especializados — e que revistas de arte actual não há. E por aqui devo retomar o panorama começado do

lado dos artistas. Antes de o acabar na constatação da falta de coleccionadores, no seio duma burguesia ainda de teor «cabralista», cujos horizontes estéticos estão limitados pelo Pillement e pela Companhia das Índias; na constatação da falta dum mercado regular que assegure a vida económica dos artistas; na constatação dum público verdadeiramente interessado ou necessitado de arte, o que finalmente traduz uma incultura estética ancestral (leia-se Francisco de Holanda, por exemplo) — antes de fechar o circuito vejamos porém o que está no meio entre os produtores e os não-consumidores.

Não se trata aqui, neste Encontro de fazer o processo dos meios de cultura artística de que o País dispõe, e menos ainda de fazer uma crítica precisa às actividades de instituições públicas ou privadas: Estamos apenas apontando a situação existente. E ela mostra-se assim:

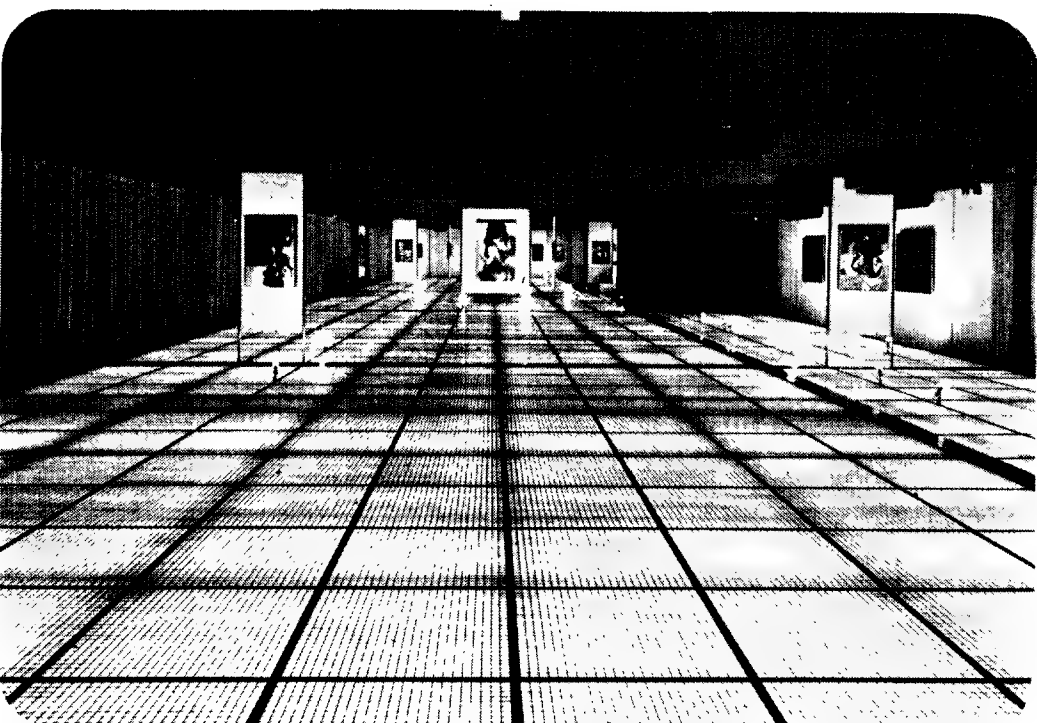
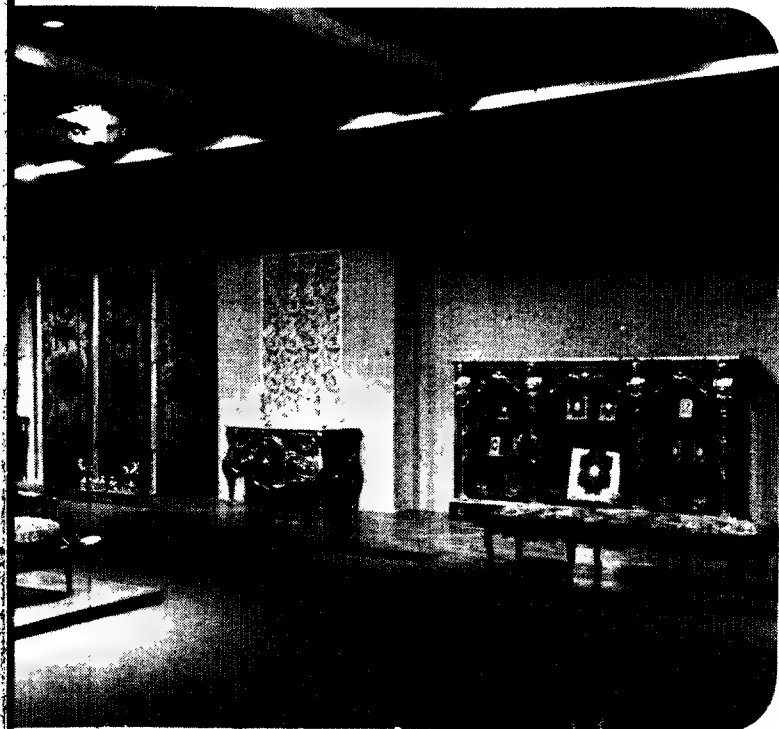
Os museus, desprovidos de verbas decentes, como armazéns adormecidos, sem exposições periódicas através das quais se problematiza a história da arte nacional, e eu receio bem que isso seja propositado: em Março deste ano, o Grupo dos Amigos do Museu de Arte Antiga e a própria direcção do Museu não obtiveram autorização oficial para ali realizarem, sob a minha direcção e com largo e generoso subsídio privado, uma grande exposição do retrato na pintura portuguesa! O Museu de Arte Contemporânea esteve paralisado, nos últimos oito anos, graças a uma direcção incompetente contra a qual em vão imediatamente protestaram mais de duzentos artistas e escritores contra este estado de coisas, eu posso porém afirmar ser

Continua na pag. 8



os Palácios de Justiça espalhados pelo País. Novos arquitectos, dentro de uma geração que me é mais difícil numerar, estão a problematizar o trabalho profissional numa nova situação e com novas exigências estéticas — para o que contribui uma crítica de arquitectura que é empresa recente de jovens de formação mais actual.

Quero sublinhar a importância que a crítica e a discussão





AS ARTES VISUAIS EM PORTUGAL

DEPOIMENTO DE JOSÉ AUGUSTO FRANÇA

Continuação da pag. 7

possível com um mínimo dispendio orçamental, organizar um razoável museu internacional de arte moderna e actual em Lisboa...

Mas continuemos a descrição mencionando ensino de artes visuais arcaico e arcaizante num processo oitocentista, que, com mínguos recursos só um «Curso de Formação Artística», criado há dois anos, pode compensar: o ensino da história da arte como parente pobre em cursos universitários que ignoram opções e aprofundamentos; o da estética inexistente. Bibliotecas, fototecas, filmotecas, arquivos inexistentes também o que, tudo isso, impede o desenvolvimento de estudos e de pesquisas historiográficas. Daí que a historiografia da arte em Portugal, salvo raríssimas excepções, seja amadorística, amorfa e sujeita a esquemas mentais oitocentescos. E que a bibliografia seja pouco menos que nula.

E eu continuo o inventário, falando-vos da falta de exposições internacionais devidamente programadas, referindo-me a galerias bem-intencionadas mas que, por falta de mercado, não podem assumir uma função de «marchand», e que pretendem existir nos dias de

hoje, absurdamente fora de circuitos internacionais. E referindo-me à falta de orientação, com determinação prioritária de um sistema de bolseiros (artistas e estudiosos de arte) a instruir no estrangeiro.

Continuarei ainda, contando-vos o seguinte: que em 1962 a UNESCO pretendeu instalar em Portugal um arquivo internacional de arte contemporânea que completaria um centro internacional de pesquisas a instalar em Paris. A dupla instituição seria dirigida, em alto nível, pelos maiores historiadores e críticos de arte do nosso tempo, como Francastel, Argan, Starzinski, Shapiro. Empenhei-me nesse projecto estreitamente colaborando como Prof. Lourival Machado que então dirigia o departamento das actividades culturais da UNESCO e que, brasileiro, com muito gosto dava essa oportunidade ao nosso país. Em vão a pretendeu dar; em vão ele e eu tentámos estabelecer contactos officiosos; em vão se chegou a reunir em Paris o estado-maior da projectada instituição, uma dezena de pessoas vindas de universidades americanas e europeias... Nenhum apoio nenhuma aprovação se conseguiu em Portugal.

E é impossível, fazer em abs-

tracto, ideia do que viria a representar para a cultura e para a vida artística portuguesa este organismo — mas pode pensar-se que, dentro de meia dúzia de anos a contar de então (ou seja já neste momento), Lisboa, ponto de vinda obrigatório para quem quisesse estudar em arquivos a arte dos últimos cem anos, se tornaria (ou tinha tornado) um centro intelectual de primeira importância dentro do domínio da historiografia da arte, com todas as consequências práticas que daí viriam, para o nosso meio.

Ao querermos falar em volta desta mesa, da situação das artes plásticas em Portugal, não poderia deixar de vos contar, pela primeira vez, estes factos com que biográficamente me honro — e desiludo... Uma situação, á mingua de coisas positivas, pode ser especialmente definida pelas coisas negativas. Como esta que, numa pesquisa sociológica, adquire um notável e aflitivo significado. E um grave poder acusatório.

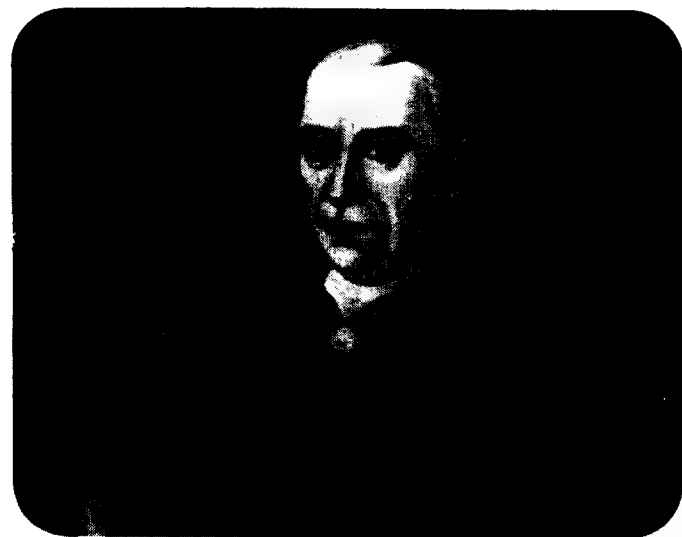
Creio, de resto, que este Encontro só pode pretender acrescentar dados para tal ou tais pesquisas — criando ao mesmo tempo a vontade de remediar ou de alterar a situação em que nos encontramos.

Ao aceitar o convite dos organizadores do Encontro, preparando este depoimento, li páginas antigas, recordei pesquisas já realizadas, sugestões publicadas, advertências feitas. Vi, por exemplo, que em 1958 (para não ir mais atrás) escrevi: «o pior problema que os bolseiros têm de encarar, espera-os no regresso». E: «O artista português só encontrará salvação na sua terra, quando o ambiente puder mudar». E também: «a situação da arte portuguesa depende da criação duma cultura artística — e esta só se forma com o ver muitas obras de arte». Propunha eu então um programa de exposições internacionais, bienais ou não, devidamente organizadas, sugerindo cuidados a ter com os bolseiros, uma política de fomento no exterior. E constatava que, tal como as coisas se apresentavam, «só restava uma salvação ao pintor: a de emigrar, como em sucessivas gerações fizeram Amadeo, Vieira da Silva e Fernando Lemos». Enumerava estes nomes há dez anos; dez anos depois, muitos outros teria que juntar à série; e mais uma vez os melhores de cada idade. Parece poder concluir-se que, afinal, a solução era mesmo **emigrar** ontem como hoje... E podemos afirmar sociologicamente que, no domínio que aqui nos ocupa, **a emigração é o principal facto da vida artística portuguesa nos últimos dez anos.** Uma emigração que toma as proporções assustadoras duma hemorragia, com consequente empobrecimento do capital cultural da Nação e do seu rendimento.

Uma hemorragia porém necessária ou fatal! Eu próprio, em vários anos de Paris que se seguiram à data em que escrevi, pessoalmente essa necessidade, provei podendo adquirir então um estatuto profissional que em Portugal me estava vedado.

Foi em Paris que, em 1962, escrevi para uma revista universitária francesa de estudos portugueses um longo ensaio «é bauche d'une enquête», no qual pretendi marcar pontos a investigar, marcando também certas interrogações. Referindo-me à Fundação Gulbenkian, existente então há apenas cinco anos escrevi: «não dispondo ainda o investigador de recuo suficiente para examinar as actividades desta instituição, afirm de nelas descobrir um programa, o problema está em saber em que medida a Fundação conseguirá escapar à fraqueza das estruturas culturais da Nação que engendra hábitos de improvisação, em que medida conseguirá ela preencher a lacuna dum pensamento sociológico, resolver a falta de quadros». E acrescentei: «Esta é uma questão sem dúvida muito importante porque se pode pensar que da maneira como esta instituição vá agir, depende, em larga medida, o futuro próximo das artes plásticas em Portugal, na sua relação com a sociedade portuguesa».

Durante um ano trabalhei sobre o inquérito esboçado nas referidas páginas, de modo a apresentar, para o diploma de Sociologia da Arte da Ecole des Hautes Etudes, uma tese sobre a arte na sociedade portuguesa no século XX, que foi orientada e discutida por Pierre Francastel. Ao longo de pouco mais de 200 páginas, procurei esclarecer alguns dos problemas que acabo de abordar convosco, e outros que se impõem ao pesquisador. E um trabalho de história, isto é de interrogação e de explicação — e de relação. Está nos meus planos voltar oportunamente a este assunto com uma



Machado de Castro

informação mais abundante, entretanto reunida, publicando-o então. Não vos esconderei porém que o texto em questão termina sobre o problema da participação da arte nacional na definição do século XX — e vice-versa. E este é o problema axial em qualquer domínio da história da cultura. Mais uma vez repito que se trata de um problema de **relação**, de convívio internacional.

Mas para conviver internacionalmente, é preciso saber bem se comportar, bem se organizar e bem se conhecer. Um Encontro de Críticos de Arte promovido em Março de 1967 pretendia, justamente, através das suas sessões de trabalho (em que aliás participaram colegas aqui presentes), contribuir para a organização e para o conhecimento da vida artística portuguesa. Não cabe aqui falar nas curiosas e bem significativas reacções que provocou — mas apenas lembrar as suas noções. Pedia uma delas que a Sociedade Nacional de Belas Artes, casa dos artistas, fizesse estabelecer um programa de actividades correspondente a novas necessidades socio-culturais; pedia outra que a Fundação Gulbenkian programasse uma sequência de exposições internacionais em Portugal; outra ainda que a secção portuguesa da Association Internationale des Critiques d'Art, hibernante deste sempre, se reestruturasse de modo a poder ter um papel na vida portuguesa; sugeria uma quarta moção que os jornais entregassem a sua rubrica artística a especialistas; outra, que se fizessem pesquisas específicas no domínio da estética arquitectónica. E, finalmente, propunha uma moção, apresentada por mim, e dirigida à Fundação Gulbenkian, que se inquirisse devidamente a situação da vida artística portuguesa. A aceitação, de princípio, desta última moção, pode constituir uma primeira resposta a interrogações que eu formulei, há cinco anos, a propósito da Fundação.

Não se conhece ainda o resultado prático destas moções votadas pela unanimidade dos presentes dum Encontro que decorreu no meio de grande e algo inesperado, interesse. Apenas pode supor-se que algumas delas são inoperantes — não esquecendo porém que essa própria inoperância é significativa e termina assim por ser operante, através dum processo de esclarecimento...

De qualquer modo, abriu-se uma situação positiva, isto é uma situação virada ao futuro — e, ao cabo de muitos séculos (volte a ler-se Francisco de Holanda), parece ter-se entendido uma necessidade de programação

Programação e relação são as palavras-chave deste depoimento que me pediram; nos conceitos que elas cobrem reside sem dúvida o caminho seguro para a reforma que se impõem na vida artística portuguesa. Ou ela continuará ao sabor de empirismos ocasionais e comodistas, dentro dum inculto e bisonho ensinamento lusitano, num mundo e num tempo sem fronteiras.

Mas, para lá chegarmos, a outro conceito temos de prestar atenção, combatendo-o com toda a energia.

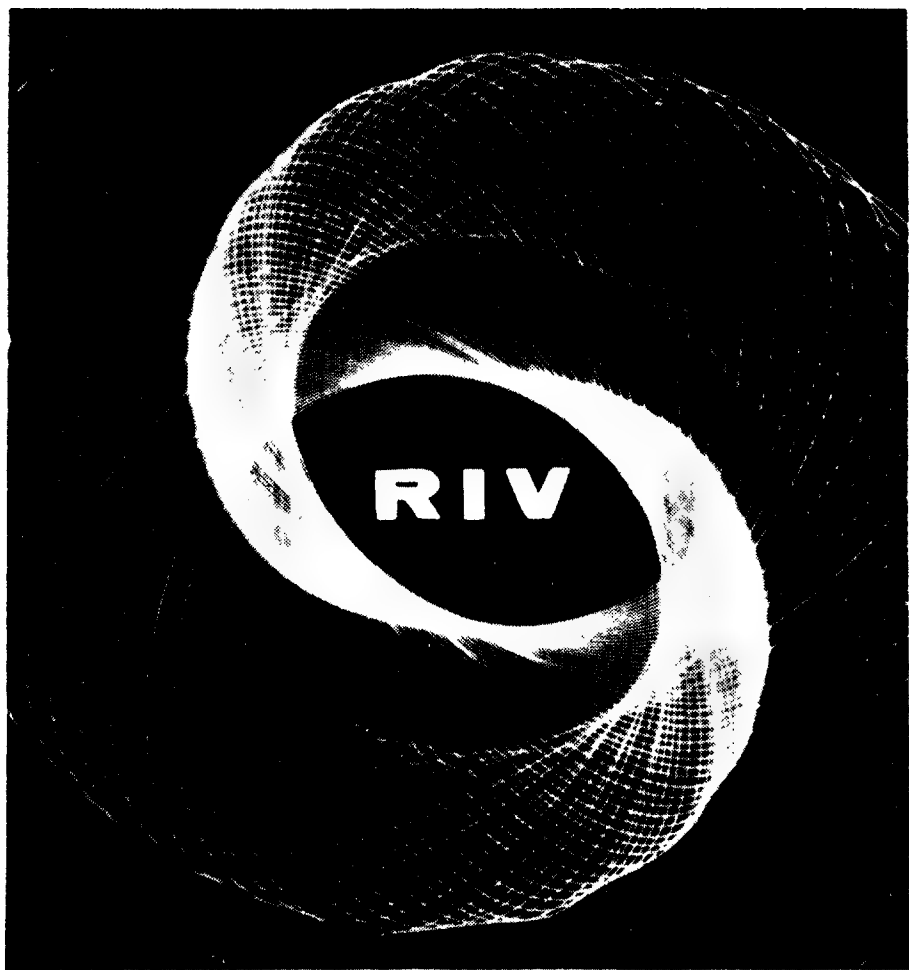
Volto a falar-vos de Machado de Castro dizendo que «um astro maligno persegue as Belas Artes» em Portugal. Não acreditamos já hoje em «astros malignos» (embora tantos azares observados pudessem inclinar-nos a tais crenças...) mas nas «Belas Artes», nessas acreditamos ainda.

Continua-se a pensar, dentro da sociedade portuguesa, nas esferas oficiais e fora delas — em termos de «Belas Artes», que datamos de há 300 anos ganharam um teor definitivo em meados do século XIX. No domínio da estética, os esquemas mentais e sensitivos, da grande e mais significativa maioria dos Portugueses, continuam organizados em torno de uma definição e de uma classificação que já não corresponde a nada nem quanto à criação actual nem quanto à leitura actual da criação do passado. Veja-se a quantidade de coisas que se chamam de «Belas Artes» neste país: escolas, sociedades, comissões, instituições, departamentos, secções... e ter-se-á uma aflitiva imagem dum desfazamento cultural da sociedade portuguesa que nada (ou quase nada) pode compensar. Ora, **enquanto se pensar «belas artes» podemos estar certos de que nada de positivo será possível organizar.** Nenhum programa válido poderá ver a luz, nessa condições, nem qualquer relação se estabelecer com centros culturais que ao **conceito** adjectivo em questão estejam substituindo (desde a Bauhaus!) o **conceito substantivo** de «artes visuais», em que a estética contemporânea que baseia.

...Ilusão minha, esta, de lá chegarmos? Incurável pessimismo o meu, desconfiando de lá chegarmos a chegar? Nem uma coisa nem outra, com certeza: vinte anos de luta, muitos prejuízos sofridos e a sofrer, que só uma independente teimosia compensa levam-me a ser realista. E, como realista, a acreditar no processo histórico — isto é, no futuro. Apesar do passado e do presente.

Dezembro, 1967

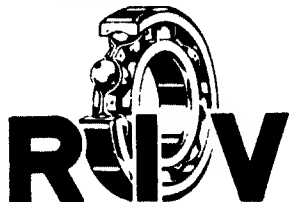
JOSÉ AUGUSTO FRANÇA



rolamentos

■ 60 anos de experiência na produção de rolamentos de todos os tipos e dimensões

■ um produto de alta qualidade que satisfaz a técnica mais avançada



AUTO~LUSITANIA

AV.ª DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA

O PROBLEMA DAS RENDAS DE CASA

polémica

Intervenção de M. Roque Laia e Antônio Rodrigues de Oliveira CONCLUSÃO DA RESPOSTA AO SR. JOSÉ POIARES

III PARTE

f) Claro é que não vou responder, linha a linha, à carta de V. Ex.; não, por falta de verdade. Mas, o espaço do «Diário de Lisboa» é precioso, não pode — nem deve — ser monopolizado por um só, além do que, a escrever quanto tenho vontade de dizer-lhe e deveria ser dito, então... então, de outro não teria V. Ex. resposta.

De resto, a carta de V. Ex. nada traz de novo, e mói e remói todos os estafados temas e argumentos que os senhorios usam na sua habitual cantilena. Porém, devo dizer-lhe que continua errando quando torna o nível dos preços das rendas correlativos e dependentes do montante dos vencimentos. A casa, construída há 30 ou mais anos, tem alguma coisa com o vencimento que hoje auferam, pelo seu trabalho, os arrendatários dela? Tem, essa casa, alguma coisa com o preço da construção de hoje, com o valor dos terrenos que hoje se praticam?

Veja só: quanto custava há 30, ou mais anos, a construção dum auto carro? Quer V. Ex. que o preço dos bilhetes de hoje, sejam aumentados

na mesma proporção em que aumentou esse custo? Pretende que o preço desses bilhetes, do pão, da energia eléctrica, seja, não o do valor do produto e do serviço, mas o do ordenado, vencimento, ou rendimento do utente?

Dispõe V. Ex. e os demais senhorios a pagar mais caro esses custos, para que os pague mais baratos os que não têm rendimento, nem recebem rendas?

g) As demolições não são devidas ao custo dos terrenos nem à maior valorização destes.

O Estado já o reconheceu, publicando disposição legal que não admite demolições.

Efectivamente, o art.º 55.º do Decreto-Lei n.º 576/70 de 24/11/70 restringe o direito a estas e o uso dessa faculdade, impondo às Câmaras normas de ponderação. Porém, qual a Câmara Municipal que cumpre tal disposição legal? Nenhuma!

Os prédios são demolidos para que, despejados os inquilinos que os habitam, novas rendas sejam fixadas pelas novas preços especulativos.

O pardieiro velho e infecto, fica de pé; belos prédios cheios de sol, em belas avenidas são demolidos.

De repente, o arrendatário desalojado vê-se sem casa; e, irónica e satânicamente, só para «mais lucro do senhorio» oferecem-lhe em troca de uma ampla casa, com divisões suficientes e renda equitativa, dois ou três cacifos — onde não cabem nem a família, nem os móveis, e pedem-lhe quatro ou cinco contos mensais de renda!

Os inquilinos pretendem grandes indemnizações — para o facto de se perder a

ilicitude — social, do lucro e da sua razão de ser.

Responder-lhe-ei que o arrendatário só tem a pagar o «preço» da ocupação que a casa lhe proporciona — e nada mais — sendo até essa a única obrigação que decorre do actual Código Civil, apesar do muito que ela tem de pró-senhorio e contra-inquilino.

A propriedade entrada no mercado do arrendamento tem de sofrer as limitações

Por
M. ROQUE LAIA

casa que se ocupava, onde não raramente se nasceu, no local onde o desalojado tem o seu crédito firmado nos estabelecimentos, o seu viver comunitário, próximo do local de trabalho, só para que o senhorio realize um grande e óptimo negócio?

Se a lei obrigasse — como devia — a proporcionar casa idêntica à demolida em vez da simbólica e mísera indemnização, então, já não haveria lugar a pedidos de indemnização, nem a tão desenfreadas e loucas demolições.

h) Não é verdade como V. Ex. afirma que o comerciante-senhorio tenha o direito de receber rendas (lucro) da sua propriedade em função do capital investido.

Se essa fosse a razão legal, moral e social do «preço-renda a pagar pelo utente, nenhuma razão haveria, então, para que se cobrasse renda» daqueles prédios cujo capital está já amortizado — em alguns casos muitíssimas vezes amortizado — pelos prédios herdados, doados e nem sequer pelos prédios propriedade das Caixas de Previdência (?), Santas Casas da Misericórdia (?), ricas fundações e semelhantes.

Não vou abordar aqui o problema da licitude — ou

consequentes dos grandes benefícios e lucros que lhe são concedidos. Essa propriedade insere-se naquela propriedade que a enclética «Rerum Novarum» classificava de «acomodada ao bem comum».

i) A Associação dos Inquilinos Lisbonenses, não tem senhorios como sócios, ao contrário do que V. Ex. suspeita.

Pois, se ela é de «inquilinos» como poderia ser, também, de senhorios? Estes têm a sua Associação, na qual V. Ex. tem feito frequente presença, e longas preleções.

Mas, sabe V. Ex. que, sempre que os sócios da A. dos Inquilinos «explorem» propriedade urbana, não lhes é concedida assistência jurídica e são convidados a demitirem-se, quando o não são oficialmente. Que um sócio da A. I. L. não tem o apoio dela — nem o auxílio — para o despejo de um hóspede, mesmo que na «fixação da percentagem da renda a cargo deste o sócio não tenha excedido os justos e devidos limites?

Porque não leu os Estatutos da A. I. L. antes de sobre ela falar? Não era mais leal e não evitaria a dar a impressão de que er-



rou propositadamente...

Sabe V. Ex., que não há classe de «senhorios», nem classe de arrendatários, pois uns e outros constituem um mero «grupo», dentro da classe a que respectivamente pertencem. Diz V. Ex. que eu reduzo todos os senhorios ao mesmo denominador comum... classe possidente, na qual desfrutam posições políticas, económicas, sociais e... privilegiada situação.»

Eu reduzo na verdade, todos os senhorios ao mesmo denominador comum e não pode deixar de ser assim.

— Pois se, de facto, eles pertencem a toda uma e mesma «classe», qualquer que seja a «camada» de onde vêm.

Quando a eu ter despejo por não ser senhorio não se iluda sr. José Poiarés! Tivesse eu «mentalidade», «temperamento» de senhorio, o de há muito, de certeza que o era, e até por herança...

Mas... cada um de nós é como é (o Senhor de La Paillière diria o mesmo) e eu sou, por formação ideológica, por temperamento, e por outras razões, contra privilégios e situações como as que motivam e decorrem da actual ausência da fixação das normas do Direito à Habitação.

j) Já numa anterior resposta a uma carta publicada no «Diário de Lisboa» eu expliquei que só por razões de ordem política, económica e social, o Governo de então entendeu, à data da publicação da Lei n.º 2030 — Junho de 1948 — isentar as habitações das cidades de Lisboa e Porto das avaliações quinquenais.

Ora, razões específicas destas duas cidades — entre as quais avultam os maiores

custos de géneros e serviços, maiores rendas, maiores rentabilidades para os prédios — não se atenuaram desde então, antes se agravaram. Eis porque, apesar de tudo, eu não acredito que o Governo actual cometa um tão grave erro, derrogando essa isenção.

É que, em certos problemas, os erros pagam-se muito caro e não há possibilidades de emendar as consequências desses erros.

O problema habitacional é um deles.

Os erros de hoje, forçarão a soluções muito mais onerosas e difíceis, no futuro.

l) Escreveu V. Ex. sobre os inquilinos que exploram a casa.

Já reparou que a «exploração» de uns, pelos outros, se desenvolve em cadeia? Qual o remédio? Acabar com toda e qualquer exploração.

Desde que o senhorio explora o arrendatário, este, tendo necessidade de se defender e de se ressarcir, precisando de pagar a renda, tem de explorar a habitação. Assim, essa «exploração» de que V. Ex. fala é — na quase totalidade dos casos — a consequência do elevado preço das rendas.

Na maioria dos casos o senhorio até já contou com ela ao fixar a renda inicial. Pois, ao pedir-se 3 contos (e mais) por uma casa de 3 divisões assalhadas a um arrendatário que tem de ordenado — isso ou pouco mais, quando tem — e ainda a família a sustentar, o que se espera? Que ele dê todo o vencimento ao senhorio e morra de fome, conjunta-

Continua na pág. dez

PEQUENO REPARO

Por ANTÔNIO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Dada a abertura que o «Diário de Lisboa» está a conceder à polémica sobre rendas de casa, na «Mesa Redonda», não resisto à tentação de fazer um pequeno reparo às considerações produzidas pelo sr. E. Rodrigues da Silva sob o título «A situação dos senhorios», em 2.º do corrente mês de Julho.

Com certeza que este sr. não conhece o problema, porque naturalmente não é senhorio, e ignora o estudo do mesmo feito a nível oficial, que foi publicado no n.º 167 do Boletim do Ministério da Justiça, em Junho de 1967, e outros que se lhe seguiram.

Se os conhecesse, não diria que o projecto de lei vai prejudicar muitos milhares de famílias, pois que o número destas, sacrificadas ao absurdo regime de excepção imposto às cidades de Lisboa e Porto, e que são as famílias dos senhorios de rendas antigas e as famílias que beneficiam, nem se sabe porquê, de rendas situadas entre 20\$00 e 50\$00 — situação flagrantemente imoral que o projecto de lei combate precisamente com vista à defesa das famílias sacrificadas, facultando a todos o recurso à avaliação para se determinar o justo valor das casas habitadas.

Aliás, a disposição legal de que resulta aquele regime foi pelos deputados de 1948 aprovada com carácter transitório e ninguém tem de estranhar que ao fim de 24 anos de graves prejuízos,

que chegam a atingir duramente o próprio património imobiliário da Nação, se ponha termo a uma disposição de lei nitidamente de transição.

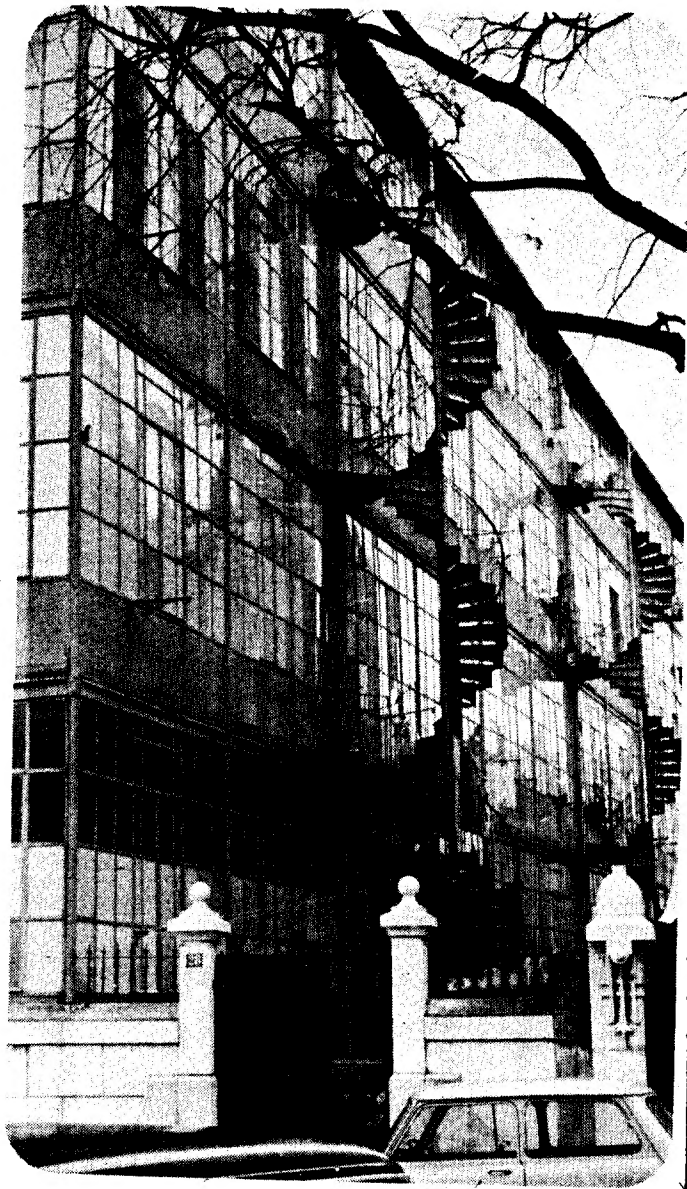
O Estado, que somos todos nós, não tem acudido a este e aquele que sofrem prejuízos, como não acode aos proprietários. Estes é que lhe acudiram, ajudando-o substancialmente a possibilitar o exercício do direito à habitação mediante o investimento do produto do seu trabalho na construção de prédios.

Se pode classificar-se de sórdida a aplicação de capitais nestas condições, torna-se curioso conhecer como classifica o sr. Rodrigues da Silva o procedimento dos inquilinos que escolheram investimentos bem mais rendosos e pagam rendas irrisórias.

Os srs. deputados não têm que preocupar-se com quem os elegeu, nem com os interesses particulares de quem quer que seja, mas tão só com o interesse geral do País.

O sr. Rodrigues da Silva, se quer tratar deste problema de rendas de casa sujeitas a congelamento, tem de conhecê-lo em toda a sua extensão, averiguando toda a espécie de especulações que se praticam, e quem as pratica, não se deixando influenciar pela demagogia — que essa... até tem quem dela faça modo de vida!

Agradecendo a publicação destas considerações, me subscrevo com a maior consideração





HITACHI

ar condicionado



BONNEVILLE OLIVEIRA

PORTO • RUA DE CAMÕES, 310 • TELEF. 22104
LISBOA • AV. 24 DE JULHO, 78-B • TELEF. 678050

RENDAS DE CASA

Continuação da página nove

mente com a família? Ou V. Ex. desconhece que a toda a causa corresponde um efeito?

Deixem os senhorios de explorar os arrendatários, e estes não terão de se servir do mesmo meio — a casa — para poderem resistir a essa exploração.

m) Quanto ao facto dos inquilinos que retêm na sua posse a casa de que já não necessitam por terem ido gozar (?), como V. Ex. diz, a aposentação, esse argumento só prova que o sr. José Poiars, nada tem lido do que eu tenho escrito sobre o assunto.

Oiga então: tanto no meu referido Projecto do Código de Inquilinato Urbano, como em artigos vários, aponto — sempre — esse facto como um dos únicos dois que legitimam e justificam o despejo. Outro é a sublocação total da casa.

Aquele facto, representa açambarcamento; este último, especulação, pela introdução de um intermediário no ciclo normal senhorio-inquilino e tem, como consequência, aumentar o preço da renda a pagar por este. A própria Associação dos Inquilinos Lisbonenses não concede assistência jurídica em casos em que o pedido de despejo se funda em qualquer dessas duas circunstâncias.

Como V. Ex. vê, é sempre mau falar — ou escrever — sobre o que não se conhece.

Esta resposta vai — apesar de incompleta — longa de mais. Só quero dizer-lhe, mais o seguinte:

Li o infeliz manifesto de que fala e em que um qualquer senhor escreveu que a troca dos inquilinos terem votado na U. N. o Governo não devia consentir no aumento das rendas.

Mas, que impressão lhe causou tal manifesto?

A mim — e aos demais que nos batemos com honestidade, lealdade e clareza por um problema humano, moral e social e que não «mercadejamos» — ficou a impressão de que se tratava do mani-

festo dum agente provocador, destinado, precisamente, a desvirtuar o problema e a permitir críticas como as de V. Ex.

— Em vez de se reclamar um direito social, propunha-se a paga de mais um negócio eleitoral... Mas, que surpresa pode isso constituir para os que atentem no que se passa entre nós?

Quanto à «coragem» de que V. Ex. fala nas últimas linhas da sua carta é, na verdade, precisa e muita: — fazer tábua rasa dos legítimos interesses e direitos cuja defesa é conteúdo da função tomada, nem sempre é fácil... Porém, isso é com a consciência de cada um.

V. Ex. classifica o facto — segundo se deduz — de «charlatanismo», pois, no contexto da sua carta não vejo outro objecto possível a que nessa classificação possa ser aplicada. Assim, não sou eu, quem discorde dela. Detesto os que traem as missões de que se encarregam.

Não concordo, porém, que, como escreve, as massas se agradem dos «charlatões»; elas já começam a aprender a distinguir e a saber quem são os que, na verdade, representam e defendem os seus legítimos interesses e direitos, e os que se servem dela para interesses próprios e dos grupos a que pertencem. Mas, descanse V. Ex.: — tudo se esclarecerá a seu tempo. Lamento o espaço que V. Ex. me obriga a roubar ao «Diário de Lisboa». A carta de V. Ex. nada trouxe de útil, de novo, para a discussão do problema habitacional. Além das insinuações pessoais — que muito me divertiram — foi, única e simplesmente, mais uma defesa da especulação e da exploração que alguns senhorios fazem da necessidade pública de arrendar casa.

Porque o fez V. Ex.?

V. Ex. o sabe! E os nossos leitores, também...

Porque não sou hipócrita, não lhe apresento cumprimentos.

M. ROQUE LAIA



**Jovens de 10 a 21 anos
25% de redução
Para as vossas viagens
internacionais**

RAIL EUROP JUNIOR

Caminhos de Ferro Portugueses

MERCADO DO PAPEL

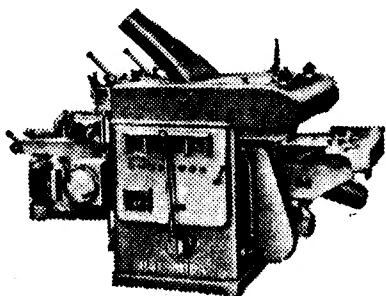
Segundo a Associação Sueca de Polpa e Papel, durante o período Janeiro-Setembro de 1971, as vendas de polpa química da indústria Sueca, tanto para o mercado interno como para o externo, elevaram-se a 2,3 milhões de toneladas, ou seja, menos 17,4 por cento em relação ao mesmo período do ano anterior.

Acontece que perto de três quartas partes das exportações suecas de polpa química vão para os países do Mercado Comum Europeu e para a Grã-Bretanha, mercados que durante esse período baixaram as suas importações em mais de 400000 toneladas, ou seja, 23 por cento.

Ainda dimanado do relatório da mesma Associação, a produção de papel, cartão e cartolina da Suécia durante os primeiros nove meses de 1971 baixou quase 4 por cento, fixando-se em 3,12 milhões de toneladas. A percentagem geral, entretanto, disfarça uma queda de 10 por

cento na produção de papel cresceu 4 por cento, ao passo que a de cartão aumentou 6,6 por cento.

«MIDA»



PLAINA DE 4 FACES

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

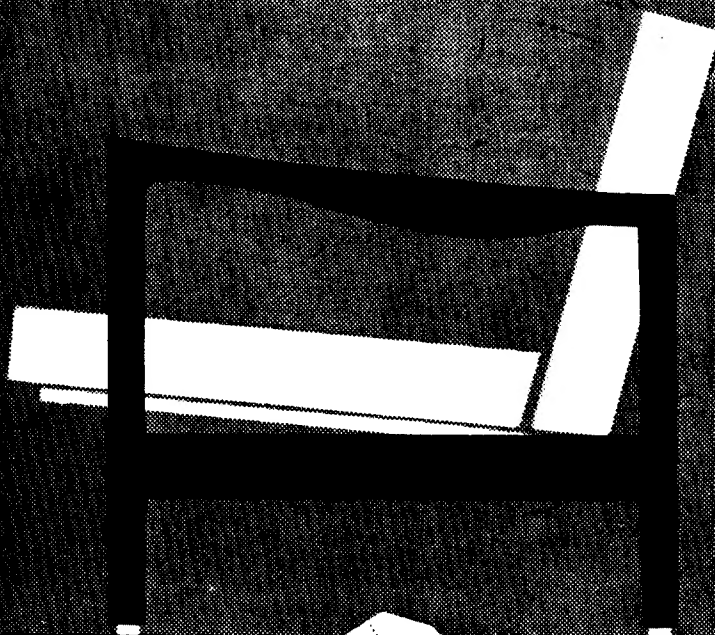
FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

UMA FÁBRICA
ALTAMENTE
ESPECIALIZADA
NO FABRICO
DE MÁQUINAS
PARA AS
INDÚSTRIAS
DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

abertura na cidade



Vai inaugurar a sua
FILIAL DA ESTEFÂNIA

QUALIDADE EM MOBILIÁRIO
AO RITMO DO PROGRESSO

JOSE OLAIO & Ca (FILHO) Rua da Atilaia 38 Lisboa

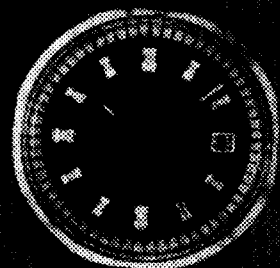
ref. 31006

Meangraf — calendário 100% estanque



ref. 84103

Automático — calendário
dia e data 100% estanque



ref. 84104

Automático
calendário dia
e data 100%
estanque



ref. 83010

Automático
calendário



YEMA
International

À venda nas boas relojoarias com garantia internacional

Concursos para Admissão de Médicos dos Quadros Clínicos das Instituições de Previdência

Estão abertos de 12 a 31 de Agosto de 1972 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Av. Dr. Lourenço Peixinho, 110 AVEIRO	Posto Clínico de Couto de Cucujães	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Bragança Pr. Dr. Cavaleiro de Ferrelra BRAGANÇA	Posto Clínico de Bragança	Clínica Médica
	Posto Clínico de Vimioso	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro Rua Infante D. Henrique, 34, 1.º FARO	Posto Clínico de Portimão	Estomatologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Vila Real Rua Gonçalo Cristóvão VILA REAL	Posto Clínico da Régua	Oftalmologia Otorrinolaringologia
	Posto Clínico de Vila Real	Ginecologia Psiquiatria

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 31 de Agosto de 1972 na Inspeção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos da América, n.º 37-5.º, Esq.º, Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência, de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 10 de Agosto de 1972.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS
DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA.

TURISMO NAS BALEARES

PENSÃO SIMPLES MAS CUIDADA...

Por detrás do balcão junca-
do de folhetos cor de mar e
de sol e bem dispostos em le-
que, a menina da agência era
cortês, sem excessos. Um Ju-
lho já quase passado, blocos
de reservas provavelmente
preenchidos há meses até ao
último talão; de que servia
maçar-se por causa deste se-
nhor mal seguro de si que per-
guntava, tímido: «Uma semana
nas Baleares para uma pessoa
só, uma estadia o mais eco-
nómica possível?»

Os sorrisos, as sugestões, a
persuasão e os pormenores,
estão reservados unicamente
aos outros, áqueles clientes
que entram com um passo de-
cidido para escolher nas colu-
nas mais generosamente estre-
ladas do catálogo das três ou
quatro semanas para duas, três
ou quatro pessoas ao mesmo
tempo, e dali se retiram já com
o bilhete no bolso?

Aquele senhor bastaria es-
tender, com mão distraída, a
respectiva brochura e voltar às
suas ocupações. A ele compe-
tia decifrar sozinho a confusão

convite suplementar à via-
gem...

Texto evocador, promessas
latentes. O clima? «Um dos
mais agradáveis do Mediter-
râneo: no Verão, a brisa do mar
torna os calores muito supor-
táveis...» As distrações? «Ex-
tremamente variadas e, duran-
te todo o ano, numa atmosfera
internacional...» E como resis-
tir à cilada tentadora das «en-

quantia razoável. A «pensão de
família, simples mas cuidada»
não tinha, mesmo que os seus
quartos fossem «pequenos,
mas a maior parte com terraço
e banho ou chuveiro», a vanta-
gem de se encontrar «num
bairro tranquilo» embora «mul-
to perto de um night-club?»
Os «terraços», bar, salão, tele-
visão mencionados pareciam
muito convenientes, bem como

to, a atrapalhão dos novatos
enfrentando a barafunda do re-
gisto, o sorriso confiante daque-
les que estão habituados, o des-
prezo mal disfarçado dos em-
pregados do aeroporto por esta
clientela dos aviões fretados
em bando desordenado. Polícia,
serviços de segurança que vão,
com uma rara ele-
gância de linguagem «permi-
tir-se proceder à palpação...»
Descolagem, ansiedade em
metade dos passageiros que
fazem — vê-se-lhes nos
olhos — o seu baptismo de
voo, e a ilha no final da trajet-
ória.

Maiorca — San Juan, aero-
porto provavelmente único no
seu género, com esta frota de
aparelhos de todos os géneros,
vindos dos quatro cantos do
mundo e exibindo emblemas
desconhecidos de companhias
especializadas em fretamentos
para todos os destinos. Maré
descendente dos semblantes
pálidos, maré ascendente de
braços bronzeados carregados
de «recordações», guitarras,
tamborins, «sombrosos» e man-
tilhas... O autocarro ladeia as
murais construídas pelo ocu-
pante mouro, atravessa a cida-
de, roça pelas carroças e pelas
palmeiras, e deixa à porta de
cada hotel o seu pequeno con-
tingente de viajantes que a
hospedeira — vestida por
Miss Dif — precisava o catálo-
go — acompanha até à re-
cepção.

Talvez que, para preparar
lentamente o cliente re-
cém-chegado a quem o aten-
de doravante, os famosos oi-
tenta degraus da pensão de
que o sr. adivinha o nome, mu-
lto maltratado pelo tempo, no
frontão da fachada, ignoram as
virtudes da vassoura: pontas
de cigarros, papéis amarrado-
dos, restos de vegetais habi-
tam em cada um dos degraus.
Lá em cima, terraço desolado,
cadeiras dobráveis, cujas cor-
reias, partidas na sua maior
parte, pendem até ao chão,
maços de cigarros vazios,
fósforos queimados... Da
pérgola que abrigava antiga-
mente do sol os clientes desta
casa «simples mas cuidada»,
não subsistiu senão a armação,
de madeira e uns farrapos de
tecido do que foi uma cantonei-
ra... O panorama seria ine-
gavelmente «magnífico» sobre

Por J. M. DURAND-SOUFFLAND

cantadoras pequenas bodegas
dos velhos bairros de Palma
sonde se comem excelentes ta-
pas acompanhadas por um
moscatel ou por um palio?»

Tendo, assim, compreendido
que os hotéis nas Baleares pra-
ticam todos «a cozinha dita
«internacional» que raramente
comporta grelhados» e que
hostal contrariamente às apa-
rências, não significa absoluta-
mente «hotel» como poderia
entender-se, mas pensão, e, fi-

o «magnífico panorama da
baía de Palma» anunciado. E
um valentão da sua espécie
não era homem para recluir os
«oitenta degraus sem ascen-
sor» a trepar para atingir a ca-
sa «construída no flanco da co-
lina».

Um telefonema para se certi-
ficar da existência de uma va-
ga no voo do domingo, dia 9,
algumas formalidades a preen-
cher, depósito do sinal: mais
um cliente para a terra prome-



a baía de Palma, na condição,
no entanto, de mandar dinami-
tar primeiramente os quatro
grandes imóveis sorrateira-
mente construídos entre o mar
e o hostal, cuidando de arran-
jar aqui e além algumas setei-
ras pelas quais se possa setei-
ver o mar...

Quanto aumariamente mobi-
lado com uma cama de madei-
ra que só o peso se um grosso
livro é suficiente para o fazer
gritar de dor, armário guar-
da-roupa com cabides de ara-
me que os hóspedes anterio-
res — brincalhões ou vingado-
res? — transformaram metódi-
camente em losangos, uma ca-
deira, uma mesa estilo jardim.
Quanto ao lado sanitário, as
coisas tornam-se ainda piores:
a prateleira de vidro arvora or-
gulosamente as auréolas que
os cremes dentífricos de todas
as nacionalidades metódica-
mente desenharam sobre toda
a superfície. Um lavabo duvi-
do, duas torneiras, uma das
quais deixa correr um fino fio
de água fria, parecendo a outra
condenada. Prepotentemente,
Mas, a partir do dia seguinte,
a torneira de água fria não di-
stribuirá já, durante toda a se-
mana, senão água a ferver.

Não acontece o mesmo em
todos os quartos: estas duas
senhoras belgas que pagaram
o suplemento que lhes dava di-
reito a uma banheira, não po-
derão nunca utilizá-la, pois, não
tem válvula e, apesar dos seus
protestos, nada conseguirão
da gerência. Por outro lado,
queixam-se da água, que se
apresenta perpetuamente fria.
Cada andar tem os seus chu-
veiros — W.C. comuns, tão du-
vidosos como o resto,
mas — no primeiro andar
— dotados, no entanto, de
uma inovação: com o ruído de
uma garrafa que se desarrolha,
a maçaneta do chuvei-
ro — aqui, frio, embora inter-
médio — do manipulo — ge-
ner — por pouco que se tenha
feito rodar a torneira, atravessa
o quarto, libertando um jacto
capaz de aturdir qualquer
pessoa.

Na sala de jantar, com mes-
as tristemente cobertas por
toalhas de plástico branco, as
refeições conseguem desmora-
lizar os mais endurecidos. Dois
exemplos. Este almoço com-

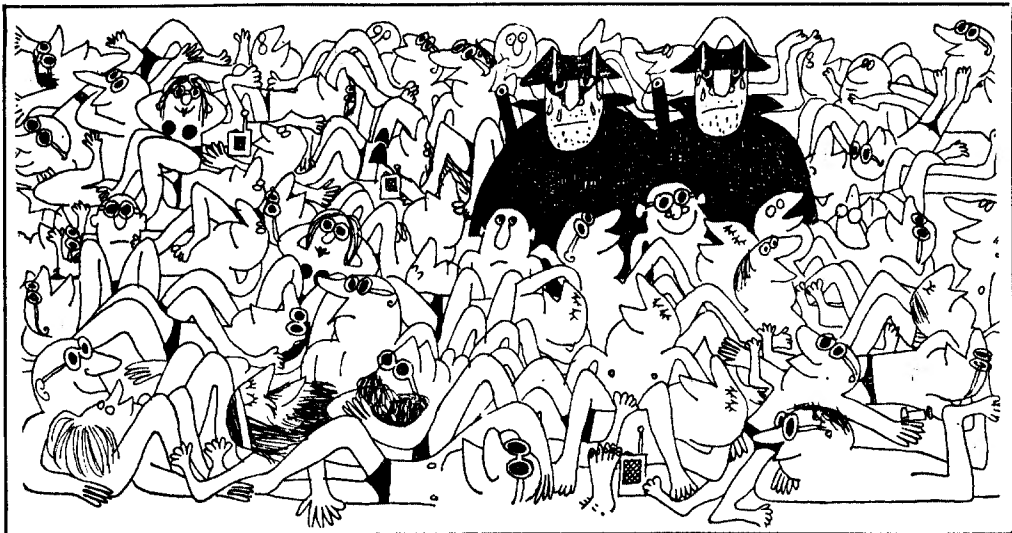
posto por uma «entrada» (me-
tade dum ovo excessivamente
cozido, uma rodela de tomate,
duas colheres de batatas às
quais se agarraram umas
geliqúas de cenouras) e de
um «prato» (frango certamente
amador de farinhas de peixe,
flanqueado por onze farrapos
de carnes frias), rematando
com uma laranja minúscula.
Ou este jantar sórdido: sopa
fria, duas almondegas de peixe
e uma batata cozida (ao vapor)
fria, e um pudim de «flan» a
tremor de vergonha sobre o pi-
res... Ou os pequenos almoços:
café (?) e leite deitados direc-
tamente para a chávina por
fervedores de alumínio, pão
duro — mas por conta — man-
teiga intragável.

O SOL À PORTA FECHADA

Para atingir a cidade, 3 qui-
lómetros e meio. Para encon-
trar um lugar na grelha do
imenso assador onde os técni-
cos do bronzeado cozem lenta-
mente, 5, 10 ou 12 quilómetros
a percorrer em cada sentido,
em autocarros pouco custosos
mas repletos, nos quais a po-
sição de pé se impõe.

Um porta-aviões da mari-
nha americana tinha catapultado
para nós inúmeros bars da
cidade, comandos de marinheiros
em traje civil em busca de
um pouco de sonho regado
com cerveja e com «sangria». Uma
cidade que renunciou há
muito tempo a reconhecer os
seus entre tantas insolações,
umbigos nus apesar das inter-
dições, máquinas fotográficas,
sotaques de todas as partes da
Europa. Diante dos restan-
tes especializados em «paella»,
tendo na montra o pra-
to — amostra, vedeta da ementa,
novas avalanches de viajantes
de pele branca vêm fazer a ren-
dição e substituir nos «pala-
ces», nos hotéis ou nos hostal
as legiões de bronze saciadas
de Sol...

Segundo o costume, as Ba-
leares representam o Sol à por-
ta fechada, certas de encher
sempre a sala. Sol, para todas
as peles, todas as exigências,
todos os preços. O nosso fora
fixado em 615 francos para
uma semana. Foi certamente
bem pouco. Mas, em tais con-
dições, foi ainda demasiado.



das subtilidades cifradas, que
vão de fora da época ao auge
da época, de «estadias mila-
gre» à semana suplementar, e
dos suplementos para isto aos
aumentos para aquilo. Mesmo
que a sua atenção fosse perturbada
pelas jovens beladitas em
exíguos fatos de banho, surgi-
das das vagas a cada subtiliza-
da tabela de preços, como um

nalmente, que este género de
estabelecimento podia ser, se-
gundo os casos, «confortável»
ou... «mais simples», o senhor
escolheu um hostal contempla-
do com uma estrela tranquiliza-
dora.

Os 615 francos pedidos, nes-
ta altura de auge da estação,
para oito dias Paris - Paris, tu-
do incluído, pareceu-lhe uma

tida que conta, desde há anos,
por milhões aqueles que se
deixam prender pelas suas mi-
ragens...

«SOMBROSOS» E MANTILHAS

Le Bourget, 6 e meia da ma-
nhã. As crianças sonolentas
das madrugadas de partida,
um urso apertado contra o pei-

Os «p'cebes» que elas gastam

Já não retam dúvidas a ninguém de que os «p'cebes» se
tornaram numa pragazinha de amplitude nacional. Terminologia
oriunda dos infantários ou dicção trapalhona característica de
crianças com línguas de trapo, eis que por insondável fenómeno
linguístico se integrou nos núcleos das meninas galãozinho
médo-pastelinho de nata, frequentadoras habituais das pastelarias
Benard e Ferrari.

Em ritmo alucinante, o contágio proliferou nas classes de
querresse dos limítrofes armazéns Grandela e Chiado, atingindo
meteórica adesão nos bairros minifundiários da capital. A televisão
por intermédio de programas de enorme audiência popular, tipo
«Curto Circuito» ou «Canal 13», bem assim como através da
rádio em entrevistas concedidas por algumas das vedetas do disco
popularucho, difundiram rapidamente a epidemia pelas paragens
mais recônditas do torrão luso, enriquecendo, deste modo, o min-
guado dicionário do Zé Povinho.

Nos interregnos da maioria das casas de espectáculos do
burgo cosmopolita, tanto no centro como nos arredores, tornou-se
vulgar de «p'cebes» lobrigamos núcleos de entusiastas do snóbico
contágio, com dois dedelhos içados em vé, de volubidade, osten-
tando estrangeirado cigarrelho, ejaculando «p'cebes» em barda,
de quem não «p'cebe» coisíssima nenhuma.

E que deliciosos e variados «p'cebes» se podem saborear
na remota Brasileira do Chiado, a partir das dezassete e trinta
da tarde. A ementa ali apresenta-se apta a satisfazer os mais
exigentes e reentados paladares, através de uma selecção codi-
mentosa «sui Generis».

Todavia, os requintes, a elegância na pronúncia, as piruetas
de sonoridade, os malabarismos nas tonalidades, ainda pertencem
em rigoroso exclusivo às elites musicólogas e às donzelas partici-
pantes assíduas das alvoroçadas tertúlias para lançamento em órbi-

ta comercial de novos autores-intérpretes, em certas discotecas
apeterechadas com o chorudo artesanato de fazedores de mitos
em acetatos envernizados.

Nestas aristocráticas andanças é de boa compostura, no refe-
rente ao sexo frágil, mascarar-se de «twiggy» de magazine, arvo-
rando duas perninhas de rã em corpo ondulante de Isadora Duncan,
numa aprendizagem manufacturada, nem sequer nas ribaltas da
ribalta profissionalizada, mas quando muito no saltitar frouxo
e telecopiado de prováveis candidatas a «miss» qualquer coisa
ou mesmo exótica finalista do concurso turístico-pictórico das
Majas de Portugal, em que — na edição do ano transacto, uma
das concorrentes, respondeu textualmente a uma das perguntas
do repórter: — **Conhece Goya?** — Maria Felismina abre a carteira
(cara) e puxa de um monte de fotografias — **Mas perfeitamente,**
conheço-o perfeitamente. Tirei lá imensos retratos e até aqui
trago alguns. (No reverso das imagens do carimbo: Foto Goyan
Cova da Piedade) Maria Felismina, conclui com dignidade:
Tenho até muito prazer em entrar nesta homenagem a ele!...

E eis que nun país dotado com escassos valores artísticos
de ressonância universal, chegava ao conhecimento dos leitores
mais atentos pela voz autorizada desta Maja, da existência, pro-
vavelmente de natureza reencarnacionista, do genial pintor espan-
hol Goya, na pessoa de um laborioso e inspirado fotógrafo mora-
dor na ribeirinha Cova da Piedade.

Privilegiadas mentalidades que podem associar no seu patri-
mónio intelectual, um Goya-fotógrafo e um Goya-pintor, munici-
das, claro está, com um incommensurável variedade de «p'cebes»
linguísticos, entenda-se. Porque qualquer semelhança com uma
apreciada família de mariscos é pura e grafológica coincidência.

MANUEL GERALDO

